



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade UnB Planaltina (FUP)

Programa de Pós Graduação Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural / PPG-MADER

Educação para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida: um estudo com jovens rurais da Escola Municipal – Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO.

Larissa Moura e Silva Oliveira Hoffmann

Brasília, 2014



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade UnB Planaltina (FUP)

Programa de Pós Graduação Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural / PPG-MADER

Educação para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida: um estudo com jovens rurais da Escola Municipal – Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO.

Larissa Moura e Silva Oliveira Hoffmann

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural / PPG-MADER, Linha de Pesquisa - Educação e Políticas Públicas para o Meio Ambiente e o Campo, Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB Planaltina (FUP).

Brasília, 2014



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade UnB Planaltina (FUP)

Programa de Pós Graduação Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural / PPG-MADER

Educação para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida: um estudo com jovens rurais da Escola Municipal – Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO.

Larissa Moura e Silva Oliveira Hoffmann

Orientadora: Pr^a Dr^a Mônica Castagna Molina
Co-orientador: Pr^o Dr^o Philippe Pomier Layrargues

Banca: Pr^a Dr^a Mônica Castagna Molina
Universidade de Brasília – Faculdade UnB Planaltina – PPG-MADER

Pr^a Dr^a Janaína Deane de Abreu Sá Diniz
Universidade de Brasília – Faculdade UnB Planaltina - PPG-MADER

Pr^a Dr^a Cláudia Márcia Lyra Pato
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação - PPGE

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO RURAL (PPG-MADER)**

Esta dissertação foi aprovada pela seguinte banca examinadora:

**Pr^a Dr^a Mônica Catagna Molina - Orientadora
Universidade de Brasília – Faculdade UnB Planaltina**

**Pr^a Dr^a Janaína Deane de Abreu Sá Diniz – Membro
Universidade de Brasília – Faculdade UnB Planaltina**

**Pr^a Dr^a Cláudia Márcia Lyra Pato - Membro
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação**

Brasília – DF, 10 de junho de 2014

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por estar viva e por ter tido esta oportunidade de mais aprendizados para minha vida pessoal e profissional.

Sou grata ao meu marido Maurício Hoffmann, meu amante e meu melhor amigo. Sem o seu apoio, compreensão e companheirismo, eu não teria chegado até aqui.

Sou grata a meus pais e amigos que sempre acreditaram em meu potencial.

Sou grata a minha orientadora, pr^a dr^a Mônica Molina, pela sua paciência, pelas oportunidades de aprendizado e pelos bons conselhos.

Sou grata ao meu co-orientador, pr^o dr^o Philippe Layrargues, pela sua atenção, carinho e por me apoiar em minhas ideias e sonhos.

Sou grata à pr^a dr^a Cláudia Pato, que quando precisei tirar dúvidas com ela a respeito de crenças, valores e oficinas educacionais, me atendeu prontamente, com muita atenção e carinho. Especial.

Sou grata ao pr^o dr^o Tamiel Baiochi e à pr^a dr^a Janaína Diniz, que mesmo antes de eu ser mestranda neste programa, já demonstravam acreditar em minhas capacidades, me incentivando a fazer mestrado.

Sou imensamente grata aos membros da Escola Municipal Boa Vista: diretora, coordenadora pedagógica, professores e todos os alunos participantes da presente pesquisa. Sou grata pela participação, apoio e receptividade.

Sou grata ao agricultor que foi entrevistado pelas colaborações, atenção e gentileza.

Sou grata à Faculdade UnB Planaltina (FUP) e ao Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (PPG-MADER) pela infraestrutura e qualidade.

Sou grata aos motoristas da FUP que me levaram ao Assentamento Boa Vista algumas vezes, com boa vontade, tranquilidade, atenção, cuidado e disposição.

Sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) / Universidade de Brasília (UnB) pelo apoio financeiro que me proporcionou maior dedicação aos estudos.

RESUMO

Desde a colonização do Brasil houve problemas com o uso e distribuição de terras e riquezas, acarretando desigualdades e problemas sociais, políticos, econômicos e ambientais, e estes, se fazem presentes até os dias atuais. A concentração de terras e riquezas nas mãos de poucas pessoas é um dos principais problemas de nossa sociedade. A Reforma Agrária vem acontecendo no país, mas visualiza-se a necessidade de um redirecionamento no conceito de desenvolvimento. Para um desenvolvimento sustentável averigua-se a importância de mais investimento e políticas públicas para o campo e para a agricultura familiar. Através da agricultura familiar vê-se a possibilidade de crescimento econômico no país e maior equidade. A precariedade no meio rural desestimula jovens a darem continuidade à vida no campo. Estudos já vêm sendo realizados sobre métodos educacionais que estimulem nos jovens rurais o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida. Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar em que medida ações de educação promovidas com jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista – Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO contribuem para o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o método Pesquisa-ação e com as seguintes estratégias metodológicas: Roda de Conversa, Observação Participante, Diário de Campo, Entrevista Semiestruturada, Entrevista Estruturada e Oficinas Educacionais com métodos holísticos de ensino e sensibilização; e com os instrumentos metodológicos: Roteiros e Análise de Dados. Os sujeitos desta pesquisa foram jovens rurais de 14 a 16 anos de idade do 1º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Boa Vista. Os resultados revelam que oficinas educacionais com métodos de ensino que valorize os potenciais dos jovens podem fortalecer crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida. Revelam também que ainda há muita carência de infraestrutura e necessidades básicas no assentamento e que maior investimento e políticas públicas para assentamentos, agricultura familiar e para a juventude rural se fazem necessários e urgentes para auxiliar a permanência dos jovens no campo.

Palavras-chave: Reforma Agrária, Juventude rural, educação, crenças e valores.

ABSTRACT

Since the colonization of Brazil there are problems with the use and distribution of land and wealth, leading to inequalities and social, political, economic and environmental problems. The concentration of land and wealth in the hands of a few people is a major problem in our society. Agrarian Reform is happening in the country, but some people believe in the need of reviving the concept of development. Sustainable development requires more investment and care for public policies in the country areas and the farmers. Through farming there are possibilities of economic growth in the country, and greater equity. The precariousness in rural areas discourages young people to do continuity in the country life. Studies have already been conducted on educational methods that encourages the rural youth in strengthening beliefs and values in relation to the countryside, life and themselves. The present study aimed to analyze the extent to which actions promote education to the rural youth in the County School Boa Vista - Boa Vista Settlement. Padre Bernardo/GO contributes to stimulate this strengthening. To do such study, we did a qualitative research performing the following program: Action Research , Conversation time, Group Observation , Field Notes, informal interviews and Educational Activities using holistic approach to teach and achieve awareness. We also used methodological tools: Roadmaps and Data Analysis . The subjects were rural youth between 14-16 years old from the 1st year of high school of the County School Boa Vista. The results show that educational activities using teaching methods that values the potential of young people can strengthen beliefs and values in relation to themselves and the country life. It also confirms the lack of infrastructure and basic needs mentioned above to stimulate and keep the rural youth in the country areas proving the point of necessary and urgent help in this important matter.

Keywords: Agrarian Reform, Rural Youth, education, beliefs and values.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Visão do pátio interno da Escola Municipal Boa Vista.....	60
Gráfico 1: Categoria “conhecimentos sobre o meio ambiente e sua relevância”.....	80
Gráfico 2: Categoria “maiores dificuldades ambientais do assentamento”.....	80
Gráfico 3: Categoria “ações ambientais no dia-a-dia” – quais ações você faz.....	81
Gráfico 4: Categoria “ações ambientais no dia-a-dia” – ações de cuidado consigo e com o meio ambiente.....	82
Gráfico 5: Categoria “problemas socioambientais no assentamento” – maior problema no assentamento.....	82
Gráfico 6: Categoria “lazer” – o que mais gosta de fazer quanto tem tempo livre.....	83
Gráfico 7: Categoria “lazer” – quanto tempo por dia assistiu TV.....	84
Gráfico 8: Categoria “lazer” – utiliza computador.....	84
Gráfico 9: Categoria “lazer” – quanto tempo utiliza diariamente computador...	85
Gráfico 10: Categoria “expectativas para o futuro – êxodo rural” – após concluir o ensino médio pretende voltar a morar no assentamento.....	86
Gráfico 11: Categoria “qualidade de vida” – qualidade de vida é.....	86
Gráfico 12: Pergunta – acredita que é possível viver no assentamento e realizar seus sonhos.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Segunda Roda de Conversa.....	76
Tabela 2: Terceira Roda de Conversa.....	78
Tabela 3: Expectativas para o futuro – êxodo rural.....	88
Tabela 4: Positividade das oficinas desenvolvidas para a vida pessoal e para a permanência no campo.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
JUSTIFICATIVA	14
OBJETIVOS	16
Objetivo geral	16
Objetivos específicos	16
CAPÍTULO I- QUESTÃO E REFORMA AGRÁRIA	17
1.1. Questão Agrária.....	17
1.2. Reforma Agrária	21
CAPÍTULO II - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E JUVENTUDE RURAL	27
2.1. Desenvolvimento sustentável	27
2.2. Juventude rural	31
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÃO	37
3.1. Crises e problemas estruturais para a educação e para o planeta	37
3.2. Educação para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida.....	42
CAPÍTULO IV - CRENÇAS E VALORES	47
4.1. Crenças	47
4.2. Valores	52
CAPÍTULO V - METODOLOGIA DA PESQUISA	57
5.1. Abordagem metodológica.....	57
5.1.1. Pesquisa-ação	57
5.2. Contextualização	58
5.2.1. O Município de Padre Bernardo e os Assentamentos de Reforma Agrária. 58	
5.2.2. Assentamento Boa Vista	59
5.2.3. Escola Boa Vista.....	59
5.3. Sujeitos participantes da pesquisa	60
5.4. Estratégias metodológicas	60
5.4.1. Roda de Conversa	61
5.4.2. Observação Participante	61
5.4.3. Diário de campo.....	61
5.4.4. Entrevista Semiestruturada.....	61
5.4.6. Oficinas educacionais com os jovens para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida	62
5.4.7. Procedimentos	63

5.5. Instrumentos metodológicos	66
5.5.1. Roteiro da Roda de Conversa	66
5.5.2. Roteiro da Observação Participante.....	67
5.5.3. Roteiro da Entrevista Semiestruturada	67
5.5.4. Roteiro da Entrevista Estruturada (questionário aberto).....	67
5.6. Análise de dados	67
CAPÍTULO VI - RESULTADOS	69
6.1. Entrevista Semiestruturada.....	69
6.1.1. Entrevista com agricultor.....	69
6.1.2. Entrevista com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista	72
6.2. Observação Participante	73
6.3. Roda de Conversa.....	74
6.3.1 Primeira Roda de Conversa.....	74
6.3.2. Segunda Roda de Conversa	75
6.3.3. Terceira Roda de Conversa.....	77
6.4. Entrevista Estruturada (questionário aberto).....	79
6.4.1. Primeira entrevista aplicada com os jovens.....	79
6.4.2. Segunda Entrevista Estruturada (questionário aberto) aplicada com os jovens	91
VII – DISCUSSÃO.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	113
Apêndice A – Roteiros das Rodas de Conversa	113
Apêndice B – Roteiro da Observação Participante.....	116
Apêndice C – Roteiro da Entrevista Semiestruturada com agricultor.....	117
Apêndice D – Roteiro da Entrevista Semiestruturada com coordenadora pedagógica da escola.....	120
Apêndice E – Primeira Entrevista Estruturada (questionário aberto) - jovens.	122
Apêndice F – Segunda Entrevista Estruturada (questionário aberto) - jovens.....	126
ANEXO A – Poesias dos jovens e música de um jovem.....	128
ANEXO B – Minis projetos elaborados pelos jovens	134

INTRODUÇÃO

De acordo com Alentejano (2012), desde a colonização do Brasil houve problemas com o uso e distribuição de terras e riquezas, acarretando desigualdades e problemas sociais, políticos, econômicos e ambientais, e estes, se fazem presentes até os dias atuais. A concentração de terras e riquezas nas mãos de poucas pessoas é um dos principais problemas de nossa sociedade.

Segundo Martins (1997), houve na história brasileira vários momentos propícios para uma reordenação fundiária e de riquezas, mas na maioria dos momentos a Reforma Agrária foi impedida por ações de grandes latifundiários. Somente na década de 1990, após grandes manifestações de movimentos sociais em prol da Reforma Agrária é que se iniciou o processo de redistribuição de terras, mas ainda longe de ser uma Reforma Agrária eficaz, pois foram redistribuídas terras sem a menor infraestrutura, sem apoio técnico e sem recursos suficientes para a produção.

Para Ranieri (2003), uma Reforma Agrária eficaz ajuda a equilibrar o crescimento desordenado das grandes cidades, diminui a competição por empregos, inclui famílias no processo de produção, aumenta a oferta de produtos agrícolas para a população urbana e traz maior qualidade de vida a pessoas que antes estavam desempregadas e moravam nas periferias das cidades.

Conforme Brasil et al. (2013), o sistema capitalista tem uma busca por lucro sem ver limites, sem considerar a natureza e as culturas, trazendo prejuízos sociais, econômicos e ambientais para o planeta. Um redirecionamento do conceito de desenvolvimento se faz necessário. Para um desenvolvimento sustentável do país, mais investimentos e políticas públicas para a agricultura familiar são fundamentais.

Como os investimentos para um desenvolvimento sustentável através de uma Reforma Agrária que valorize a agricultura familiar ainda estão em processo lento de avanço, muitos indivíduos ainda não acreditam em uma continuidade próspera no meio rural, principalmente os jovens (WANDERLEY, 2000).

De acordo com Castro (2012), ainda são poucos os investimentos e políticas públicas para os assentamentos de Reforma Agrária, agricultura familiar e para a juventude rural. Em muitos assentamentos não há nenhuma infraestrutura e em

outros, existe, mas de forma precária. Há muita carência nos assentamentos rurais na área de educação, lazer e geração de renda para os jovens. Esses fatores desestimulam a continuidade dos jovens no meio rural, além de afetar a construção de crenças e valores em relação a eles mesmos, à localidade onde habitam e sobre a vida.

Estudos sobre a juventude rural vêm sendo feitos desde 1990, mas ainda sabe-se pouco sobre essa classe de indivíduos (CASTRO, 2005). Já existem métodos de educação que ajudem a fortalecer esta classe como atores políticos, e crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

Para Samples (1990), Lorthiois (2008), Steiner (1996), Brotto (2000) e Souza (2010), métodos de educação que auxiliem os jovens a fortalecer crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida, são métodos que trabalhem com o ser humano inteiro, estimulando todos os seus potenciais, trabalhando a cooperação e organização, mostrando possibilidades, trabalhando com diversidade de formas, trabalhando com artes, estimulando assim, a aceitação, criatividade e autonomia dos jovens. Além desses trabalhos também fortalecê-los como movimento político em busca de ideais em comum.

Segundo Pato (2004), quando uma pessoa tem uma crença, quando ela realmente acredita em algo, ela tem uma atitude sem sentir remorso. E valor, para a autora, é uma crença duradoura que impulsiona as ações das pessoas. As crenças e valores estão no âmago de uma cultura, conduz hábitos e comportamentos. Estudando-se crenças e valores é possível prever as atitudes dos indivíduos. No caso dos jovens rurais, compreendendo as crenças e os valores deles, podem-se prever as atitudes que terão, e é possível elaborar atividades com métodos educacionais que auxiliem a fortalecer crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento sustentável através da Reforma Agrária baseada na agricultura familiar pode aumentar o giro financeiro e prosperidade de todo o país. Dados comprovam que assentamentos rurais em algumas partes do país promoveram aumento do dinamismo produtivo nas regiões onde se instalaram. A Reforma Agrária com investimentos e valorização da agricultura familiar gera empregos, renda e condições dignas de vida para pessoas excluídas do mercado de trabalho, além de fortalecer o mercado interno brasileiro (MEDEIROS & LEITE, 2004).

Havendo infraestrutura básica de qualidade, opções de lazer, atendimentos eficientes de saúde, educação e métodos de educação que incentivem os potenciais dos jovens rurais, a agricultura familiar sendo devidamente valorizada e gerando renda suficiente para a família, e havendo políticas públicas para a agricultura familiar e para a juventude rural, os jovens não vão querer abandonar o campo (CARNEIRO, 2007).

Segundo Samples (1990); Lorthois (2008); Steiner (1996); Brotto (2000) e Souza (2010), os métodos de educação tradicionais limitam os potenciais dos jovens, e em especial, o dos rurais, os deixando apáticos para realização dos seus sonhos, subordinados a demandas da sociedade capitalista, desestimulando assim, a mobilização e autonomia deles. Métodos de ensino que ajudem os jovens rurais a acreditarem mais em si mesmos, na continuação do campo e na vida como um todo, são métodos que trabalham dentro da liberdade de pensamento e de expressões. Trabalhando com sensibilizações e arte; trabalhando com valores como união, solidariedade e altruísmo; trabalhando não somente com o pensar, mas também com o sentir, podem-se auxiliar os jovens a se fortalecerem como cidadãos e a lutarem pelo o que é deles de direito.

Vários jovens na área rural estão muito ligados a valores de orientação egoística, ou seja, valores centrados mais em si mesmos, no seu bem-estar. Através de trabalhos educacionais é possível auxiliar os jovens a visualizarem e fortalecerem mais valores de orientações altruísticas e biosféricas, ou seja, valores ligados não somente em si mesmos, mas também ligados à preocupação e compreensão com os outros e com toda a natureza, trazendo mais equilíbrio entre os interesses

pessoais, sociais e ambientais, e, assim, mais equilíbrio nos indivíduos (SCHWARTZ, 2005).

Neste estudo foram realizados trabalhos com métodos educacionais com jovens rurais, métodos estes que valorizam seus potenciais e que podem auxiliar a fortalecer crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar em que medida ações de educação promovidas com jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista – Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO contribuem para o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

Objetivos específicos

- 1- Diagnosticar crenças e valores de jovens da Escola Municipal Boa Vista em relação a eles mesmos, ao campo e à vida;
- 2- Diagnosticar quais as demandas dos jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista frente ao mundo rural.

CAPÍTULO I- QUESTÃO E REFORMA AGRÁRIA

1.1. Questão Agrária

Pode-se constatar a existência de problemas agrários sempre que a forma de distribuição da terra, seu uso e propriedade se constituem numa dificuldade para o aumento da produção, para o abastecimento satisfatório de toda a população e para o progresso social e econômico da sociedade. A expressão *questão agrária* foi introduzida pelos primeiros estudiosos da Economia Política, que começaram a analisar como se desenvolvia o capitalismo na agricultura (STÉDILE, 1997).

Para Sauer (1998), o termo *questão agrária* é utilizado para designar um estudo, pesquisa e constatação de dados relacionados a problemas de uso, posse e propriedade da terra. É um estudo sobre a organização socioeconômica do meio rural de um país.

Segundo Alentejano (2012), a questão agrária no Brasil envolve situações agrícolas – com sistemas de cultivo pouco produtivos em termos de biodiversidade e degradadores do meio ambiente; econômico – com sistemas de produção em escala com baixa rentabilidade e concentração de renda; social – com extrema pobreza e êxodo rural; político – com manipulação do poder e clientelismo; e ambiental – degradação ambiental com plantios de grandes monoculturas, perda de biodiversidade, contaminação de lençóis freáticos com uso de adubos e defensivos químicos e desertificação de áreas antes produtivas.

Conforme Alentejano (2012), desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses, a forma como a terra foi distribuída e utilizada resultou num grave problema agrário. Apesar do aumento da produção agropecuária, esta não conseguiu se tornar um fator de progresso econômico, com distribuição de renda e justiça social. Desde 1500, o uso da terra no Brasil beneficiou apenas uma minoria da sociedade, sua classe dominante, impedindo que a maioria da população tivesse acesso à posse e usufruto desse bem da natureza.

O Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2006 (IBGE, 2006), constatou que o índice de Gini¹ obteve variação mínima nas duas

¹ Serve para medir desigualdade de terra, bens, renda e riqueza, varia de 0 a 1, onde, quanto mais igualitária a distribuição, mais perto de 0 e quanto mais desigual, mais perto de 1.

últimas décadas, sendo em 1985 de 0,857, em 1996 de 0,856 e em 2006 de 0,854. Em alguns estados, conforme pesquisa de 2006, foi averiguado índice ainda maior de concentração fundiária, como nos estados de Tocantins, Mato Grosso do Sul e São Paulo. O crescimento em Tocantins e Mato Grosso do Sul foi devido à expansão do agronegócio, exportação de grãos e carne bovina, e em São Paulo, pelo crescimento do plantio de cana-de-açúcar para a produção de álcool, biocombustível (ALENTEJANO, 2012).

Conforme Stédile (2012), nas duas últimas décadas (1990-2010), a questão agrária brasileira demonstrou grandes problemas econômicos, sociais, políticos e ambientais. Notam-se esses problemas na concentração fundiária, quando se averigua que apenas 1% dos proprietários controla 46% de todas as terras agricultáveis; na concentração da produção agrícola onde apenas 8% das propriedades produzem 80% das *commodities agrícolas* exportadas para outros países; na desigualdade do uso da terra, onde em 80% das terras agricultáveis são plantadas apenas as culturas de soja, milho e cana-de-açúcar, e também utilizadas para criação bovina; e na dependência econômica brasileira do capital externo, devido o controle de mercado, insumos e aos preços estabelecidos pelas transnacionais. Em relação aos prejuízos sociais, destaca-se aumento das desigualdades sociais, onde no meio rural ainda existem 7 milhões de pessoas na extrema pobreza e 14 milhões de pessoas adultas analfabetas e a maioria dos jovens não têm acesso à escola.

No início da colonização, os únicos que tinham direito à posse de terra no Brasil eram os brancos, “puros de sangue” e as outras pessoas, escravos negros e índios, os que eram a maioria da população, não tinham direito a nenhuma terra (MARTINS, 1997). Uma Reforma Agrária faz-se necessária, pois como visto no parágrafo acima, até os dias atuais a concentração fundiária, a desigualdade social, econômica e política ainda continuam em níveis elevados.

No século XIX, com a abolição da escravatura houve um primeiro momento propício para Reforma Agrária no país, mas a elite não permitiu e criou a Lei de Terras de 1850. Com essa lei, os escravos ficavam impedidos de ter acesso livre à terra, pois para ter acesso à terra tinham que comprá-la e os escravos não tinham como pagar, se sujeitando assim a serem trabalhadores sem-terra em lavouras de café. Como apresenta Martins (1997):

Era preciso, pois, criar mecanismos que gerassem artificialmente, ao mesmo tempo, excedentes populacionais de trabalhadores à procura de trabalho e falta de terras para trabalhar num dos países com maior disponibilidade de terras livres em todo o mundo, até hoje (p. 17).

Segundo Martins (1997), no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, o Brasil iniciou um processo de industrialização. O país aos poucos deixava de ter sua base de acumulação da economia vinda do café e começava a caminhar em direção a um país urbano industrial. A indústria precisava de consumidores para o que produzia e os trabalhadores das fazendas de café não tinham como consumir, surgindo assim um segundo momento propício para Reforma Agrária. Mas novamente os grandes fazendeiros não a permitiram, unindo-se à burguesia industrial, a fazendas rurais e começaram a receber inovações tecnológicas vindas da indústria.

De acordo com Medeiros & Leite (2004), entre 1950 e 1960 surgem militâncias políticas de diferentes setores de trabalhadores rurais e movimentos sociais, como as Ligas Camponesas no Nordeste, que começam a contestar a grande desigualdade social e concentração fundiária que existia no Brasil, pressionando o governo para a realização de uma ampla Reforma Agrária no país. Porém, nada adiantou e a velha oligarquia rural inserida no poder político (deputados, senadores, etc.) criou o Estatuto do Trabalhador Rural e o Estatuto da Terra, proibindo greves no campo, elevando o preço das terras agrícolas e consolidando o latifúndio.

Com a modernização da agricultura, aumentou a mão-de-obra assalariada, surgiram os trabalhadores volantes (boias-frias) e cresceram as periferias das cidades em função da expansão urbana e êxodo rural. Com o apoio financeiro do governo para os latifúndios e o crescimento dos mesmos e o não apoio do governo para pequenos produtores, meeiros, posseiros e pequenos arrendatários, houve uma intensificação do êxodo-rural (MARTINS, 2003).

A concentração fundiária e a injustiça social ganharam ainda mais força com a modernização capitalista da agricultura nos anos 1950. Com a modernização da agricultura, milhões de trabalhadores rurais foram expulsos do campo para a cidade ou tiveram que migrar para as fronteiras agrícolas na procura por novas terras (ALENTEJANO, 2012).

Conforme Martins (1997), com o fim da ditadura militar em 1985, o Movimento Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Partido dos Trabalhadores (PT) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), constituíram-se nos principais grupos de pressão a favor da Reforma Agrária. O governo democrático presidido por José Sarney chegou a elaborar o primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), mas não saiu do papel.

O MST e a CPT continuaram com as pressões até conseguirem repercussão nacional pela mídia. Na década de 1990, o governo pressionado começa a acelerar os processos de desapropriação de terras e a intensificar a implantação de assentamentos rurais. Ainda era longe de ser uma Reforma Agrária, pois houve distribuição de terra sem a menor preocupação com qualidade da terra para cultivo, água, saneamento básico, educação, crédito, assistência técnica e diferenças regionais (MARTINS, 2003).

No governo Luís Inácio Lula da Silva na primeira metade da década de 2000, houve uma pequena melhora na questão fundiária em relação aos governos anteriores. Neste governo, notaram-se algumas medidas interessantes com relação à maior viabilidade de assentamentos rurais e distribuição de renda, bem como a inclusão e reinclusão de famílias no processo produtivo. No governo Dilma, ainda poucas mudanças notam-se até o momento, ainda há muita dificuldade de apropriação e regularização de terras (ALENTEJANO, 2012).

Segundo Martins (1997), para a resolução de conflitos relacionados à questão agrária brasileira, a Reforma Agrária faz-se necessária. Uma Reforma Agrária ampla e eficaz traz avanços políticos, econômicos e sociais, trazendo mais qualidade de vida para a população, maior equidade social, melhor distribuição de renda e território, inclusão de famílias no processo produtivo, fortalecimento da agricultura familiar e da sustentabilidade socioambiental.

1.2. Reforma Agrária

A desigualdade social e econômica no Brasil existe desde a colonização, onde o direito à terra e a bens era para poucos, e assim persiste até os dias de hoje. Com a democracia, com o passar de alguns governos e com a militância política de trabalhadores e movimentos sociais, a Reforma Agrária no país progride, mas ainda lentamente (ALENTEJANO, 2012). Para uma Reforma Agrária efetiva, faz-se necessária uma intervenção consistente do governo nos níveis de concentração fundiária, bem como, mais investimento público nos assentamentos rurais em termos de saneamento básico, água, saúde, educação, financiamentos para produção agrícola, entre outras coisas.

Conforme Ranieri (2003), Reforma Agrária é um termo utilizado para descrever uma série de ações que tem como base a reordenação fundiária como mecanismo de acesso a terra e aos meios de produção agrícola aos trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra. Um processo de Reforma Agrária abrangente e rápido traria para o Brasil impactos positivos. Os aspectos positivos seriam sentidos não só no campo, mas também nas grandes cidades, auxiliando a equilibrar o crescimento desordenado, diminuindo a competição por empregos e aumentando a oferta de produtos agrícolas para a população urbana.

De acordo com Medeiros & Leite (2004), a luta por Reforma Agrária no Brasil constitui-se como demanda política reivindicada no decorrer de quase um século. A luta e tantas reivindicações há tanto tempo demonstram a relevância do processo por uma sociedade mais democrática. Dados comprovam que assentamentos rurais tendem a promover um rearranjo do processo produtivo nas regiões onde se instalaram, regiões essas, antes caracterizadas por uma agricultura de baixo dinamismo. A diversidade de produtos agrícolas, inovações em atividades mais lucrativas e em alguns lugares mudanças tecnológicas foram o reflexo do sucesso dos assentados, afetando o comércio local, a geração de impostos, a movimentação bancária, entre outras coisas. Esses assentamentos conseguiram se firmar politicamente como um interlocutor de peso no plano local/regional.

A Reforma Agrária possui uma grande importância social para o Brasil, proporcionando uma política de distribuição de renda e inclusão social, dando oportunidade para pessoas que estão na periferia, excluídos do mercado de

trabalho, pessoas que saíram da área rural entre 1960 a 1970 em decorrência da modernização e industrialização do país, dando a elas oportunidade de produzirem de forma viável e resgatarem dignidade (MARTINS, 2003).

Uma Reforma Agrária ampla e conseqüente pode promover:

[...] um grande salto histórico na vida do país: diminuição da miséria urbana, uma válvula de segurança para as mudanças econômicas e tecnológicas aceleradas atuais, ampliação do mercado e um efeito multiplicador de benefícios salutar no conjunto da sociedade, além de viabilizar o processo de modernização social e política. Só elites obtusas não podem ver isso (MARTINS, 1997, p. 48).

A Reforma Agrária possui uma importância econômica significativa. Se há incentivo para a produção familiar dos assentados, estes fortalecem o mercado interno, fortalecendo assim a economia do país (MEDEIROS & LEITE, 2004).

A implantação de assentamentos rurais no Brasil tem grande importância social, econômica e ambiental para o país. Social, pois atendem a demanda concreta, gerando emprego, renda e condições de vida mais digna a grupos menos favorecidos. Econômica e ambiental, pois áreas improdutivas desapropriadas para assentamentos da Reforma Agrária tendem a se tornar áreas mais produtivas, fortalecendo a agricultura familiar, e conseqüentemente o mercado interno do país, além de contribuir com a promoção de um desenvolvimento rural mais sustentável (MARTINS, 2003).

Segundo pesquisa coordenada por Guanzioli et al. (2009), constata-se que em países capitalistas avançados, a base principal da produção agrícola vem da agricultura familiar. Estes mantêm esta base de produção como uma estratégia política para projetos de desenvolvimento nacional inclusivo. Além de um projeto social, é um projeto econômico, pois a produção familiar nesses países demonstra eficiência econômica, atendendo demandas do setor urbano-industrial.

Conforme Guanzioli et al. (2009), existem experiências em vários países que comprovam a viabilidade da produção agrícola vinda da agricultura familiar com destaques no plano econômico e social. A agricultura familiar gera mais ocupações do que a agricultura patronal, utiliza de forma mais eficiente os recursos escassos terra, trabalho e capital, e traz mais desenvolvimento sustentável local e regional. Segundo o autor, no próprio Brasil existem casos de sucesso com agricultura familiar, sendo suficiente comparar os indicadores de desenvolvimento humano dos

municípios do Sul do país que apresentam estrutura de distribuição de terra menos concentrada e onde prepondera a agricultura familiar.

Neste século XXI tem havido um fortalecimento do agricultor familiar, permitindo que venha perdendo a invisibilidade. Faz parte da agricultura familiar um conjunto de populações rurais bastante diversificadas. Nesse universo incluem-se, entre outros segmentos, mais de 900 mil famílias de assentados (aproximadamente 3 milhões de pessoas), bem como comunidades tradicionais de quilombolas, indígenas, extrativistas, pescadores, ribeirinhos e varzeteiros. A agricultura familiar hoje é formada por mais de 4,3 milhões de estabelecimentos (BRASIL et al., 2013).

Para Martins (2003) a situação da agricultura familiar no Brasil vem melhorando, mas ainda notam-se muitas sequelas do processo devastador da modernização da agricultura e dos grandes plantios de monoculturas. Com o início da modernização da agricultura no Brasil na década de 1960, com os grandes latifúndios recebendo inovações tecnológicas para a produção agrícola, constatou-se a extensão de áreas de produção agrícola, aumento da produção de grandes monoculturas de grãos e utilização de defensivos agrícolas. Com o passar dos anos e o acelerar desta modernização da agricultura, constatou-se empobrecimento dos solos, solos improdutivos, diminuição de áreas de matas preservadas, escassez de recursos hídricos, entre outros. Políticas públicas vêm sendo elaboradas para haver uma compensação ambiental, mas diante de tanta degradação, o processo ainda está lento.

A Reforma Agrária com um desenvolvimento sustentável baseado na agricultura familiar é necessária, pois a modernização da agricultura gerou expulsão dos camponeses de seu território e vem gerando extensão de monoculturas, grande utilização de defensivos agrícolas, desertificação ambiental do campo, perda de espécies vegetais e animais, escassez de recursos naturais e grandes injustiças sociais (MARTINS, 1997).

Para Stédile (2012), dos problemas ambientais, há um diagnóstico de grande passivo ambiental, que veio da maneira exploradora e agressiva da modernização capitalista da agricultura no Brasil, degradando os solos, contaminando os rios e lençóis freáticos e desmatamentos sem limites para a extensão das produções agrícolas.

Segundo Martins (2003), as terras desapropriadas para serem destinadas a Assentamentos Rurais, em sua maioria são terras improdutivas de grandes proprietários, com solos empobrecidos pelas grandes lavouras e criação de gado dos latifúndios. Ao receberem a terra, os assentados já a herdaram com um passivo ambiental, já recebem solos degradados e com escassez de recursos naturais básicos como água.

Conforme Alier (2007), um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo passivo ambiental na América Latina foi o economista argentino Héctor Sejenovch quando calculou os danos ambientais, os passivos ambientais da extração de petróleo na província de Neuquém, Argentina, deixados pela Repsol-ypf. Existem passivos ambientais vindos de diversos setores da sociedade. A injustiça ambiental aumenta, cresce a desigualdade ecológica e estende-se a dívida com o meio ambiente. As relações pessoa-ambiente exigem um novo paradigma político e econômico de desenvolvimento para haver uma mudança significativa na melhoria da questão ambiental e maior justiça socioambiental. As crenças e valores diante de si mesmos, da vida e do campo necessitam de uma transformação.

De acordo com Alier (2007), existe uma corrente de pensamento que afirma que muitas vezes os grupos indígenas e de camponeses têm co-evolucionado sustentavelmente com a natureza e têm assegurado a conservação da biodiversidade. Com a chegada do capitalismo, aumento das desigualdades sociais e injustiças socioambientais, muitos desses povos perderam esse direito.

Para Leff (2006), a escassez de recursos naturais e a presente crise socioambiental veio questionar as teorias que consolidam a atual forma de crescimento econômico, no qual, desconsidera a natureza e as culturas. Com esse fato, a sustentabilidade e justiça socioambiental vêm se tornando um critério para a construção de um novo paradigma de crescimento econômico, com uma condição de vida para a sobrevivência humana e desenvolvimento durável, questionando a ciência capitalista, crenças e valores sociais e as próprias bases de produção.

Segundo Porto-Gonçalves (2004), o modelo econômico agrário-agrícola que visa à expansão das terras cultivadas com monoculturas de grãos, defensivos agrícolas, *commodities* e dominação da natureza sem limites, constitui uma ameaça à diversidade biológica e cultural. No bioma Cerrado já foram 34 milhões de hectares destruídos por monoculturas e agropecuária.

Conforme Wanderley (2000), a redistribuição de terras de maneira mais democrática e a reinserção de famílias no processo produtivo auxiliam na dinamização técnico-econômica, ambiental e social do meio rural através da reprodução de sua cultura naquele espaço de vida que trazem consigo.

Para Porto-Gonçalves (2004), o desafio ambiental, político e civilizatório está na visão de desenvolvimento da sociedade moderna-colonial que a todo custo quer *dominar a natureza* e não vê limites para isso. O ambientalismo nos traz o olhar de que há limites para a *dominação da natureza*. É necessário mudar a lente, trocar o foco. As populações precisam buscar uma nova relação com o ambiente onde vivem e produzem seu alimento, uma relação mais harmônica, mais igualitária, solidária, com maior justiça social e sustentabilidade ecológica, onde a diversidade biológica e cultural seja preservada.

De acordo com Wanderley (2000), a dificuldade de acesso à terra e a dificuldade de sobreviver nela após o recebimento afetam diretamente a construção de crenças e valores positivos em relação ao local de moradia e a dinâmica da vida social na localidade, causando êxodo rural da população. Com as dificuldades de se reproduzirem, nota-se uma grande perda de vitalidade social e desistências da vida no campo, principalmente de jovens.

Conforme Castro et al. (2009), a escassez de terra, dificuldade de produção agrícola, dificuldades com água, saúde, lazer, péssimas estradas, educação, acesso a tecnologias e outros, ainda causam muitas desistências e êxodo rural em assentamentos, principalmente de jovens, gerando uma descontinuidade da vida no campo e na produção familiar desses.

A visualização das problemáticas socioambientais associadas à juventude rural é alvo de análises desde 1990, a partir de quando vêm sendo realizadas pesquisas voltadas para os jovens rurais, pois se observa a relevância social, econômica e política da participação destes na agricultura familiar e camponesa, fortalecendo o movimento social da Reforma Agrária, as produções familiares sustentáveis e a continuidade do campo (CASTRO, 2012).

A crise socioambiental nos assentamentos rurais no Brasil é evidente, o impacto dessa crise sobre a juventude rural vem chamando a atenção e novas estratégias de formação e sensibilização dos jovens vêm surgindo como alternativas para fortalecer o movimento social dessa classe, bem como o sentimento de

inclusão deles em todo o processo produtivo e construção de novos sujeitos coletivos (RIBEIRO et al., 2007).

Segundo Silva (2009), a estruturação da Reforma Agrária no país vem progredindo, mas ainda nota-se precariedade em muitos assentamentos, como solos enfraquecidos, falta de água, estradas em péssimo estado, transportes públicos de má qualidade, difícil acesso de crianças e jovens à educação. Ainda são poucos os assentamentos que possuem escola, tendo as crianças e jovens que percorrer longas distâncias e muitos terem que ir morar na cidade para poder ter acesso à escola, deste modo, afastando crianças e jovens de sua vivência no campo, de sua cultura, de sua realidade.

Averiguando-se a desvitalização social da juventude rural devido aos desafios socioculturais e socioambientais impostos por injustiças políticas e sociais, estratégias educacionais para o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida vêm surgindo.

CAPÍTULO II - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E JUVENTUDE RURAL

2.1. Desenvolvimento sustentável

A concentração da propriedade da terra e as desigualdades sociais são fenômenos que estão na raiz dos problemas econômicos, sociais e ambientais do Brasil. A realidade de exclusão exige um redirecionamento das políticas voltadas para o desenvolvimento. A efetivação de uma abrangente Reforma Agrária e a criação de políticas agrícolas e sociais voltadas para o fortalecimento e a expansão da agricultura familiar é fundamental para uma nova abordagem de desenvolvimento (SAUER, 1998).

Para Neves (2012), a agricultura familiar é a maneira de organização da produção de alimentos na qual a família é proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. A agricultura familiar é uma forma de política de resistência ao modelo de concentração fundiária e à forma de produção capitalista.

Segundo Caporal & Costabeber (2007), um redirecionamento do conceito de desenvolvimento faz-se necessário, pois a crise econômica, social, política e ambiental é nítida. O intenso processo modernizador da agricultura brasileira acarretou impactos ambientais e transformações sociais em magnitudes tão amplas que, por si só, justificam a revisão de todo o modelo de desenvolvimento imposto ao setor agrícola.

Conforme Silva (2012), o modelo de produção e consumo capitalista, baseado em um crescimento econômico sem limites, agora é questionado e pressionado em relação à durabilidade desse crescimento. O desenvolvimento sustentável impõe os limites ao crescimento econômico capitalista que apenas quer dominar e usar a natureza sem ver limites. Esse limite questiona o sistema produtor de mercadorias, o maior responsável pela crise socioambiental, questiona a viabilidade de recursos naturais para a continuação do sistema de produção de mercadorias, que produz, reproduz e fornece sem limites.

O conceito de desenvolvimento sustentável traz uma categoria inovadora que introduz fatores de diferenciação nas bases técnicas convencionais das atividades e produções. É uma luta que pretende dar legitimidade a mercados e mecanismos com base em nova eficiência ampliada, a da utilização sustentável dos recursos

humanos e materiais. Este modo de pensar a produção e consumo é um marco da disputa entre técnicas supostamente mais econômicas, mas que em compensação trazem danos para os humanos e meio ambiente e entre as técnicas que trazem sentidos extra econômicos e que acionam categorias como justiça, democratização e diversidade cultural (BRASIL et al., 2013).

De acordo com Ploeg (2009), uma das formas de impor limites ao crescimento econômico que causa injustiças sociais, políticas, econômicas e ambientais é fortalecendo a agricultura familiar no país. Se os camponeses tiverem suficiente espaço sociopolítico e econômico, eles podem promover níveis de produtividade e de produção notáveis. No entanto, se esse espaço é cada vez mais limitado, então podem ocorrer severos retrocessos. Promovendo a agricultura familiar, há ampliação da autonomia dos camponeses e fortalecimento da produção e da sustentabilidade.

Para Melgarejo (2001), um desenvolvimento sustentável através de uma Reforma Agrária ampla e efetiva é possível, basta a população dos países pobres se reconhecer como capaz de conduzir o próprio destino, identificar crenças e valores reais, escolher instrumentos concretos e lutar por seus direitos.

Segundo Melgarejo (2001), particularmente no Rio Grande Sul, há casos de assentamentos de sucesso, com: lavouras de arroz irrigado integradas à piscicultura; soja orgânica em plantio direto; cooperativas de segundo grau onde agricultores tradicionais buscam filiação; rebanhos leiteiros puros de origem; explorações de pastagem em sistema rotativo Voisin com produtividade média superior à estadual; agroindústrias especializadas em suínos, aves, laticínios; casas de vegetação; supermercados; pomares; feiras e mercados especializados em oferta de frutas, verduras e toda uma ampla linha de produtos agrícolas sem venenos. Em assentamentos no Rio Grande do Sul, existem agrovilas, escolas e creches, e, deste meio, surgem gestores de departamentos técnicos, de cooperativas, de conselhos, sindicatos e secretarias municipais. Surgem também nesses assentamentos: agricultores que realizam experimentação de novos processos produtivos; grupos de famílias com amplo domínio de técnicas sofisticadas; vereadores; prefeitos; deputados; técnicos agrícolas; professores; jornalistas; agrônomos; advogados; médicos; enfim, lideranças políticas e

profissionais vinculadas a diferentes categorias especializadas surgem de dentro de assentamentos.

Este mesmo autor afirma que todas essas conquistas citadas são resultados daquele conjunto de indivíduos rejeitados pela sociedade como inadequados a qualquer oportunidade existente nesta mesma. Segundo o autor, essas vitórias vêm daquele conjunto de cidadãos que aceitou viver em barracos de lona, e que sobreviveu durante os anos que duraram aquela experiência, que acreditaram em si mesmos, que não desistiram, que se uniram e vêm conseguindo vencer. As conquistas deles vieram através da organização, criatividade, do alinhamento de crenças e valores reais – como: solidariedade, respeito à opinião da maioria, aprendizado coletivo, auxílio mútuo e construção de parcerias – esses, conforme o autor foram seus instrumentos e suas maiores estratégias (MELGAREJO, 2001).

De acordo com Melgarejo (2001), a partir de uma base que incorpora um conjunto de indivíduos excluídos, mas com organização e foco em crenças e valores adequados, vêm-se obtendo grandes transformações em assentamentos no Sul do país. Constatando esses dados, o autor estimula a busca de apoio de políticas públicas para a ampliação dos mesmos princípios para serem aplicados em toda a sociedade brasileira de forma articulada a outros instrumentos, incentivando, assim, um desenvolvimento mais sustentável em todo o país, onde todos são ouvidos e os direitos melhor compartilhados.

Conforme Melgarejo (2001), em assentamentos no Rio Grande do Sul, existem índices de 100% das crianças com acesso às escolas, índice que no restante do país é atingido principalmente em bairros de classe média e alta, onde a educação é assegurada pelos impostos recolhidos de todos. Para o autor, a organização, a disciplina e a solidariedade são bases sólidas para um desenvolvimento sustentável atingir toda a sociedade e, para isso, necessita-se de propostas de intervenção razoavelmente definidas.

Para Brasil et al. (2013), o desenvolvimento sustentável depende da junção das políticas públicas com os objetivos locais. A organização da sociedade local pode transformar o crescimento advindo dos desígnios centrais em efeitos positivos, ou melhor, em desenvolvimento sustentável para a região.

Segundo Brasil et al. (2013), falar em desenvolvimento significa falar em diálogo permanente, em participação efetiva das sociedades locais. É importante

ressaltar que nenhuma ajuda pode retirar ou negar a dignidade do ajudado. A ajuda emancipatória de instituições governamentais e não governamentais precisa ampliar a capacidade do ajudado, criar e elevar sua autoestima e auxiliá-lo a seguir em seus objetivos com suas próprias capacidades, com apoio, mas sem dependência e “robotização” dos cidadãos.

Vê-se a necessidade de pensar e debater com a sociedade um novo padrão de desenvolvimento. Um novo padrão que resgate a enorme dívida social que se tem com a população brasileira, tanto rural quanto urbana. O alcance desse novo padrão depende de uma nova visão política, onde a transparência e a participação popular de todos sejam efetivas (CAPORAL & COSTABEBER, 2007).

A valorização da Reforma Agrária através da agricultura familiar e a inserção dos jovens em todo o processo mostra-se um caminho para o fortalecimento do campo e para um desenvolvimento mais sustentável.

2.2. Juventude rural

Como o processo de desenvolvimento sustentável através de uma Reforma Agrária que valorize a agricultura familiar ainda está em um estágio lento de avanço, muitos indivíduos não acreditam em uma continuidade próspera no campo. Havendo um desenvolvimento mais sustentável com uma Reforma Agrária eficiente, investindo-se na agricultura familiar, em infraestrutura básica nas áreas rurais como estradas, energia elétrica, saneamento básico, saúde, educação, lazer, entre outras coisas, traz maior qualidade de vida aos camponeses (idosos, adultos, jovens e crianças), auxiliando, assim, a fortalecer crenças e valores em relação ao campo e, conseqüentemente, fortalecendo a agricultura familiar. A juventude rural sofre diretamente com os problemas no desenvolvimento agrário que atingem a pequena propriedade agrícola de perfil familiar e estes, sendo o futuro do campo brasileiro e de seu desenvolvimento (WANDERLEY, 2000).

Segundo Castro (2012), em muitos assentamentos não há nenhuma infraestrutura e em outros o desenvolvimento da infraestrutura básica está tão precário que desestimula a permanência no campo. Conforme a autora, quando se trata do tema migração do rural para o urbano, em muitos trabalhos está associado à juventude rural, esta, que é o futuro da continuidade do desenvolvimento sustentável através da agricultura familiar. Segundo pesquisa da autora, dados etnográficos coletados entre os jovens indicam a continuidade dos processos de migração de jovens rurais para as cidades, especialmente para cidades de porte médio. As principais razões para os jovens não acreditarem na possibilidade de permanência no campo são: dificuldade de acesso à renda e a emprego/trabalho, ausência de acesso a estudo e falta de lazer/esporte. Muitos jovens demonstram interesse em ficar ou retornar para o campo, mas dentro de condições de moradia, educação, saúde e lazer melhores.

Se o acesso a serviços básicos é precário, em se tratando da oferta de atividades de lazer e cultura, a situação é ainda pior. Anastácio (2007) apresentou dados de uma pesquisa sobre lazer realizada pela Contag em parceria com a Unicef onde foram entrevistados jovens entre 12 a 25 anos de 100 municípios de áreas rurais no Brasil. Conforme pesquisa, o índice de lazer apontou: 23,5% da juventude entrevistada se diverte principalmente vendo televisão; 23% se diverte ingerindo

bebidas alcoólicas em bares o dia todo; 50,5% dos jovens se diverte namorando e apenas 3% tem lazer praticando esportes.

Na educação no campo, Castro (2007) relata que existe uma desistência escolar considerável dos jovens do campo ao atingirem o 6º ano, pois em grande parte dos assentamentos no Brasil ainda não há escolas com níveis mais avançados, estão distantes dos assentamentos, os transportes precários e a maioria das instituições de ensino estão localizadas nas áreas urbanas.

De 2000 a 2011 muitos estados fecharam escolas rurais, principalmente nos estados de Rondônia (70%), Goiás (60%), Tocantins (50%), Ceará (50%), Santa Catarina (50%), Paraná (50%) e Mato Grosso (47%). A principal causa do fechamento das escolas foi devido à expansão do agronegócio. Em vários lugares houve a constatação de que onde há muita produção de soja não existe escola rural (SOUZA, 2010).

Conforme Carneiro (2005), a procura dos jovens por trabalhos no meio urbano é resultado das poucas oportunidades de trabalho no meio rural. Entretanto, o autor afirma que quanto melhor for a infraestrutura do local de moradia e acesso à renda, maiores serão as possibilidades dos jovens permanecerem no local de origem. A ida para a cidade nem sempre possibilita a realização de seus ideais. Considerando que o jovem do campo não conta com o mesmo capital cultural e social (apoio familiar, sobretudo) dos jovens da cidade, a competição no mercado de trabalho urbano lhe é desfavorável. Observa-se em áreas rurais que têm melhor infraestrutura, indícios positivos de mudanças nas crenças e valores dos jovens no que se refere à permanência no campo.

Conforme Barcellos (2012), no Brasil, constata-se que grupos sociais historicamente envolvidos na agricultura familiar sofrem muitas dificuldades de acesso à terra, produção agrícola e políticas públicas. Muitos desses problemas estão associados à concentração fundiária no país, contribuindo para a geração de injustiças sociais no campo, concentração do poder político e econômico que privilegia a poucos através de políticas públicas, principalmente grandes latifúndios ligados ao agronegócio, e concentração de recursos públicos, investindo o mínimo na Reforma Agrária. Todos esses fatores dificultam a vida no meio rural de muitos jovens.

Segundo Castro (2007), muitos jovens saem do campo para a cidade em busca de condições melhores de vida. A quantidade de terra a ser herdada pelos filhos dos agricultores assentados é insuficiente para todos os descendentes, ficando geralmente destinada para apenas um dos filhos. Um dos principais obstáculos para a permanência dos jovens no campo é a falta de políticas públicas para que possam dar continuidade ao empreendimento rural. As políticas públicas atuais voltadas para a agricultura estão muito mais voltadas para a produção de monoculturas em grandes latifúndios.

De acordo com Barcellos (2012), em relação ao êxodo rural no Brasil, no ano de 2000 a população rural era de 31.835.143 habitantes, dos quais cerca de 9 milhões eram jovens rurais. Em 2010 havia 29.830.007 habitantes, sendo 8.060.454 jovens (IBGE, 2010). A região Sudeste foi onde ocorreu maior êxodo rural. As regiões Sul e Nordeste também tiveram grande perda da população rural. Dados confirmam que cerca de 2 milhões de pessoas deixaram o meio rural, sendo que 1 milhão da população que emigra estão situados em outros grupos etários (crianças, adultos e idosos) e cerca de 1 milhão são jovens rurais (18-29 anos de idade), ou seja, metade do êxodo rural para as áreas urbanas é de jovens. Segundo o IBGE (2010), o índice de êxodo rural no país caiu da tendência de 1,31% por ano da década anterior, para 0,65%. Continuando nessa porcentagem, calcula-se que nessa década de 2010, por ano, haja emigração de cerca de 81.000 jovens para as cidades.

A saída do jovem do meio rural está muito relacionada à falta de incentivos públicos para a permanência dos mesmos no campo. Para se estabelecerem neste território, fazem-se necessárias melhores condições para maior qualidade de vida. Uma opção para viabilizar a permanência no campo é desenvolver mais projetos sustentáveis que auxiliem a trazer mais organização, união entre as pessoas e produtividade e, assim, ajudar na continuidade dos assentamentos (ABRAMOVAY, 2005).

Para Castro (2005), o “ficar” ou “sair” do campo envolve mais complexidade do que apenas uma simples atração pela cidade. A juventude rural é pressionada pelas transformações do campo. Nos assentamentos há limitações de reprodução social, pois nos mesmos não há espaço suficiente para formação de novos núcleos familiares e o trabalho do jovem na agricultura familiar com seus pais muitas vezes

não é visto como trabalho, e sim como apenas uma ajuda à família. O jovem então vai para a cidade procurar um trabalho que o remunere e o valorize. Muitos jovens têm o desejo de permanecer no campo, mas devido à escassez de políticas públicas, de obtenção de formas de renda, entre outras coisas, o êxito deste desejo é dificultado.

Eis alguns desafios para a juventude rural: serem protagonistas de uma cultura popular que rejeita a cultura importada e elitista; serem sujeitos de transformação da estrutura social, repensando e rompendo com os projetos capitalistas direcionados a esses sujeitos; repensarem as relações humanas e de produção, o modelo de produção agrícola, as políticas públicas para juventude ou políticas de inserção do jovem, e indagarem que oportunidades são essas que estão surgindo ou que estão sendo dadas à juventude rural (CASTRO et al., 2009).

O papel da juventude rural na manutenção da agricultura familiar é fundamental. Porém, o “ficar” ou “sair” do campo envolve várias questões. Neste sentido, faz-se necessário observar a juventude e ver quais as demandas dela frente ao mundo rural, já que ela é um importante fator no processo de continuidade da agricultura familiar (CASTRO, 2005).

Conforme Oliveira (2007), as expectativas juvenis vão depender das influências externas do meio em que vivem esses jovens. As expectativas dos jovens rurais serão diferenciadas à medida que os jovens passam por distintos processos culturais, educacionais, sociais, entre outros, na sua história de vida.

Para Carneiro (2007), muitos jovens do meio urbano e rural estão com crenças e valores parecidos devido às intensas mudanças tecnológicas que modificaram a noção de espaço e tempo, diminuindo, assim, as distâncias entre os dois meios. Ora os jovens estão na cidade ora estão no campo, mesmo que virtualmente. Como resultado desse processo, o jovem rural muda a maneira de ser e estar no mundo, suas crenças e valores, assim como as suas demandas e seus projetos para o futuro.

De acordo com Castro (2007), são recentes as pesquisas que vêm abrangendo a classe juventude rural, iniciaram nos anos 1990 e ainda sabe-se pouco sobre quem são esses indivíduos e o que pensam. Um dos resultados da invisibilidade do jovem rural é a falta de acesso a políticas e serviços públicos, dentre outras coisas. Ainda há um caminho longo a ser percorrido decorrente aos

anos de falta de pesquisa nesta área e da complexidade que é analisar um novo tema.

Segundo Castro (2005), existem vários desafios para os jovens, alguns destes vindos de crenças que os pais, professores, governo e pessoas em geral colocam sobre este público. Muitas pessoas da área urbana ainda veem os jovens rurais como “roceiros” sem futuro e muitos pais de jovens do campo, por eles se interessarem por tecnologias, os chamam pejorativamente de “urbanos demais”. E na sociedade ainda existe uma visão dos jovens como pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados e encaminhados, trazendo com essas crenças, uma invisibilidade deste grupo de pessoas.

Conforme Castro (2005), a invisibilidade da juventude rural perante o governo deve-se também à reprodução hierárquica do campo x cidade, que gera representações sociais sobre a área rural e que fazem parte dos processos de reprodução das desigualdades sociais no campo. A consolidação desse ator político implica na ressignificação do campo e da cidade e no aumento da quantidade de possibilidades para o jovem que quer ficar no campo. Os jovens rurais são atores políticos que experimentam cotidianamente a desigualdade do campo brasileiro. Vários jovens já apresentam consciência da importância do campo e lutam para o seu não “esvaziamento” e se organizam na luta por mudanças sociais e na busca de novas utopias.

Para Castro (2012), a necessidade de acesso à terra e melhores condições de vida, renda e produção já são demandas em manifestos da juventude rural, assim como a preocupação com a falta de políticas públicas adequadas para a produção familiar e principalmente para o jovem. O reconhecimento da existência de políticas públicas específicas para os jovens do campo por alguns movimentos veio acompanhado de críticas quanto à dificuldade de acesso a esses créditos. Assim, tem-se um quadro em que uma porcentagem expressiva de jovens gostaria de permanecer no campo, mas não nas condições existentes, e sim em um campo transformado, um campo com melhores condições de vida para seu desenvolvimento.

Um trabalho educacional de acompanhamento e sensibilização de jovens rurais faz-se necessário para maior inserção desses em todos os processos da

Reforma Agrária no país. Se os jovens têm crenças e valores mais fortalecidos em relação a si mesmos, ao campo e à vida, a inserção deles em todo o processo de reestruturação agrária se torna naturalmente mais fluída e a união entre eles para lutarem pelos seus direitos mais intensa.

CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÃO

3.1. Crises e problemas estruturais para a educação e para o planeta

No contexto mundial atual, surgem diversos questionamentos sobre as relações sociais, políticas, econômicas, ecológicas e educacionais. Isso porque, essas relações não vêm acontecendo com igualdade, respeito mútuo, solidariedade e cooperação entre a maioria das sociedades e países. Ao contrário, na história da civilização, prevaleceram e ainda prevalecem a dominação, a exploração e a competição, como podemos perceber no histórico da questão agrária brasileira (CORREIA, 2006).

Segundo Boff (2000), existe uma crise mundial que permeia as áreas: social, sistema de trabalho e meio ambiente. A crise social, forjada pela distribuição desigual e injusta dos avanços tecnológicos e das riquezas produzidas, agravando o distanciamento entre ricos e pobres. A crise no sistema de trabalho, consequência dos avanços tecnológicos, eliminando postos de trabalho e jogando trabalhadores na ociosidade, como nota-se que aconteceu com a modernização da agricultura no Brasil. A crise ecológica, produzida pela exploração irresponsável da natureza, ameaçando todos os tipos de vida na Terra, explorando a natureza sem limites. Para este autor, as concepções de mundo e valores necessitam ser revisadas para haver transformação, para haver um desenvolvimento mais sustentável.

Para passar pelas mudanças na humanidade, vê-se a necessidade de uma transformação da sociedade em todos os níveis, político, psicológico, crenças, valores, relações pessoais, relações internacionais, divertimentos, lazer e, principalmente, na criação e educação das crianças e jovens (SAMPLES, 1990).

No século XIX, donos de grandes indústrias e empresas financiaram a escolarização obrigatória com o propósito de formar futuros trabalhadores e com o propósito de que a cultura imposta sempre se repita (LORTHOIS, 2008).

Em 1913, nos Estados Unidos, surgiu um novo termo na psicologia para designar o estudo comportamental e de padrões comportamentais humanos chamado "behaviorismo". No início, este método era utilizado mais na psicologia. Alguns anos à frente iniciou-se a sua utilização na educação, estudando-se os

padrões comportamentais e criando-se regras para “facilitar” o ensino dos conteúdos e repassar a cultura imposta (BOCK et al, 1992).

De acordo com Samples (1990), muitas escolas optaram e optam pelo método behaviorista de ensino, pois este auxilia a estabelecer metas e objetivos fixos no começo do ano e avaliá-los ao final do ano. O método behaviorista atraiu e atrai muitos educadores que veem o processo de aprendizagem como uma linha de montagem. A escola como um lugar onde “se montam” as mentes e corpos dos alunos de acordo com projetos pré-estabelecidos. A escola se tornou um paradigma fragmentado, onde os conteúdos não se misturam e onde os alunos se tornaram como um exército de marionetes, todos tendo que aprender a mesma coisa, no mesmo tempo.

Segundo Samples (1990), o método behaviorista facilita o controle e administração dos professores sobre os alunos. Prioriza principalmente os ensinamentos que o autor chama de simbólico-abstratos, que seriam os ensinamentos da leitura, escrita e cálculos, sendo que os alunos que se destaquem nestes seriam merecedores de prêmios. Aprende-se muita coisa na escola que não é útil no dia-a-dia, inutilidades, principalmente para o jovem rural.

O behaviorismo não apresenta nenhum desafio para a complexidade do sistema cérebro-mente. Esta é uma forma de ensino fechada e limitante, exigindo uma resposta correta para cada situação, evitando ao máximo a mudança de algo. As aulas com este método de ensino são como se fossem sombras da realidade, como se fossem uma prisão. “A escola fez da formação de hábitos uma arte. Infelizmente a maioria dos hábitos reprime a mente” (SAMPLES, 1990, p. 45).

Para Samples (1990), o método behaviorista de ensino se finda em uma conformidade e uniformidade especializada e limitante. Este método designa o professor como o administrador de uma técnica em vez de considerá-lo como um ator dinâmico num processo ilimitado de evolução possibilitado pelo sistema cérebro-mente. Nos sistemas da natureza, opções limitadas e especializadas têm como consequência a homogeneidade, que acaba por conduzir à extinção, como podemos verificar que acontece em áreas de grandes extensões de monocultura. A diversidade alimenta a continuidade evolutiva, tanto para a natureza, quanto para o ser humano.

Segundo Lorthiois (2008), as crianças e jovens correm perigo neste atual sistema socioeconômico e educacional vigentes, onde o ensino não observa o ser humano que está ali aprendendo, e sim, cria robôes. Ameaçadas também estão as crianças e jovens pelos pais, que, muitas vezes, sabem ser amorosos e abertos, mas também podem carregar seus filhos de medos e expectativas, quando querem vê-los a salvo numa bem-sucedida trajetória escolar e profissional, insistindo em trazer padrões que a sociedade capitalista exige, inibindo, assim, um desenvolvimento mais sustentável da criança, do jovem e do ambiente onde estes estão inseridos. As crianças e jovens rurais são os que mais sofrem com todas essas exigências, se afastando de seu ambiente de origem.

Para Lorthiois (2008), as cobranças são maléficas para os jovens, tanto vindas dos pais, quanto vinda dos professores, quanto da sociedade em geral, sobretudo se é para a execução de tarefas irrelevantes para eles. O excesso de cobranças desnorteia, faz o jovem assumir tarefas irrelevantes e afasta-o do mais relevante, afasta-o da realidade a que ele pertence. Dentro das cobranças, o jovem adquire sentimentos de culpa por ter se deixado levar por crenças, valores e metas de outros. Surgem dúvidas quanto à própria competência deles para realizar algo e perplexidade em relação ao rumo da própria vida. Estudo e trabalho sem prazer, por obrigação, desvitalizam os seres humanos, os separam da sua essência, da sua missão. Verifica-se isso em jovens rurais que vão para a cidade, se afastando de sua essência.

A educação no campo tem que ser intelectual, mas também não podem faltar a prática, os trabalhos manuais, a arte, pois estes, incentivam a juventude rural a se auto organizar e a ir em frente e a reivindicarem pelos seus direitos, pelos seus sonhos. Ensino tradicional e livros didáticos desconstroem a essência de valores camponeses nos jovens. A escola tradicional ensina os estudantes a serem apáticos, a não lutarem pelos seus direitos. Escolas públicas com educação tradicional ensinam subordinação, não ensinam mobilização e autonomia (SOUZA, 2010).

Conforme Lorthiois (2008), o sistema de ensino atual exige dos alunos o mesmo comportamento, a mesma disciplina, ou a mesma relevante falta de disciplina, a mesma tendência à extroversão – porque é “moda” -, mesma modalidade falante de participar nas aulas, assimilação de conteúdos

predeterminados numa faixa etária prefixada, mesmas notas, mesmas médias, mesmos ritmos. Mesma aptidão, sobretudo, para ser utilizável numa sociedade de consumo, e para “sobreviver” nesta sociedade. É nesse sentido que existem ameaças aos jovens rurais, ameaças de os deixarem “seres humanos robotizados”, que não agem para atender seus potenciais, e sim, para atender demandas da sociedade capitalista.

A autora acima citada chega a fazer uma analogia da Revolução Verde que entrou em vigor em 1960/1970 com os métodos de ensino dos dias atuais. Na Revolução Verde priorizaram-se as grandes monoculturas, grandes produções de grãos para exportação, seleção genética das melhores sementes e sementes híbridas para aumentar a produção. As sementes híbridas obtinham bons resultados somente com pesticidas, herbicidas e adubos químicos, não se adaptavam às variações climáticas e diversidade de parasitas de regiões diferentes. É fato que a uniformização na agricultura reduziu a biodiversidade e causou degradações ambientais. Sementes de variedades arcaicas foram destruídas e irremediavelmente perdidas ao serem trocadas por sementes prometendo alto rendimento. Conforme a autora, esses mesmos efeitos maléficos da padronização também atingem a educação (LORTHIOIS, 2008).

A padronização e limitação do ensino, bem como a ausência de confiança e esperança nos talentos dos alunos, minam o futuro dos jovens, os desestimulando para lutarem pelos seus sonhos, a acreditarem em si mesmos e em uma realidade melhor onde vivem. Com métodos de ensino na educação que auxiliem os jovens rurais a confiar em si mesmos, respeitando o cérebro total, respeitando a criatividade de cada ser, trabalhando com possibilidades ao invés de certezas, respeitando o ritmo de cada um, tendo liberdade, passando conhecimentos úteis e respeitando o ser humano inteiro, talvez possa haver uma transformação na educação, um fortalecimento e uma construção de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida, auxiliando assim, a haver um desenvolvimento sustentável em seres humanos e no ambiente onde habitam (LORTHIOIS, 2008; SAMPLES, 1990; STEINER, 1996).

A revisão aqui apresentada a respeito de crises e problemas estruturais para a educação e para o planeta teve como objetivo mostrar que a transformação para um desenvolvimento sustentável só se dará com uma revisão, uma renovação e

uma reorientação dos paradigmas, crenças e valores presentes na maioria das relações do mundo dito civilizado. Ressalta-se, ainda, que essa transformação não será única e definitiva, pois exigirão constantes diálogos entre indivíduos, comunidades e países em todos os espaços de relações. Com isso, pretende-se também evidenciar que dificilmente se garantirá algum futuro dignamente humano se a cooperação não for imediatamente estimulada e amplamente vivenciada na sociedade e se os sistemas educacionais, escolas, pais e professores não assumirem o papel de condutores desse processo de transformação e de revisão que se fazem presentes.

3.2. Educação para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida

Para Samples (1990), uma educação para os jovens que fortaleça crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida, é uma educação que respeita o aluno, que educa o ser humano inteiro, e não somente seu lado esquerdo do cérebro. É uma educação que traz possibilidades, liberdade, relações, continuidade e holismo.

Conforme Samples (1990), o cérebro-mente é um todo e não um agregado de sistemas separados. Existe um número enorme de maneiras para fazer com que o cérebro-mente aprenda, crie e inove. Uma das limitações dos métodos tradicionais de ensino está no fato de pais, professores e escolas se concentrarem numa faixa estreita de maneiras “adequadas” para mobilizar as potencialidades do cérebro-mente do ser humano integral. Para o autor, felizmente as limitações adquiridas pelo sistema cérebro-mente são reversíveis. Pode-se ensinar as crianças e jovens a colher suas experiências holisticamente e reensinar os adultos a utilizar os padrões do cérebro-mente considerados outrora como perdidos, deixando, assim, seres humanos mais inteiros, mais diversos, capazes de atingir seus potenciais e não somente demandas exigidas pela sociedade capitalista.

Flexibilidade, fluência e novas maneiras de pensar podem ser intensificadas através do processo pedagógico formal e das oportunidades educativas informais. Respeitando uma variedade maior de funções mentais, podemos aumentar o número de meios para expressar as funções convencionais e estimular seres humanos mais integrais, com crenças e valores mais holísticos em relação a si mesmos, ao ambiente onde moram e à vida em geral (SAMPLES, 1990).

O sistema cérebro-mente é aquilo que une o indivíduo ao universo. A holonomia é o estudo sistemático do todo, da inteireza. Assim, presume uma unidade de forma, função e modelo. O sistema cérebro-mente é holonômico porque é parte da forma, função e modelo do universo. A fragmentação inerente ao pensamento ocidental tem evitado o reconhecimento dessa unidade e assim criam-se pensamentos, crenças e valores limitantes em relação a tudo e todos (SAMPLES, 1990).

Para Samples (1990), a sociedade limitou as opções no passado com o fim de assegurar a previsibilidade e a estabilidade. Atualmente a sociedade está mudando para estrutura aberta e abundante de informações e necessita-se auxiliar os jovens rurais a entrar neste mundo aberto do futuro mostrando as possibilidades e o potencial de cada ser dentro da localidade onde habita.

O autor acima afirma que é possível um ensino que eduque o ser humano por inteiro e que o estimule a conquistar suas aptidões através de conhecimentos transmitidos com diversidade de formas, nas quais os estudantes possam ser integralmente beneficiados. Como, por exemplo, o ensino repassado através das artes, da cinestesia, dos ritmos auditivos e da sinergia. A arte verdadeira não tem regras, permeia todos os conteúdos e é capaz de gerar uma visão geral das matérias estudadas. As matérias repassadas através da cinestesia ensinam com o corpo, com o sentimento, através de danças, euritmia e com movimentos que expressam os conteúdos. O ensino com ritmos auditivos auxilia a assimilação das matérias através da música e de sons, trabalhando o sentido da audição e percepção sensorial. As matérias repassadas através da sinergia ensinam a cooperação, associação simultânea de vários fatores, ações em comum, síntese, agrupamento de ideias e ações, facilitando a união do conhecimento e dos indivíduos em prol de objetivos em comum (SAMPLES, 1990).

Segundo Samples (1990), quando se desiste das regras de exclusão criadas por cientistas como Newton, tem-se como consequência a inclusão. Muitos estudam a natureza, a educação e o cérebro com métodos de exclusão governados pela fragmentação. Inovações com os estudos da natureza, do cérebro e da educação vêm acontecendo a partir de uma perspectiva holística e de inclusão. Uma revolução vem acontecendo na ciência e na educação. Inicia-se um redescobrimto da natureza integral, do ser integral, do pensar integral, do respeito ao cérebro humano e do respeito aos potenciais de cada um.

Para Lorthois (2008), uma educação integral e fortalecedora de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida, envolve artes em todas as disciplinas, estudo dos sonhos, danças, euritmia, atividades lúdicas e trabalhos manuais como ferramentas para auxiliar o equilíbrio, harmonia, alta autoestima, limpeza de traumas, aceitação e criatividade dos jovens. Segundo a autora, o trabalho se inicia com a observação, contemplação, escuta e confiança dos e nos

estudantes. Desde o início das oficinas educacionais com jovens, as não expectativas, não projeções e confiança no talento de cada jovem se fazem necessários.

Conforme a autora citada acima, as artes manuais além de auxiliarem no equilíbrio dos jovens, também auxiliam a lembrar e valorizar a história e caminhar do ser humano na Terra. As danças e outros movimentos corporais auxiliam a sentir o outro, respeito, alegria, tolerância, compreensão mútua, cura de traumas, autoconhecimento, harmonia e totalidade de pensar e sentir. Para a autora, essas formas de ensino trazem para os jovens mais criatividade, aceitação, espontaneidade, autenticidade, autonomia, impulso, liberdade, ritmo, equilíbrio e potencial de realização de seus sonhos (LORTHIOIS, 2008).

Segundo Steiner (1996), uma educação para o jovem que fortaleça o ser humano inteiro é uma educação que auxilie a conhecer o mundo externo através da diversidade, do humor, de imagens, de teorias e de arte. Para este autor, a arte aumenta a capacidade de aprendizado, auto compreensão, ritmo, equilíbrio, liberdade e auxilia na libertação de querer controlar tudo. A arte auxilia a união do mundo interior do aluno com a ciência. O ensino da arte permeando os conteúdos auxilia no desenvolvimento harmônico das potencialidades físicas de cada ser.

De acordo com Steiner (1996), no período da adolescência, o jovem passa por alguns conflitos de identidade, de crenças e de valores e fica muito crítico. Nesta fase da vida, orientações adequadas se fazem necessárias. Segundo o autor, é importante despertar nos jovens um interesse extraordinário pelo mundo exterior, sair do mundo interno deles e ir para o externo, gerar neles interesse pelos problemas do universo, pois se não, os jovens podem se ligar aos instintos – poder e erotismo. O ensino com entusiasmo através da arte, de imagens e de analogias auxilia a despertar o interesse do jovem para o mundo externo e para a vida. Para os jovens, as palavras já não dizem muito, a arte, as imagens, os exemplos de vida é que realmente os sensibilizam.

Para Steiner (1996), o jovem na adolescência, entre 14 a 16 anos de idade, passa por um período de introspecção, de novidades, de solidão, de angústia, críticas, incompreensões e neste momento de vida para auxiliá-los a encontrar maior clareza e positividade dos acontecimentos, faz-se importante trabalhos com demonstrações de problemas a soluções, exemplos de possibilidades, trabalhos que

os estimulem a serem independentes, onde conhecimentos com sentido sejam repassados.

Segundo Brotto (2000), uma educação que trabalha o ser humano integral, estimulando crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida, é uma educação onde se trabalhe jogos cooperativos em todas as disciplinas. Nos jogos, ensinando hábitos e valores como cooperação, flexibilidade de regras, aceitação, envolvimento, diversão, prazer, divisão, contato, respeito mútuo, confiança, liberdade, recreação, diálogo, paz-ciência, entusiasmo, continuidade, objetivos comuns, ganhar com o outro, jogar com, descontração, atenção, solidariedade, vitória compartilhada e vontade de continuar jogando.

Conforme Brotto (2000) faz-se importante o trabalho de jogos cooperativos na educação, pois não valorizam ganhos e perdas, não são excludentes, não estimulam agressão e confronto, não tem perdedores, todos jogam e ganham juntos, estimulam o senso crítico ao egoísmo e à resignação presentes na sociedade de consumo.

Para Gadotti (2010), a união, a cooperação e a participação de todos em um processo, educa, traz consciência mais clara para todos e transforma o grupo em um organismo mais inteiro, homogêneo. Na medida em que se estimula a participação constante, consciente e orgânica de um grupo comunitário, aparecem oportunidades para transformações individuais e sociais mais concretas e, dessa maneira, consegue-se atingir direta ou indiretamente a transformação da realidade, ou seja, neste caso estudado, a continuação do campo dentro de uma sustentabilidade. Potencializar a criação de instrumentos participativos facilita a capacidade de organização e construção de objetivos em comum, contribui para uma relação mais produtiva, harmônica e sustentável entre os envolvidos com o local onde habitam e para toda a região.

Não se conseguirá manter um ambiente humanitário na sociedade reproduzindo um sistema social baseado em recompensas e punições:

(...) devemos trabalhar para mudar o sistema de valores, de modo que as pessoas controlem seus próprios comportamentos e comecem a se considerar membros cooperativos da família humana. (...) Talvez, se alguns dos adultos mais destruidores de hoje, tivessem sido, quando crianças, expostos ao afeto, à aceitação, à cooperação e aos valores humanos, o que tento promover com os jogos cooperativos na educação, teriam crescido em uma outra direção (ORLICK, 1989, p. 14).

O texto acima quis expressar que uma transformação na educação e na sociedade e um fortalecimento de crenças e valores nos jovens rurais em relação a eles mesmos, ao campo e à vida, são possíveis, mas para isso há um caminho a ser trilhado. Alguns pesquisadores e educadores já iniciaram os primeiros passos para a construção de métodos de educação que trabalhem com o ser humano inteiro, que estimulem o pensar e o agir integral, humano, cooperativo, equilibrado, ritmado, harmonizado com o todo, sintonizado em uma igualdade de direitos e deveres. Havendo transformações na educação e nos indivíduos que estão sendo educados, torna-se maior a possibilidade de um desenvolvimento sustentável a nível individual, local e planetário.

CAPÍTULO IV - CRENÇAS E VALORES

4.1. Crenças

A crença é o que antecede às atitudes. Quando uma pessoa tem uma crença, quando ela realmente acredita em algo, ela tem uma atitude com coerência naquilo em que acredita (PATO, 2004).

Rokeach (1973) considera que crenças, valores e atitudes fazem parte da mesma estrutura cognitiva e que se uma é afetada, as outras também são. E as crenças trazem consequências de comportamento observáveis. O autor aponta que nem todas as crenças são fortes e importantes para o indivíduo, mas as que são se tornam centrais e costumam ter muita resistência para serem mudadas.

Conforme Rokeach (1973), as crenças podem ser formadas pelo contato direto com o objeto ou situação ou virem de outras crenças já existentes. As crenças vindas direto do objeto ou situação são chamadas pelo autor de crenças primitivas e as vindas de outras crenças são chamadas de crenças secundárias. As crenças vindas direto do objeto ou situação, conforme pesquisas, são as mais fortes e importantes, conseqüentemente, as mais difíceis de serem modificadas e as outras, por não serem tão fortes, são mais fáceis de serem modificadas. Normalmente os adultos, por terem mais tempo de vida e de vivências, têm mais crenças primitivas do que os jovens, tendo assim, mais dificuldade de mudanças em crenças.

Para Fishbein e Ajzen (1975), as crenças vindas direto do objeto são chamadas descritivas e as crenças vindas de outras crenças já existentes, de desejos, atitudes e características da personalidade são chamadas de crenças inferenciais, pois vêm de formas indiretas. As crenças descritivas normalmente vêm de evidências reais. Ambas se correlacionam e comandam o comportamento do indivíduo.

As crenças vêm das experiências diretas e indiretas do objeto em questão. Crenças estão relacionadas com as situações que o indivíduo passa, e com a referência que ele tem dessas situações conforme o que o grupo social e o contexto cultural conduzem (PATO, 2004). Jovens rurais têm crenças formadas a partir de suas vivências com os pais, professores, colegas, televisão e internet.

Muitas das crenças estão baseadas na experiência direta ou em alguma crença já existente vinda de alguma autoridade externa (BEM, 2004), apesar de que

muitas das crenças primitivas sejam abstrações ou generalizações de várias experiências ao longo do tempo (BEM, 1970). O autor as chama de crenças primitivas, que são as crenças mais centrais, tidas como tão certas que muitos não percebem que têm, até que apareça alguma circunstância diferente em que elas sejam ameaçadas de serem violadas. Por exemplo, muitos continuam acreditando que um objeto existe mesmo quando deixam de vê-lo. As crenças primitivas são axiomas não conscientes sobre os quais todas as outras crenças secundárias se estabelecem, são crenças centrais que mudam raramente, e, se mudadas, alteram toda uma estrutura de crenças alicerçadas sobre ela.

O sistema de crenças e valores auxilia a visualizar os processos cognitivos e motivacionais que geram as ações (PATO, 2004). Entendendo as crenças dos jovens rurais, fica mais fácil visualizar seus valores, suas atuais e futuras atitudes e comportamentos.

Para Bem (2004), existem 5 características psicológicas das crenças, são elas:

- 1) **Instrumental** – vêm por razões práticas e utilitárias, como, por exemplo, obter benefício ou evitar punições. Para mudar de atitude, a pessoa precisa apenas ser convencida de que uma certa alternativa oferece maiores recompensas ou menores punições.
- 2) **Relacionada ao conhecimento** – aquilo que nos faz dar sentido ao mundo. São representações de nossa estrutura de memória que nos ajudam a entender eficientemente as ocorrências ao nosso redor sem termos que atinar para os detalhes de cada uma. As crenças e atitudes que tem essa característica produzem realidades simplificadas e percepções enviesadas dos eventos. Para uma mudança, deve haver um esforço na ampliação do conhecimento e mostrar que há uma nova realidade que exige o desenvolvimento de novas crenças, valores e atitudes.
- 3) **Expressão de valores** – são crenças e atitudes que expressam nossos valores ou refletem nossos próprios conceitos. São crenças, valores e atitudes geralmente consistentes entre si e não podem ser alteradas com facilidade. O indivíduo teria que ser convencido de que crenças e atitudes alternativas expressariam melhor seus próprios valores.

- 4) **Ego-defensiva** – é o que protege contra ansiedades ou ameaças sobre a autoestima e está apoiada na teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Nesta característica, a mudança não vem com facilidade.
- 5) **Ajustamento social** – é a característica daquelas crenças e atitudes que auxiliam na integração a grupos sociais. É o caso encontrado em pessoas que têm as crenças pré-determinadas por grupos como igrejas, partidos políticos, entre outros. O verdadeiro sentido da crença é menos importante que o benefício obtido por tê-las.

Acerca desta última característica, Bem (2004) argumenta que praticamente todos os grupos sociais, desde a família até a cultura como um todo, passando inclusive por escolas, empresas e instituições, todos, possuem explícita ou implicitamente, um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos considerados apropriados pelos membros. Qualquer membro que se mantenha fora dessas normas corre o risco de ser isolado e desaprovado socialmente. Em outras palavras, grupos sociais regulam crenças, valores, atitudes e comportamentos através de mecanismos próprios de premiação e punição e também influenciam promovendo modelos de referência, lentes através das quais as pessoas veem e entendem o mundo. Os grupos que exercem esse poder de regulação e/ou influência são chamados de grupos de referência, pois se tornam uma referência quando se precisa decidir em que acreditar, o que sentir e como agir.

Um indivíduo não precisa ser necessariamente membro de um grupo para ser influenciado por ele. A classe baixa da população em geral tem a classe média como referência. Atletas iniciantes podem ter como referência atletas profissionais experientes (SORBARA, 2004). Jovens rurais podem ter os jovens urbanos como referência ou podem ter os artistas da televisão como referência.

Scheibe (1970) diz que, em geral, as crenças e os valores diferem de pessoa para pessoa, assim como a importância relativa que cada pessoa dá a eles e isso será essencial na determinação das ações específicas que serão ou não executadas por um indivíduo em uma circunstância particular. O que uma pessoa faz (seu comportamento) depende do que ela quer (seus valores) e do que ela considera verdadeiro (suas crenças) sobre si mesmo e sobre o mundo. Crenças, valores e atitudes estão intimamente ligados. As atitudes dependem das crenças e valores.

Para Craig (2010), uma crença é a própria interpretação do indivíduo sobre a realidade, mas não a realidade em si; são as experiências exteriores absorvidas através da interpretação pessoal, e estas experiências criam e alimentam os condicionamentos, a forma de ver o mundo, aquilo que impulsiona ou limita as pessoas na vida. Para o autor, as crenças estão gravadas em cada um, gravadas em sua maior parte no subconsciente e, por este motivo, muitas não são percebidas com facilidade.

As crenças e valores de uma pessoa determinam o comportamento dela no mundo, a forma de agir no ambiente, os sentimentos e o modo como enxerga o mundo (CRAIG, 2010). Por este motivo é importante conhecer quais são as crenças e os valores da juventude rural, saber o que os move.

Craig (2010) compara o subconsciente e consciente humano com um palácio repleto de salas e com muitas paredes e várias escritas nas paredes, ele diz que cada sala são possibilidades na vida das pessoas e as escritas nas paredes são as crenças e valores que cada indivíduo acumula durante os anos. Muitas destas escritas foram passadas pelos pais, avós, professores, religião, grupos sociais, livros, televisão, internet e uma infindável lista de outras “autoridades” nas vidas das pessoas e muitas dessas crenças e valores parecem segurar o progresso emocional, espiritual e material de indivíduos.

As limitações vindas de crenças e valores são diferentes de pessoa para pessoa. As crenças para muitos servem de guia para passar pela vida, mas muitas das crenças em vários casos são “ficções”, são crenças que foram escritas nas “paredes” de um indivíduo por outras pessoas, sendo que esses indivíduos têm seguido essas “escritas” obedientemente. As pessoas constantemente consultam o que está “escrito” em suas “paredes” para guiar suas ações (CRAIG, 2010).

As “escrituras” são conselheiras proeminentes e muitos as consultam o dia inteiro. Elas representam todas as experiências já tidas. Elas contêm todos os “como fazer”. Elas contêm os “eu posso” e “eu não posso”, “devo” e “não devo”. Elas contêm os “tenho que” e “não tenho que”, bem como o senso de justiça. Elas contêm a versão do que é comportamento apropriado, bem como o que é certo ou errado neste mundo. Elas contêm os julgamentos, os sucessos e falhas. Está tudo lá, tudo que é considerado verdade, “escrito” nas “paredes” de cada pessoa. As pessoas

consultam as “paredes” para tudo. Aquelas “paredes” é que dizem sobre as oportunidades ou sobre os limites (CRAIG, 2010).

Para Craig (2010), as pessoas veem a vida como uma projeção/reflexo do que está em suas mentes e o que as pessoas pensam consistentemente, torna-se a realidade para elas. Os pensamentos de ontem criam o presente, enquanto que os pensamentos de hoje criam o futuro. Conforme o autor, as pessoas estão constantemente consultando as “escrituras” nas suas “paredes”. As pessoas fazem isso o dia inteiro e as palavras “escritas” de forma mais proeminente nas “paredes” se tornam os pensamentos habituais e, portanto, a realidade para aqueles indivíduos.

Atualmente a tônica do mundo é a negatividade, tanto na área urbana, quanto na área rural. Portanto, a mídia assume isto como normal e mostra em sua programação fatos que colocam isto em evidência. Jornais, revistas e novelas raramente mostram o lado bom da vida, em geral são crimes, competições, inflações, guerras e adultérios. Isso alimenta a negatividade e reforça o modo negativo de ver a vida nos pensamentos diários da juventude rural, limitando-os, assim, a atingirem seus verdadeiros potenciais, limitando um desenvolvimento sustentável individual e coletivo.

Uma das formas de auxiliar o jovem rural no fortalecimento de crenças em relação a si mesmos, ao campo e à vida é através de trabalhos que tragam conhecimento que existem alternativas melhores, através de trabalhos de educação transformadora, na qual o indivíduo se sente, se olha, se reconhece, reconhece sua realidade, enxerga as possibilidades e positivities.

4.2. Valores

Estuda-se valores para compreender mais a cultura. A cultura se manifesta nas práticas sociais, nos símbolos, nos rituais, nos heróis e nos valores, indo dos mais externos ao âmago. Os valores são como o âmago que forma a cultura (PATO, 2004). Estudando os valores da juventude rural é possível entender mais da cultura que os guia.

Garcia (2001) define valores como crenças que se põe em prática. Para Barbosa (2001), valores estão intrinsecamente ligados às hierarquias de significado dos valores básicos de uma determinada sociedade. Para Hitlin e Piliavin (2004), valores são desejos vindos de um indivíduo ou grupo que influencia a ação.

Os valores são dinâmicos, de base motivacional, relacionados à metas conscientes e desejadas. Valores estão associados a emoções e a sentimentos positivos e negativos. É a partir dos valores que vêm as tomadas de decisões. O impacto dos valores sobre as decisões do dia-a-dia normalmente não são conscientes (SCHWARTZ, 2005).

Segundo Schwartz (2005), os valores motivam ações e emoções. As ações dão a direção e as emoções servem como padrão de julgamento e vêm da socialização e das experiências únicas de cada indivíduo. A diferença de um valor para o outro é o grau de intensidade do objetivo e da motivação de cada valor. Valores controlam o comportamento humano em busca dos seus projetos de vida, das suas metas individuais e coletivas.

Rokeach (1968) define valor como uma norma ou critério, um padrão que dita quais ações as pessoas devem ou não manter. Utiliza-se o valor como justificativa para o comportamento, que possibilita comparações entre o “eu” e o “outro”, além de permitir julgamentos morais. Assim, o autor define valor como um padrão usado para dizer quais os valores, atitudes e ações dos outros valem a pena ou não tentar influenciar.

No final da década de 1980, início da década de 1990, foi elaborada uma abordagem estrutural de valores, orientada pela prioridade dada ao conjunto de valores que apresentam entre si relações de oposição e de conflito. Para Schwartz e Bilsky (1987), valores são metas conscientes e vêm através de três exigências humanas universais: 1) exigência do próprio organismo – necessidades de cada

pessoa como organismo biológico; 2) exigência de interação – exigência de interação social harmônica e 3) exigência de grupo - exigência de convivência pacífica e sobrevivência dos grupos.

Segundo Schwartz e Bilsky (1987), os valores apresentam características similares que podem ser expressas em cinco principais:

- 1) **Valores são crenças duradouras** – As crenças referem-se às emoções. Ao ativar valores, mesmo que inconscientemente, estes provocam uma reação em sentimentos positivos e negativos.
- 2) **Valores são um constructo motivacional** – Os valores motivam as pessoas, atuam no desejo de atingir uma meta.
- 3) **Valores transcendem situações e ações específicas** – Os valores são abstratos e estão presentes em situações diversas.
- 4) **Valores guiam a seleção e avaliação de ações, políticas, pessoas e eventos** – Os valores têm juízo de valor, mesmo que inconscientemente interfiram nas decisões dos indivíduos.
- 5) **Os valores são ordenados pela importância relativa aos demais** – Cada indivíduo forma um sistema ordenado de prioridades axiológicas, como uma hierarquia de valores.

Para os teóricos, tais características podem ser encontradas em todos os valores. O que diferencia o comportamento em cada contexto cultural é a motivação por meio da qual o valor é despertado. Schwartz (2005) apresenta dez tipos motivacionais, sendo eles:

- 1) **Autodeterminação** – Motivação que se refere à independência de ação e pensamento.
- 2) **Estimulação** – Refere-se ao estímulo por meio do novo, do desafio.
- 3) **Hedonismo** – Faz referência a sentimentos de prazer, satisfação e gratificações.
- 4) **Realização** – Sucesso no que compete a aprovação e reconhecimento social.
- 5) **Poder** – Objetivado pelo *status* social, pelo domínio e controle.
- 6) **Segurança** – Harmonia e estabilidade tanto em nível individual quanto grupal.

- 7) **Conformidade** – A inibição de comportamentos que não são aceitos socialmente, a restrição de ações.
- 8) **Tradição** – Refere-se à aceitação, respeito, acordo de costumes e cultura impostos socialmente.
- 9) **Benevolência** – Diz respeito à preocupação com o bem-estar dos demais indivíduos que fazem parte do grupo, promovendo relações de cooperação.
- 10) **Universalismo** – Refere-se à preocupação, compreensão, tolerância com o bem-estar não apenas do grupo de pertencimento, contrastando com os valores de benevolência, mas de todos e da natureza.

Essa teoria permite compreender os dez tipos motivacionais e as três orientações que se envolvem nas relações entre valores que são: egoística, biosférica e social altruística. Essas três orientações tratam de questões e interesses individuais, de questões e interesses coletivos e de questões e interesses individuais e coletivos ao mesmo tempo. Desse modo, os tipos motivacionais: poder, realização, hedonismo, estimulação e autodeterminação – servem a interesses primariamente individuais; universalismo e segurança – servem a interesses mistos (individuais e coletivos ao mesmo tempo); tradição, conformidade e benevolência – são exclusivamente de interesse coletivo (SCHWARTZ, 2005).

A orientação egoística agrupa os valores que primam em atender principalmente às necessidades e interesses individuais. A orientação social altruística se preocupa não somente consigo, mas também com todos os outros seres humanos, enquanto que a orientação biosférica se preocupa não somente consigo e com outros seres humanos, mas também com todas as outras espécies de vida (PATO, 2004). Para oficinas educacionais com jovens rurais a harmonia entre as três orientações é fundamental para ser trabalhado com estes sujeitos que ainda estão em formação de valores.

O conceito de valores passou a ser usado com frequência na tentativa de compreender as atitudes e comportamentos dos indivíduos e o funcionamento das organizações, instituições e sociedade (SCHEIN, 1985). Conforme apontado pela teoria de valores, estes elementos se referem ao que os indivíduos pensam,

acreditam e assumem, auxiliando na compreensão das ações e comportamentos das pessoas (BEURON et al., 2012).

Segundo Bardi e Schwartz (2003), os valores pessoais são aqueles capazes de transmitir o que há de mais importante a nível individual. Cada indivíduo tem um conjunto de valores motivacionais, como benevolência e realização e tais valores assumem diferentes graus de importância para cada pessoa, logo, um valor muito importante para uma pessoa pode não ser importante para outra.

Cada pessoa tem crenças e valores que são importantes para ela e cada um age de acordo com suas crenças e valores, mesmo quando não pensam conscientemente sobre os mesmos. Assim, as crenças e valores podem operar no subconsciente, mas estando disponíveis a vir ao consciente (BARDI e SCHWARTZ, 2003).

Valores auxiliam na condução de comportamentos e a selecionar pessoas e fatos conforme o grau de importância dos mesmos. Os valores têm uma hierarquia de importância. Os valores são os pilares das tomadas de decisões (PATO, 2011). Por este motivo, faz-se necessário compreender o grau de importância dos valores dos jovens rurais, quais as suas metas conscientes.

Para Schwartz (1992), os valores geram emoções e motivações, tanto em um indivíduo quanto em uma cultura. Os valores impulsionam ações, influenciam escolhas e decisões, tudo em busca de realizar seus desejos ou em busca de atender ao que lhes é de valor. Os valores são centrais para as tomadas de atitudes. Os valores estão ligados a metas pessoais inconscientes, conscientes e desejadas. A partir dos valores vêm as decisões. Valores servem também como um padrão para julgamento. O que diferencia um valor do outro é o objetivo ou motivação que o valor expressa.

Sobre valores, Resick et al. (2001) argumentam que as escolhas cognitivas que os indivíduos fazem são reflexo do que eles acreditam e consideram importante. As crenças e os valores proporcionam a motivação para as escolhas que as pessoas fazem e as ações que realizam.

Muitos dos valores vêm da cultura e essa cultura molda as pessoas em suas formas de agir na sociedade (PATO, 2011). Por exemplo, quando os valores são socializados pelas escolas, instituições, empresas, grupos religiosos, televisão, internet, entre outros, as pessoas passam a aceita-los e segui-los. Averiguando-se

este fato, vê-se a necessidade de trabalhos de educação nas escolas rurais que sensibilizem os jovens para valores mais positivos em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

Conforme Schwartz (1994), os valores motivam a ação, dando-lhe direção e intensidade emocional. Os valores trazem consigo o julgamento, a justificativa para as ações e eles vêm tanto através da socialização quanto da aprendizagem de experiências de cada indivíduo.

Crenças, valores, atitudes e comportamentos não mudam com tanta facilidade, mudam com o tempo. Para uma sociedade mais harmônica, com um desenvolvimento sustentável a nível individual e coletivo, com valores motivacionais mais sociais, altruístas e biosféricos, alguns trabalhos podem ser feitos. Alguns bons resultados vêm sendo alcançados através de métodos de educação que trabalham o ser humano inteiro com diversidade de formas e mostrando possibilidades (SORBARA, 2004).

Estudar valores é chegar mais próximo ao cerne da cultura de um povo, é compreender os seus por quês. Chegar à essência de elementos de uma cultura, tanto a nível micro como macro. Possibilita entender crenças, hábitos, atitudes e comportamentos de uma sociedade (PATO, 2004). Conhecer os valores de jovens rurais pode auxiliar na visualização de suas ações futuras, possibilitando, assim, a elaboração de estratégias educacionais para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, à comunidade onde estão inseridos e ao planeta.

CAPÍTULO V - METODOLOGIA DA PESQUISA

5.1. Abordagem metodológica

A abordagem metodológica utilizada neste trabalho foi a qualitativa de pesquisa. A abordagem qualitativa busca entender os detalhes dos significados e características apresentadas pelos sujeitos pesquisados. Aplica-se ao estudo das relações, das representações, das crenças, dos valores e das percepções. Considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. O processo é o foco principal (RICHARDSON, 2007).

De acordo com Minayo (1996), as pesquisas qualitativas trabalham com significados, motivações, crenças e valores e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares.

Neste capítulo, descreve-se a trajetória percorrida para atingir os objetivos traçados nessa pesquisa. Apresenta-se o contexto da pesquisa, com as características da escola onde foi realizada a pesquisa, breve descrição da cidade e assentamento onde a escola está inserida, características dos sujeitos, estratégias e instrumentos utilizados para a coleta e análise de dados.

5.1.1. Pesquisa-ação

Dentro da abordagem qualitativa, o método escolhido foi a Pesquisa-ação, pois neste, o pesquisador participa da pesquisa e a ideia e necessidade da pesquisa parte da população ou grupo (BARBIER, 2002).

Para Barbier (2002), a Pesquisa-ação não é possível de ser desenvolvida sem participação coletiva e sem a apreciação da complexidade do real. O processo de pesquisa é o mais simples possível, desenrolando-se normalmente num tempo relativamente curto, onde os membros do grupo envolvidos tornam-se íntimos colaboradores.

5.2. Contextualização

5.2.1. O Município de Padre Bernardo e os Assentamentos de Reforma Agrária

A presente pesquisa foi realizada no Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO. A escolha deste local se deu pelo fato de o assentamento possuir escola rural dentro de sua área. A escola possui ensino fundamental (1º ao 9º ano) e ensino médio (1º ao 3º ano).

No Distrito Federal e entorno há diversos assentamentos, mas poucos com escolas rurais próximas. Devido ao difícil acesso à escola, constata-se êxodo rural de jovens assentados, pois para poderem estudar, muitos vão morar em áreas urbanas.

O município de Padre Bernardo, localizado no estado de Goiás, caracteriza-se, dentre outros aspectos, por ser uma região que envolve algumas áreas que foram desapropriadas para assentamento de famílias contempladas pela Reforma Agrária. Na região de Padre Bernardo existe cerca de dez áreas de assentamentos com representação dos principais movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito Federal e Entorno (FETADFE) e a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF) (SILVA, 2009).

Na região onde foi realizada a pesquisa, existem cinco assentamentos, todos geograficamente próximos, sendo eles: Vereda I, Vereda II, Água Quente, Boa Vista MST, Boa Vista FETADFE (assentamento foco da pesquisa e onde se encontra a escola rural), todos vinculados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Com a modernização do campo intensificada durante o Regime Militar, houve um aumento do êxodo rural para as cidades de médio e grande porte. Com a instalação da capital do país no Centro-Oeste, muitas famílias, principalmente do nordeste brasileiro, vieram para Brasília e para a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) na esperança de melhores condições de vida, mais oportunidades de trabalho e acesso a bens públicos como saúde e educação (OLIVEIRA, 2012).

Conforme Oliveira (2012), chegando à Brasília, muitas pessoas não conseguiram trabalho e moradia, optando para irem morar nas cidades da RIDE. Com isso, na década de 1990, Brasília e a RIDE acumularam altas densidades demográficas e altos índices de pessoas desempregadas, acarretando numa sobrecarga nos atendimentos de serviços públicos como saúde e educação. Para muitas famílias a saída desta situação foi se estabelecerem em assentamentos rurais e lutarem por seus direitos. Com a formação dos assentamentos, os trabalhadores tiveram a oportunidade de novamente ter uma terra, de trabalhar e ter uma renda, além de diminuir a pressão demográfica que se encontrava em Brasília e na RIDE. Os assentamentos em Padre Bernardo/GO são um exemplo deste fato.

5.2.2. Assentamento Boa Vista

O assentamento é regularizado pelo INCRA e está dentro do território das Águas Emendadas (DF/GO/MG), contendo 134 famílias, fundado no ano de 1998. A maioria das pessoas que compõe o assentamento caracteriza-se por famílias que perderam seus recursos financeiros e posses com a modernização do campo e durante o governo Collor. Entraram na Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito Federal e Entorno (FETADFE) para conseguir uma terra e ter autonomia (SILVA, 2009).

5.2.3. Escola Boa Vista

A Escola Municipal Boa Vista, localizada no Assentamento Boa Vista – Padre Bernardo/GO é dividida da seguinte maneira: ensino fundamental de 1º ao 9º ano vinculado ao município de Padre Bernardo e ensino médio 1º ao 3º ano vinculado ao Estado de Goiás. Atualmente são cerca de 370 alunos matriculados no ensino fundamental e 52 alunos matriculados no ensino médio.



Figura 1: Visão do pátio interno da Escola Municipal Boa Vista.

5.3. Sujeitos participantes da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com 23 jovens de 14 a 16 anos de idade do 1º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Boa Vista, localizada no Assentamento Boa Vista - Padre Bernardo/GO. Esta faixa etária foi escolhida por estarem em processo de formação de opinião e por ainda não constituírem sua própria família.

5.4. Estratégias metodológicas

Para a realização deste estudo, foram utilizadas técnicas de Observação Participante, Diário de Campo, Entrevista Semiestruturada com um agricultor do assentamento e com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista, Entrevista Estruturada com os jovens e oficinas educacionais com os jovens para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida.

5.4.1. Roda de Conversa

A Roda de Conversa possibilita a abertura de espaços de encontro, de escuta, trocas, valorização de competências coletivas e faz parte da Pesquisa-ação (CAMPOS, 2000).

Segundo Campos (2000), a Roda de Conversa auxilia na construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização dos saberes e da reflexão voltada para a ação.

Para a aplicação da Roda de Conversa, contou-se com um roteiro (apêndice “A”).

5.4.2. Observação Participante

Nas visitas ao assentamento, à escola e durante as oficinas realizadas com os jovens, foi realizada Observação Participante. Para a prática da Observação Participante contou-se com um roteiro (apêndice “B”).

A Observação Participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a participação, a observação direta e a introspecção (DENZIN, 1989).

As evidências observacionais são, em geral, úteis para fornecer informações adicionais sobre o tópico que está sendo estudado (YIN, 2005).

5.4.3. Diário de campo

O Diário de Campo, mais do que apenas guardar informações, pode conter reflexões cotidianas que, quando relidas teoricamente, são portadoras de avanços tanto no âmbito da intervenção, quanto da teoria (LIMA, 2007).

5.4.4. Entrevista Semiestruturada

Em relação à técnica de Entrevista Semiestruturada, Lüdke & André (1986, p. 34) relatam que a Entrevista Semiestruturada “se desenrola a partir de um esquema

básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

De acordo com Minayo (1996), a entrevista como técnica para coleta de dados propicia conhecer dados subjetivos que se relacionam com crenças, valores, comportamentos e atitudes dos sujeitos entrevistados.

5.4.5. Entrevista Estruturada (questionário aberto)

Este tipo de entrevista baseia-se na utilização de um questionário como instrumento de coleta de informações o que garante que a mesma pergunta será feita da mesma forma a todas as pessoas que forem pesquisadas. Podem conter perguntas fechadas e abertas (RICHARDSON, 2007).

O questionário aberto teve como objetivo guiar a Pesquisa-ação e mostrar o caminho para a continuidade do processo de fortalecimento das crenças e valores dos sujeitos em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

5.4.6. Oficinas educacionais com os jovens para fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida

Foram desenvolvidas oficinas educacionais com temas: cuidado consigo, com o outro e com o planeta; crenças e valores a respeito de si mesmo, do campo e da vida; união; conhecimentos úteis; luta pelos seus direitos. As oficinas buscaram fortalecer a autoestima desses sujeitos, as relações sociais e a vida no campo.

As oficinas educacionais foram repassadas através das artes, cinestesia, ritmos auditivos e sinergia, auxiliando os jovens a ampliar o campo de possibilidades, com respeito ao cérebro total, à criatividade de cada ser, ao ritmo de cada um, com liberdade e conhecimentos úteis, conforme Samples (1990).

As oficinas foram repassadas através de danças, músicas, atividades lúdicas e trabalhos manuais para auxiliar no equilíbrio e estimulação das potencialidades dos jovens, de acordo com Lorthiois (2008).

As oficinas com os jovens buscaram despertar o interesse pelo mundo rural, com imagens, exemplos de vida, analogias, informações com sentido, exemplos de

problemas a soluções, estimulando a permanência no campo, independência e luta pelos seus direitos (STEINER, 1996).

As oficinas de educação tiveram prática, arte, auxiliando os jovens a se organizarem e irem em busca de seus sonhos e realizações (SOUZA, 2010).

Houve oficinas educacionais com jogos cooperativos, estimulando a união e valores como cooperação e solidariedade. Estas tiveram a intenção de estimular a participação de todos, maior consciência, transformações individuais, sociais, locais e regionais (BROTTO, 2000).

5.4.7. Procedimentos

A pesquisa se desenvolveu em 7 encontros durante 5 meses (agosto a dezembro de 2013), havendo construção e coleta de dados em todos os encontros. A seguir estão descritos os procedimentos.

1º encontro: foram realizadas as Entrevistas Semiestruturadas com um dos agricultores mais antigos do assentamento e com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista; Observação Participante do assentamento; anotações no Diário de Campo.

Como ainda há poucas publicações sobre o Assentamento Boa Vista e sobre a Escola Municipal Boa Vista, para obter algumas informações, foi aplicada uma breve Entrevista Semiestruturada com um dos agricultores mais antigos do assentamento, presidente de uma das associações do assentamento e com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista.

A Entrevista Semiestruturada aplicada com um dos agricultores do assentamento e com a coordenadora pedagógica da escola teve por objetivo compreender melhor o histórico do assentamento, dos seus moradores, da escola e auxiliar a direcionar a Pesquisa-ação.

Foram realizadas observações com o objetivo de averiguar a heterogeneidade cultural, social e ambiental, identificando, separando e descrevendo características do assentamento e dos alunos.

2º encontro: foram aplicadas as primeiras Entrevistas Estruturadas (questionários abertos) com os jovens; Roda de Conversa; oficina educacional; Observação Participante e anotações no Diário de Campo.

A aplicação do questionário teve como objetivo compreender mais sobre os hábitos, crenças e valores dos jovens em relação ao meio ambiente, problemas socioambientais no assentamento, lazer, expectativas para o futuro, expectativas para um assentamento melhor e qualidade de vida. Além disso, esta primeira entrevista com os jovens foi de suma importância para direcionar a Pesquisa-ação em relação às demandas dos sujeitos.

A Roda de Conversa foi conduzida com perguntas, os jovens respondiam, depois se organizam em grupos e colocavam as respostas em cartazes em forma de mapa mental. Temas: Lazer e qualidade de vida.

A primeira oficina educacional abordou os temas sobre a complexidade do cérebro humano, mapa mental, maneiras de aprender e de expor as ideias; e cooperação.

3º encontro: Roda de Conversa; oficina educacional para fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida; Observação Participante e anotações no Diário de Campo.

A Roda de Conversa foi conduzida com perguntas, os jovens respondiam, depois se organizam em grupos e colocavam as respostas em cartazes em forma de mapa mental. Tema: Maiores problemas no assentamento.

Na segunda oficina educacional, houve três partes. A primeira parte girou em torno de informações úteis como: histórico da questão agrária brasileira; histórico da questão agrária no DF e Entorno; assentamentos de sucesso no país, dicas para o sucesso; reflexões sobre educação e ambiente; reflexões sobre cuidados consigo, com pensamentos e sentimentos. Na segunda parte da oficina foi realizado um jogo cooperativo para estimular uma maior união da turma. Na terceira parte da oficina houve um momento de alongamento, relaxamento e introspecção; dinâmica com argila “momento de criação”, “momento de reciclagem interna” e “momento de criação coletiva”. Desses momentos surgiram palavras. Dessas palavras surgiram poesias e uma música (ANEXO I).

4º encontro: Roda de Conversa; oficina educacional para fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida; Observação Participante e anotações no Diário de Campo.

A Roda de Conversa foi conduzida com perguntas, os jovens respondiam, depois se organizam em grupos e colocavam as respostas em cartazes em forma de mapa mental. Tema: Maiores dificuldades da sua vida.

Na terceira oficina educacional, os estudantes leram as poesias elaboradas e um estudante cantou a música que ele elaborou a partir das palavras que surgiram na oficina anterior (ANEXO I). Foram realizadas reflexões sobre crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida; reflexões sobre as possibilidades que se pode ter na vida e no campo; reflexões sobre o contexto político, econômico e social local, sobre como sair do eu e chegar ao outro. Em um momento da oficina uma das funcionárias da área administrativa da escola foi convidada para contar sua biografia para os alunos: “De dificuldades à vitórias”. Ela, uma mulher que saiu da periferia de Goiânia, foi morar no Assentamento Boa Vista, trabalhou de sol a sol, enfrentou dificuldades na produção de alimentos, teve problema de saúde grave, passou fome, mas não desistiu. Estudou para o concurso de auxiliar de limpeza da Escola Municipal Boa Vista, passou no concurso, concluiu o Ensino Médio à distância, e passou no concurso para área administrativa da escola. Houve reflexões sobre a biografia da funcionária e sobre outras biografias. Depois houve um jogo cooperativo para estimular mais união na turma. No fechamento da oficina, foi pedido aos jovens para elaborarem um mini projeto com ideias de como gerar renda e valorizar a cultura e o ambiente onde eles vivem (ANEXO II).

5º e 6º encontro: Oficina educacional para fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida; oficina “novos conhecimentos úteis”; Observação Participante e anotações no Diário de Campo.

No primeiro momento da oficina (tanto no 5º quanto no 6º encontro) houve um momento de introspecção e arte, reflexão sobre os potenciais de cada um e as possibilidades de alcançar esses potenciais. Além de refletir também sobre os potenciais da escola rural e da vida no campo.

Em um segundo momento, para atender uma demanda de alguns alunos da turma com muito potencial na área de robótica e eletrônica (eles pegam resíduos

sólidos no lixo e transformam em máquinas), foi feita uma parceria com um grupo de extensão da área de robótica da Universidade de Brasília (UnB) e estes, ministraram uma oficina teórica e prática para os estudantes no 5º e 6º encontro.

Em um terceiro momento foi realizado um jogo cooperativo para estimular mais união na turma (5º e 6º encontro).

7º encontro: conclusão; houve aplicação de Entrevista Estruturada (questionário aberto); oficina educacional para fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida; Observação Participante e anotações no Diário de Campo.

A Entrevista Estruturada aplicada ao final da pesquisa teve como objetivo compreender se houve algo positivo em relação às atividades desenvolvidas para: fortalecer crenças e valores referentes às possibilidades de aprendizados na escola rural; fortalecer crenças e valores em relação a eles mesmos acreditarem mais em si e lutarem pelos seus desejos e sonhos; fortalecer crenças e valores em relação a viver e realizar seus sonhos no campo.

Foram realizadas algumas reflexões sobre os potenciais de cada pessoa e as possibilidades de alcançar esses potenciais. Além de refletir também sobre os potenciais da escola rural e da vida no campo. A oficina foi desenvolvida através de arte e música.

5.5. Instrumentos metodológicos

Os instrumentos metodológicos utilizados estão citados a seguir.

5.5.1. Roteiro da Roda de Conversa

O roteiro da Roda de Conversa foi organizado em três momentos:

- 1) Lazer é...; qualidade de vida é...;
- 2) Maiores problemas no assentamento são...;
- 3) Maiores dificuldades da sua vida são...

5.5.2. Roteiro da Observação Participante

O roteiro da observação se desenvolveu em três momentos:

- 1) Observação de problemas ambientais no assentamento e na escola.
- 2) Observação do comportamento dos alunos uns com os outros, união da turma.
- 3) Observação da troca e receptividade das atividades que estavam sendo desenvolvidas.

5.5.3. Roteiro da Entrevista Semiestruturada

A entrevista foi aplicada no início da pesquisa com um dos agricultores mais antigos do assentamento, além de ser também presidente de uma das associações do assentamento e com a professora coordenadora pedagógica da escola. A entrevista foi composta por perguntas abertas (apêndices “C” e “D”).

5.5.4. Roteiro da Entrevista Estruturada (questionário aberto)

Foram elaboradas duas entrevistas com os jovens, portanto, dois roteiros. Uma entrevista foi aplicada no início da pesquisa e outra ao final. A Entrevista Estruturada foi composta por perguntas fechadas e abertas (apêndices “E” e “F”).

5.6. Análise de dados

As análises das observações partiram da releitura dos registros feitos durante as observações realizadas nas visitas ao assentamento e à escola e durante as atividades com os jovens.

As análises do Diário de Campo se deram com releitura dos registros feitos durante as atividades realizadas.

Já para as análises das Rodas de Conversa e entrevistas, as falas foram examinadas por meio da adaptação da técnica de análise de conteúdo, segundo Lüdke & André (1986), para averiguação das categorias temáticas que emergiram com as falas dos sujeitos pesquisados. Além disso, as análises temáticas

consideram a singularidade das falas dos sujeitos referente aos pontos analisados na pesquisa.

Segundo Triviños (2006), a análise dos dados equivale à organização do material de pesquisa. Ela tem início na própria elaboração do projeto, desde o levantamento de material bibliográfico sobre o objeto de estudo até a determinação do *corpus* (conjunto de dados) a ser analisado. É definida por uma leitura geral de todo o material.

Conforme Triviños (2006), a análise constitui-se no estudo aprofundado do *corpus*, passando pela codificação e categorização. A codificação é um recorte do contexto, recorte de frases que foram escritas na entrevista. A categorização serve para dar significação às mensagens e, assim, ratificar as categorias (termo chave que indica a significação central do conceito que se quer apreender) em processo de definição e denominar as subcategorias (indicadores que descrevem o campo semântico desse conceito).

Com os dados encontrados nas Observações Participante, Diário de Campo, Rodas de Conversa e entrevistas, têm-se o objetivo de relacionar as categorias com o referencial teórico da pesquisa.

Entrelaçando os dados obtidos nas Observações Participantes, Diário de Campo, Rodas de Conversa, entrevistas e referencial teórico, a seguir serão apresentados os resultados alcançados e a discussão.

CAPÍTULO VI - RESULTADOS

Os resultados desse estudo estão apresentados na ordem em que surgiram, ou seja, primeiro os referentes à Entrevista Semiestruturada aplicada ao agricultor e à coordenadora pedagógica da escola, seguido da Observação Participante, Roda de Conversa, primeira Entrevista Estruturada com os jovens, e finalmente segunda Entrevista Estruturada aplicada com os jovens.

6.1. Entrevista Semiestruturada

6.1.1. Entrevista com agricultor

A seguir apresenta-se dados obtidos com a entrevista aplicada a um dos agricultores mais antigos do Assentamento Boa Vista, presidente de uma das associações (apêndice “C”).

Nesta entrevista com o agricultor, em relação à formação do Assentamento Boa Vista, como há poucos registros sobre o assentamento, pode-se obter relevantes informações e compreender fatos, como, o porquê da riqueza ambiental no Assentamento Boa Vista. No caso deste assentamento, como quem ofereceu a terra para ser ocupada foi o fazendeiro, ele não está dentro do conceito de Martins (2003), quando este diz que a maioria das terras desapropriadas para os assentamentos são terras improdutivas, com passivo ambiental. Esse assentamento faz parte de uma região rica em rios e mata de galeria.

As maiores dificuldades apresentadas pelo agricultor são com relação à segurança, transporte, saúde e falta de oportunidade de trabalho para os jovens. Essa fala do agricultor confirma a pesquisa de Alentejano (2012) quando este autor constata que houve muitas distribuições de terras no governo Fernando Henrique Cardoso e algumas distribuições no governo Lula, mas na maioria, não houve assistência suficiente de infraestrutura básica.

Em relação a problemas ambientais, o agricultor cita dificuldades com abastecimento de água para todos, queima de lixo e fossas em sistemas mais simples.

Quando o agricultor fala sobre a formação da Escola Municipal Boa Vista, percebe-se o poder que tem a união das pessoas em busca de um objetivo em comum. Ele diz:

A escola começou em 1999 em uma casinha de palha. A construção da escola de ensino fundamental e médio, esta estrutura que tem hoje, foi feita no ano de 2004. Aqui nos cinco assentamentos nós somos muitos, nós temos poder de voto, nós temos um poder político. Em 2003/2004 fizemos uma grande mobilização reivindicando educação nos assentamentos para o Prefeito de Padre Bernardo. Ele pressionado e vendo que somos um poder de voto, somos votos, ele logo tratou de pegar uma verba que tinha saído para a educação vinda do governo federal e construiu esta escola maravilhosa que hoje temos, uma escola referência nacional, escola dentro de assentamento. Temos muitos alunos matriculados. O colégio é muito bom. A maioria dos professores são daqui do assentamento. A escola possui transporte para pegar os alunos nos cinco assentamentos e fazendas aos arredores. Transportes muito bons: 4 ônibus, 3 Kombi e 2 carros.

Quando há união entre as pessoas, disciplina, ordem e solidariedade, a prosperidade e o sucesso acontecem. É só olhar para o índice de acesso à escola em assentamentos no Rio Grande Sul, é um alto índice, vindo da união, ordem, solidariedade e luta de assentados (MELGAREJO, 2001).

Quanto ao título da terra, poucos agricultores conseguiram, pois a maioria ainda está com dívida no banco por não ter conseguido administrar bem o financiamento que havia recebido e por não ter tido o suficiente acompanhamento técnico vindo do governo. Quanto a este fato, conforme cita Martins (2003), a Reforma Agrária vem progredindo, mas ainda com muita precariedade de infraestrutura e assistência técnica vindas do governo.

Em relação ao Plano Diretor Ambiental (PDA), o agricultor relatou: “Não tem ainda, falta técnico para nos orientar e ajudar. Já tentamos algumas vezes, mas ainda não deu em nada”. Com essa fala nota-se algumas das dificuldades e precariedades que pessoas deste assentamento passam. Conforme Ploeg (2009), o agricultor tem potencial para promover níveis de produtividade e de produção notáveis, mas para isso, faz-se necessário mais investimento do governo nos assentamentos, espaço sociopolítico e econômico para o agricultor assentado.

Quanto à população que compõe o Assentamento Boa Vista, o agricultor relata:

Das pessoas que fazem parte do assentamento, mais ou menos 70% vieram de área rural, do nordeste para o DF ou para o entorno do DF mesmo. Antes de vir para os assentamentos, a maioria morava em Água Lindas, Padre Bernardo, Braslândia, Ceilândia e Taguatinga. Tiveram uns 30% que vieram apenas pegar a terra e revender.

Este fato confirma a afirmação de Oliveira (2012) quando este autor relata que muitas famílias do nordeste brasileiro vieram para Brasília com a chegada da capital, não tendo como se sustentarem em Brasília, foram para a Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (Ride) e muitos desses, para assentamentos. E para Alentejano (2012), com a modernização da agricultura iniciando nas décadas de 1950/1960, milhões de trabalhadores rurais foram expulsos do campo, indo para a periferia das grandes cidades em busca de renda e atendimentos públicos como saúde e educação.

Para o agricultor, a união entre as pessoas do assentamento está: “No início as pessoas dos assentamentos eram muito unidas. Agora, mais ou menos”. Com esta fala, o agricultor mostra que o assentamento já foi mais unido e já conseguiu um tanto de vitórias. As pessoas com menos união, fica perceptível o aumento de dificuldades no assentamento. Segundo o agricultor, os maiores desentendimentos entre as pessoas são por terra e água, pois uns têm terreno maior e com mais água do que outros.

Segundo o agricultor o motivo pelo qual as pessoas vieram morar no assentamento foi: “Muitos de nós viemos para o assentamento por não suportar o excesso de violência nas cidades satélites e por passar muitas dificuldades financeiras na cidade”. Esta fala confirma a pesquisa de Carneiro (2007), quando expõe que com o excesso de violência, desemprego, falta de oportunidades na cidade, poluição, entre outros, as pessoas estão voltando a desejar viver no campo.

Para o agricultor, o êxodo rural de jovens no assentamento deve-se a: “Muitos jovens daqui quando terminam o ensino médio vão para a cidade estudar, trabalhar e se divertir. Aqui não tem opção pra eles de trabalho e lazer”. Com este relato, o agricultor confirma as pesquisas de Castro (2012), onde a autora apresenta que há muito êxodo rural dos jovens, principalmente, por difícil acesso à renda, trabalho, lazer e esporte.

6.1.2. Entrevista com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista

A seguir são apresentados dados obtidos com a entrevista aplicada à coordenadora pedagógica da Escola Municipal Boa Vista (apêndice “D”).

Na entrevista com a coordenadora pedagógica foi possível averiguar que ela chegou desde o início no movimento, desde as primeiras mobilizações, mas somente foi conseguir o acesso à terra três anos após o primeiro acampamento. Ainda está com dificuldades de estruturar sua casa e conseguir título da terra.

Em relação aos alunos, na entrevista, a professora relata a quantidade de estudantes na escola e a melhor turma para ser desenvolvida a pesquisa, uma turma com maior quantidade de alunos do próprio assentamento, jovens que cresceram no assentamento.

Conforme o relato da coordenadora, a maior parte da equipe de professores da escola mora no assentamento. De 17 professores, 9 são estagiários que ainda fazem faculdade e moram no assentamento, 5 possuem contrato temporário, sendo que 1 mora no assentamento e outros em Padre Bernardo e apenas 3 professores concursados moram no assentamento. De toda a escola, há apenas 3 professores concursados em uma escola de 422 alunos. Com esse fato, demonstra a falta de investimento do governo na área de educação.

Para a professora as maiores dificuldades do Assentamento Boa Vista são: “Estilo de Reforma Agrária deste país. Falta de investimento do governo. A maioria dos assentados não tem origem rural, vendem a terra. Governo precisa fazer triagem”.

Segundo a coordenadora as maiores dificuldades na Escola Municipal Boa Vista estão relacionadas à rotatividade de alunos filhos de caseiros das fazendas próximas ao assentamento e filhos de assentados que conseguiram terra somente para depois vendê-la. E também dificuldades com infraestrutura na escola, como computadores que funcionem e internet.

A coordenadora relata que os alunos “gostam muito de internet, só falam nisso”. Com esta fala a coordenadora confirma a pesquisa de Carneiro (2007) quando este autor relata que o jovem rural da atualidade está em um campo mais amplo, onde a cultura tecnológica, cultura globalizada, cultura do campo e cultura da

cidade se mesclam. Muitas vezes o jovem está no campo e na cidade ao mesmo tempo, mesmo que virtualmente.

Para a professora, o único lazer que ela via os jovens tendo era com uma rádio universitária que a Universidade de Brasília (UnB) tinha auxiliado a construir, mas que depois de um tempo os aparelhos ficaram velhos, sem funcionar e os jovens perderam o único lazer que tinham, conforme relata a professora.

Os dados obtidos com a Entrevista Semiestruturada aplicada ao agricultor e à coordenadora pedagógica da escola foram essenciais para a elaboração do roteiro das Rodas de Conversa e para a elaboração do roteiro da primeira Entrevista Estruturada aplicada aos jovens do 1º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Boa Vista.

6.2. Observação Participante

- 1) Em relação a problemas ambientais no Assentamento Boa Vista e na escola, conforme observações realizadas, não foram constatados grandes problemas ambientais. A região é rica em rios; tem mata ciliar e de galeria ainda preservada em muitos lugares; alguns assentados possuem terras férteis próximas ao rio e outros já possuem terra mais degradada, devido à criação de bovinos, plantios de monocultura e queimadas. Não foi averiguada nenhuma área de erosão e córregos ou rios secos. Os restos de alimentos vão todos para animais, a maioria das pessoas cria animais, ao menos galinha. Os resíduos sólidos são queimados e há presença de desmatamentos para plantios e criação de animais, estes, problemas ambientais observados. A escola é muito limpa, tem separação de lixo e não foram vistos sinais de vazamento de água ou outros desperdícios.
- 2) Em relação ao comportamento dos alunos uns com os outros, percebeu-se que é uma turma tranquila, onde muitos cresceram juntos. A maioria dos alunos costuma respeitar um ao outro, mas nos primeiros encontros não averiguou-se união entre os alunos em busca de um objetivo comum, em busca de direitos e ideais em conjunto. Nos últimos encontros observou-se a turma com mais ligação uns com os outros e com alguns objetivos mais claros.

- 3) Em todos os encontros a maioria dos alunos foram receptivos e participativos. Após os encontros alguns diziam que tinha sido muito importante para eles, alguns até choravam por estarem emocionados.

6.3. Roda de Conversa

6.3.1 Primeira Roda de Conversa

Na primeira Roda de Conversa (apêndice “A”), abordaram-se os temas lazer e qualidade de vida. A Roda de Conversa foi conduzida com perguntas, os jovens respondiam oralmente, depois se organizam em grupos e colocavam as respostas em cartazes em forma de mapa mental.

Na categoria “lazer” houve relatos dos jovens como: “assistir jogo de futebol (televisão), nadar no rio, vôlei, caminhar, esporte”, essas falas, confirmam a pesquisa de Anastácio (2007), quando expõe que o lazer de jovens rurais de 12 a 25 anos em 100 municípios do Brasil está relacionado principalmente a assistir televisão e praticar esportes, entre outras coisas.

Houve também as falas:

Andar a cavalo, girar folia, folia do Divino Espírito Santo, assistir jogo de futebol, escutar músicas, estar com os amigos, facebook, ir a festas, nadar no rio, criar aparelhos eletrônicos, ir para a escola, curtir racionais, esporte, diversão, internet, zueira, sair com a família, ir na cachoeira, curtir ao ar livre, estudar, cinema na cidade, viagens com os pais, conhecer pessoas novas, conhecer línguas diferentes, caminhar, curtir a natureza, os animais, a família, a vida.

Todos esses relatos, conforme Schwartz (2005) estão relacionados a orientações egoísticas, baseados no tipo motivacional de valor - Hedonismo, no qual os interesses são exclusivamente individuais e, neste caso, referem-se a sentimentos de prazer, satisfação e gratificações pessoais.

Tiveram as falas: “amar a natureza e a vida, plantar árvores, amar, dar valor”; que, conforme Schwartz (2005) estão dentro da orientação biosférica, baseada no tipo motivacional de valor - universalismo, servindo a interesses tanto individuais quanto coletivos, tendo preocupação e compreensão não somente consigo ou com o grupo social a que pertence, mas também se preocupa com toda a natureza.

Na categoria “qualidade de vida” houve as falas:

Estar com quem eu gosto; Curtir um bom rock; Ouvir o hino do flamengo; Churrasco em família; Jogar queimada; Estar com a família e com os amigos; Fazer o que eu gosto; Zueira; Fazer exercício físico; Alimentação saudável; Lazer; Curtir racionais; Ser feliz por ser vaqueiro; Paz; Sabedoria; Amor; Saúde; Comer bem; Ter família; Felicidade; Fazer o que gosta; Farriar; Namorar; Ir a festas; Ter amizades; Ter harmonia; Viver; Fazer natação no rio; Andar de bicicleta; Andar a cavalo; Viver em família; Dormir; Nos alimentar bem; Comer frutas e verduras; Ser feliz.

Essas falas relacionam-se ao que Schwartz (2005) denomina orientação egoística, tipo motivacional de valor – hedonismo, mostrando, com isso, que os jovens ainda têm valores muito individualistas.

Tiveram as falas:

Poder estudar para no futuro ter uma vida melhor; Educação; Trabalho; Educação melhor; Fazer faculdade; Passar num concurso; Ter casa própria.

Esses relatos estão relacionados, conforme Schwartz (2005), com a orientação egoística, tipo motivacional de valor – poder, ou seja, os jovens ainda demonstram com essas falas, a necessidade de *status social*, domínio e controle.

Teve a fala: “Ser livre” está ligada, de acordo com Schwartz (2005), à orientação egoística, tipo motivacional de valor – autodeterminação, com isso, tendo uma motivação interna de ser independente na ação e pensamento.

Houve as falas:

Compartilhar tudo com as pessoas que você gosta; Ser uma pessoa de caráter; Boa relação com a família; Boa relação com os vizinhos; Boa convivência com todos; Ter união na família; Ter confiança nas pessoas; Amar ao próximo; Ter respeito; Boa relação com a natureza e o meio ambiente.

Nessas palavras, verifica-se, conforme Schwartz (2005), a presença da orientação biosférica, tipos motivacionais – segurança e universalismo, mostrando assim com essas falas, interesses tanto individuais quanto coletivos, busca de harmonia e estabilidade individual e grupal; e preocupação não somente consigo e com seu grupo social, mas também com o meio ambiente.

6.3.2. Segunda Roda de Conversa

Na segunda Roda de Conversa, abordou-se o tema “problemas no assentamento”. A seguir, dados obtidos.

Na segunda Roda de Conversa foram coletados os seguintes dados:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Problemas no Assentamento	Início da formação dos assentamentos	"No início, falta de energia elétrica, dificuldade para adquirir as terras; estradas péssimas, falta de transporte público, falta de educação, de saúde e de saneamento básico".
Problemas no Assentamento	Dias atuais Infraestrutura	"Hoje em dia, falta de transporte público, porque é só um por dia e sempre quebra e a passagem ainda por cima é caríssima; Falta d'água em muitas chácaras; Muita queda de energia elétrica durante o período de chuva e neste período as estradas ficam piores também".
	Dias atuais Segurança	"Falta de segurança".
	Dias atuais Problemas ambientais	"Muito desmatamento todo ano para plantar roça e criar animais; muita queimada todo ano, quando alguns vão queimar lixo, às vezes, nesta época, acaba pegando fogo em todo o mato";
	Dias atuais União entre as pessoas	"Desunião entre as pessoas, briga por terra com água. Não é muita, mas tem".
	Dias atuais Educação	"Falta muitos recursos no assentamento, por exemplo, para fazer um curso de informática, estou tendo que ir pra cidade, pois aqui não tem; Falta muita oportunidade de trabalho; Falta uma sala de informática na escola que funcione e professores mais capacitados para nos dar aula; Falta um laboratório de ciências na escola; Professores mais capacitados, porque tem professores aqui que não sabem responder nossas perguntas".
	Dias atuais Saúde	"Falta recursos médicos nos assentamentos, por exemplo, soro antiofídico, se alguém for picado por cobra, tem que viajar até Padre Bernardo ou Braslândia, se não morrer antes".
	Dias atuais Políticas públicas de investimento nos assentamentos	"Abandono dos órgãos federais, estaduais e municipais que fazem promessas e não cumprem; Falta recurso e capacitação para nossos pais investirem na terra".

Tabela 1: Segunda Roda de Conversa.

Na primeira, segunda, terceira e sétima subcategorias, pode-se confirmar as pesquisas de Martins (2003) e Castro (2012), quando estes autores expõem que a maioria dos assentamentos iniciou-se sem a menor infraestrutura e muitos, mesmo depois de muitos anos, continuam com pouca infraestrutura ou nenhuma.

Na quarta subcategoria "Dias atuais – problemas ambientais" são relatados fatos semelhantes aos averiguados por Samples (1990) e Lorthiois (2008), quando estes autores colocam que a forma limitada e especializada de ver o mundo prejudica não somente a pessoa, mas a região onde habita e o planeta. A pessoa quando queima o lixo ou a floresta para cultivo e criação de animais, não está

pensando nos vizinhos ou na natureza. Os jovens atuais, com acesso a informações, já começam a verificar que a queima de lixo e degradação da natureza não são positivos.

Na quinta subcategoria “Dias atuais - união entre as pessoas” pode-se confirmar a pesquisa de Correia (2006), quando este expõe que a maioria das crises mundiais está baseada pela falta de solidariedade e cooperação entre as pessoas, sociedades e países e exacerbação da dominação, exploração e competição.

Na sexta subcategoria “Dias atuais – educação”, confirma-se a pesquisa de Carneiro (2007), quando o autor coloca que o jovem rural vai do campo para a cidade em busca de condições melhores de estudo e trabalho e que, havendo estudo, trabalho e infraestrutura adequada no assentamento, os jovens rurais não vão para a cidade. Esta subcategoria também confirma as pesquisas de Souza (2010) e Steiner (1996), quando os autores expõem que o jovem precisa de conhecimento com sentido, com prática, pois o ensino tradicional e os livros didáticos descontrolam valores camponeses, deixam os jovens apáticos na luta pelos seus sonhos e direitos.

Na oitava subcategoria “Dias atuais – políticas públicas e investimentos nos assentamentos”, confirma-se o que é exposto por Castro (2005) e Abramovay (2005), que faltam incentivos públicos para a continuação dos jovens no campo.

6.3.3. Terceira Roda de Conversa

Na terceira Roda de Conversa, abordou-se o tema “maiores dificuldades da sua vida”. A seguir, são apresentados os dados obtidos.

Na terceira Roda de Conversa foram coletados os seguintes dados:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Maiores dificuldades da sua vida Dinheiro	Pouco dinheiro	“Salário baixo; Eu queria ajudar minha família com dinheiro e não tem como eu trabalhar para ajudá-los”.
Maiores dificuldades da sua vida Família	Questões familiares	“Dificuldade com meu pai, eu e ele não nos damos muito bem; Perder quem a gente ama, porque ontem fez cinco meses que meu tio faleceu; Meus pais brigam muito; Sentimento de perda do meu tio; Brigas entre meus pais; Desunião na família, brigas a respeito de religião; Dificuldade: a perda do meu pai, a pessoa mais importante que já tive; A minha dificuldade é bem simples, mas bem doída: Meu pai não deixa eu namorar a pessoa que eu amo; Morte do meu pai no começo do ano passado, ele faz muita falta e isso me deixa muito triste já que meus irmãos ainda são bem pequenos, eu fico muito emocionada; Meus pais não estão muito bem de saúde, por isso eles não conseguem trabalhar em serviços que ganham bem; O meu avô está com começo de câncer e está muito difícil pra mim”.
Maiores dificuldades da sua vida Saúde	Problemas de saúde	“Minha saúde frágil na infância; Dificuldade para conseguir meus tratamentos de vista que é muito sério”.
Maiores dificuldades da sua vida Oportunidades	Falta de oportunidades	“Dificuldade para arrumar um bom emprego; Falta de oportunidade para diversos tipos de coisas como emprego e diversão, mas minha vida é boa, não me falta nada”.
Maiores dificuldades da sua vida Medo	Medos	“Tenho medo de perder minha família; Medo da minha família querer ir embora daqui; Medo de ir embora para sempre daqui; Tenho dificuldades em prosseguir a formar o meu futuro com a injustiça que temos em nosso país, medo de isso atingir o meu caráter; Timidez; Medo; Raiva e medo de perder alguém da minha família; Medo de espíritos; De ver meu time do coração São Paulo na zona do rebaixamento. Isso é muito triste pra mim”.
Maiores dificuldades da sua vida Segurança	Injustiça	“Não me conformo com o policiamento brasileiro por causa da morte do meu pai que por sinal não foi feita justiça ainda”.
Maiores dificuldades da sua vida Infraestrutura	Transporte	“Dificuldade no transporte”.

Tabela 2: Terceira Roda de Conversa.

Nesta Roda de Conversa foi possível averiguar que as maiores dificuldades da vida desses jovens estão relacionadas com falta de renda, trabalho, transporte, saúde, injustiças e tristeza pela morte de parentes. De acordo com Alentejano (2012), as injustiças sociais, econômicas e políticas no Brasil vêm desde a colonização, onde o direito a terra e renda eram para poucos, e assim, até os dias

de hoje. Uma reformulação na estrutura fundiária e de distribuição da riqueza faz-se necessária e urgente. Conforme Castro (2012), as injustiças sociais, ausência de políticas públicas para a agricultura familiar e para o jovem rural e dificuldades com infraestrutura básica, estimulam a desistência de jovens na continuação da vida no campo.

Com esta Roda de Conversa ficou clara a importância de se realizar trabalhos educacionais que fortaleçam as crenças e valores dos jovens rurais em relação a eles mesmos, ao campo e à vida, mostrando possibilidades e esperança.

Os dados coletados nas Rodas de Conversa foram essenciais para orientar a Pesquisa-ação e o desenvolvimento das oficinas educacionais realizadas com os jovens.

6.4. Entrevista Estruturada (questionário aberto)

6.4.1. Primeira entrevista aplicada com os jovens

A seguir são apresentados os resultados dos dados coletados no primeiro questionário aplicado com os 23 jovens do 1º ano do Ensino médio da Escola Municipal Boa Vista, sujeitos participantes. Os resultados foram divididos em oito categorias: conhecimentos sobre o meio ambiente e sua relevância; maiores dificuldades ambientais do assentamento; ações ambientais no dia-a-dia; problemas socioambientais no assentamento; lazer; expectativas para o futuro – êxodo rural; expectativas para um assentamento melhor; qualidade de vida. Cada categoria conta com algumas perguntas.

O questionário foi dividido em 16 perguntas fechadas (onde o entrevistado marca uma ou mais opções) e 4 perguntas abertas. A seguir, apresentam-se dados coletados nas perguntas fechadas (apêndice “E”).

Na categoria “conhecimentos sobre o meio ambiente e sua relevância”, tiveram cinco perguntas com a escolha de uma alternativa. Nas cinco perguntas a maior porcentagem de marcação foi para as respostas mais coerentes. Abaixo gráfico com as perguntas e a porcentagem das marcações mais coerentes escolhidas (acima das barras as letras das questões mais marcadas).

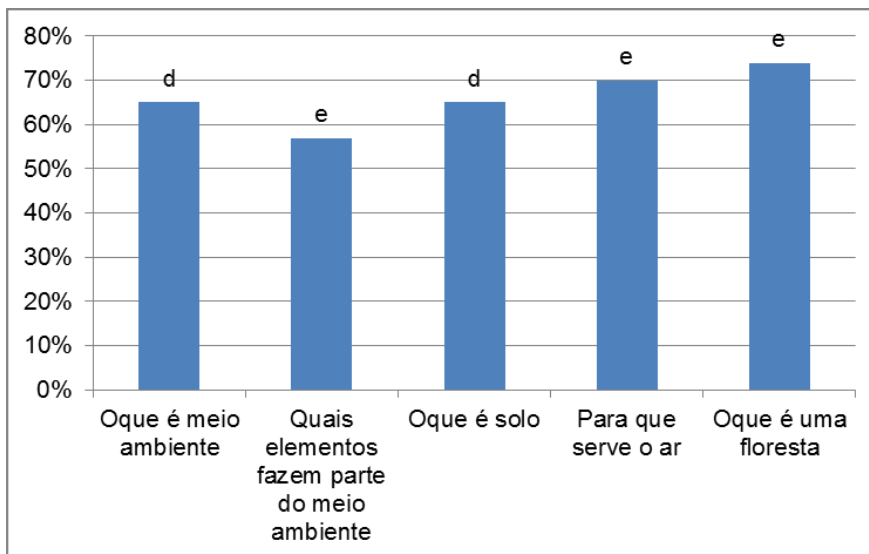


Gráfico 1: Categoria “conhecimentos sobre o meio ambiente e sua relevância”.

Nesta categoria foi averiguado que a maioria dos jovens da turma tem um conhecimento razoável sobre o que é o meio ambiente/natureza e seus elementos.

Na categoria “maiores dificuldades ambientais do assentamento”, houve uma pergunta, tendo os alunos a escolha de mais de uma alternativa para marcar. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas.

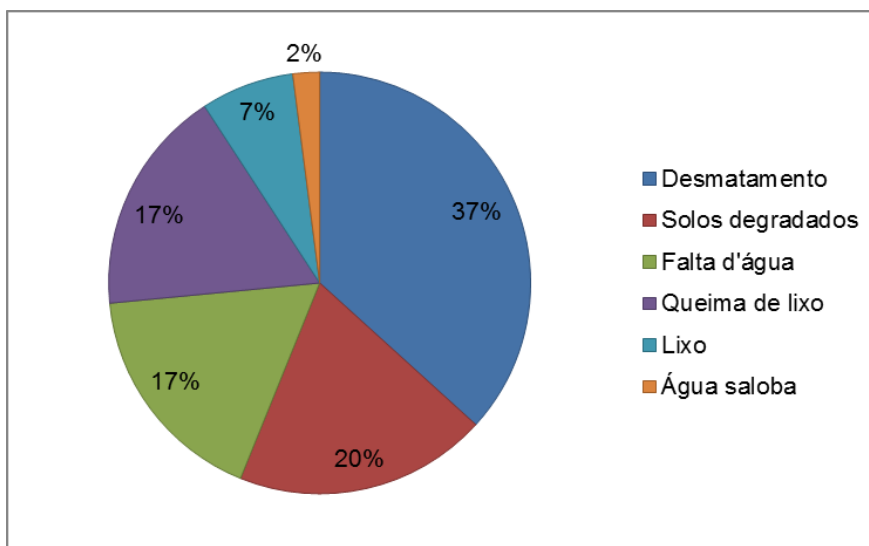


Gráfico 2: Categoria “maiores dificuldades ambientais do assentamento”.

Nesta categoria, pode-se verificar uma tendência da população daquele assentamento para a orientação de valor egoística (preocupação consigo mesmo) e pouca tendência para as orientações altruística e biosférica (preocupação com os outros e com o ambiente), mostrando uma necessidade de maior equilíbrio entre as

orientações de valor (SCHWARTZ, 2005). Os problemas ambientais diagnosticados pelos estudantes, realmente são problemas e existem possibilidades para solucionar. Uma das possibilidades pode ser através da execução de projetos sustentáveis integrados onde haja atividades de mobilização, sensibilização, união e conscientização dos moradores do assentamento. Os projetos podem vir de instituições governamentais e não governamentais e podem realizar ações que auxiliem esses assentados no fortalecimento de orientações de valor altruísticas e biosféricas, trazendo mais equilíbrio para os indivíduos e para a região.

Na categoria “ações ambientais no dia-a-dia”, houve duas perguntas, tendo os alunos a escolha de mais de uma alternativa para marcar. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na primeira pergunta – “quais ações ambientais você faz no dia-a-dia”.

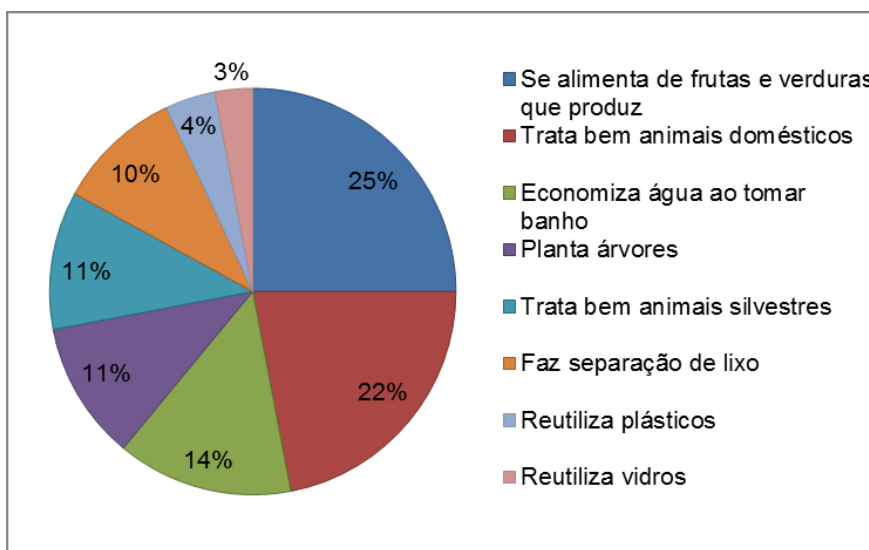


Gráfico 3: Categoria “ações ambientais no dia-a-dia” – quais ações você faz.

Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na segunda pergunta – “ações de cuidado consigo e com o meio ambiente”.

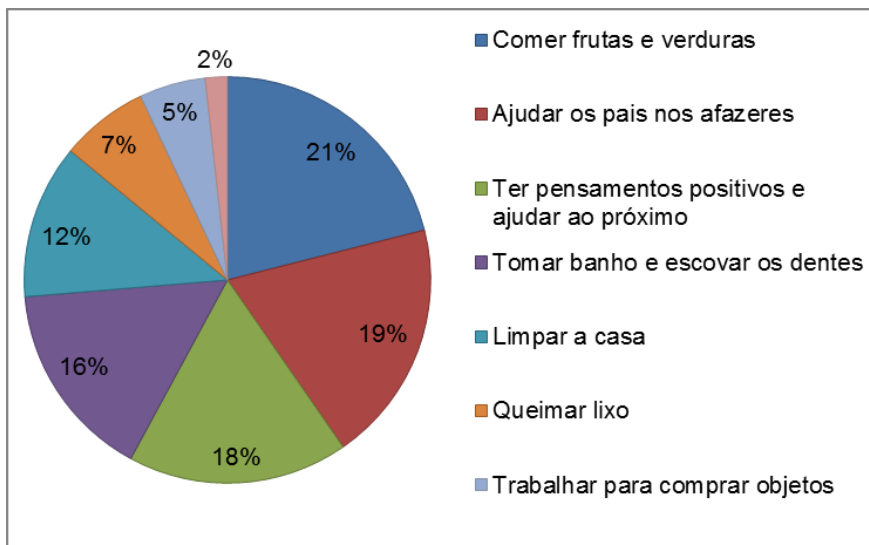


Gráfico 4: Categoria “ações ambientais no dia-a-dia” – ações de cuidado consigo e com o meio ambiente.

Nesta categoria pode-se verificar que a maior porcentagem dos alunos tem ações positivas em relação a si mesmos e ao ambiente onde vivem. As ações mais marcadas demonstram orientações de valor egoística e biosférica (SCHWARTZ, 2005).

Na categoria “problemas socioambientais no assentamento”, houve uma pergunta, tendo os alunos a escolha de mais de uma alternativa para marcar. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na pergunta – “maior problema no assentamento”.

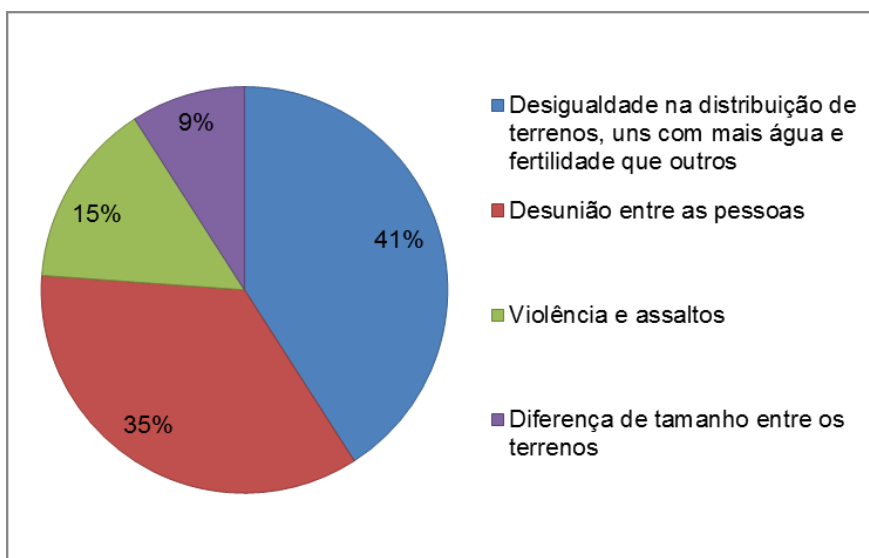


Gráfico 5: Categoria “problemas socioambientais no assentamento” – maior problema no assentamento.

Nesta categoria foi possível ver que as crenças e os valores dos moradores do assentamento ainda estão com uma tendência à orientação egoística, individualista e demonstrando uma carência de orientação de valor altruística e biosférica, necessitando-se de mais equilíbrio entre as orientações de valor (SCHWARTZ, 2005). Uma das opções a se fazer para trazer mais harmonia e união para este assentamento são projetos vindos até mesmo pela própria escola, projetos nos quais haja ações em conjunto, informações com sentido, sensibilização e conscientização da população para se fortalecer a solidariedade, a cooperação e a organização em prol de objetivos em comum, fortalecendo assim orientações de valor altruísticas e biosféricas e auxiliando assim no progresso daquelas pessoas e daquela região.

Muitos ainda valorizam a competição, a exclusão, a agressão e o confronto (BROTTO, 2000). Sem união, cooperação, participação de todos, organização e solidariedade, dificilmente a riqueza, prosperidade, transformações pessoais e sociais acontecerão (GADOTTI, 2010).

Na categoria “lazer” tiveram cinco perguntas, uma de múltipla escolha e quatro com apenas uma opção para marcar. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na primeira pergunta – “o que mais gosta de fazer quando tem tempo livre”.

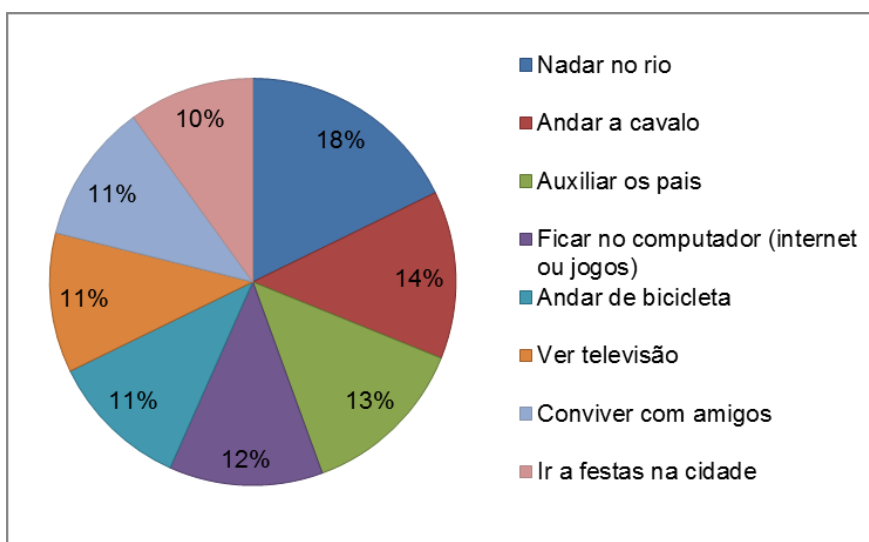


Gráfico 6: Categoria “lazer” – o que mais gosta de fazer quando tem tempo livre.

Na segunda pergunta – “você assiste televisão”, 100% dos jovens entrevistados disseram assistir televisão.

Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na terceira pergunta – “quanto tempo por dia assisti TV”.

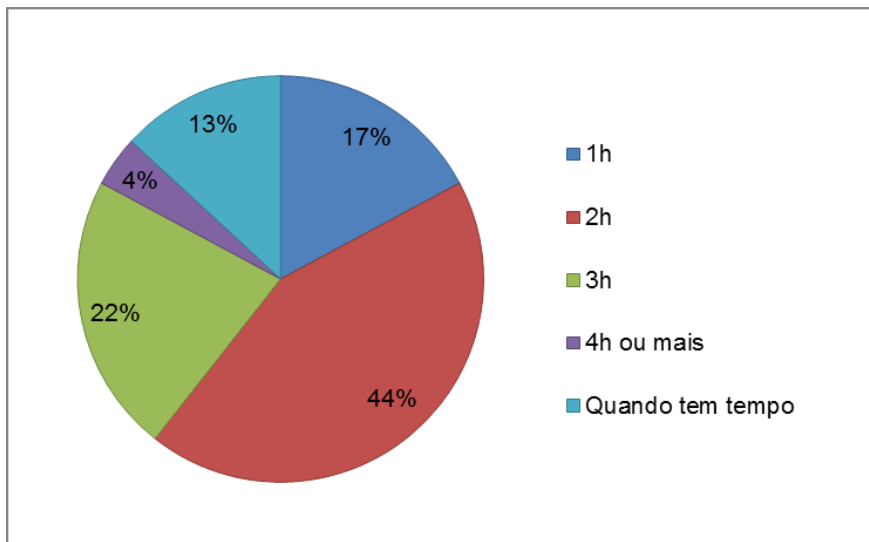


Gráfico 7: Categoria “lazer” – quanto tempo por dia assisti TV.

Abaixo gráfico mostrando a porcentagem da opção mais escolhida na quarta pergunta – “utiliza computador”.

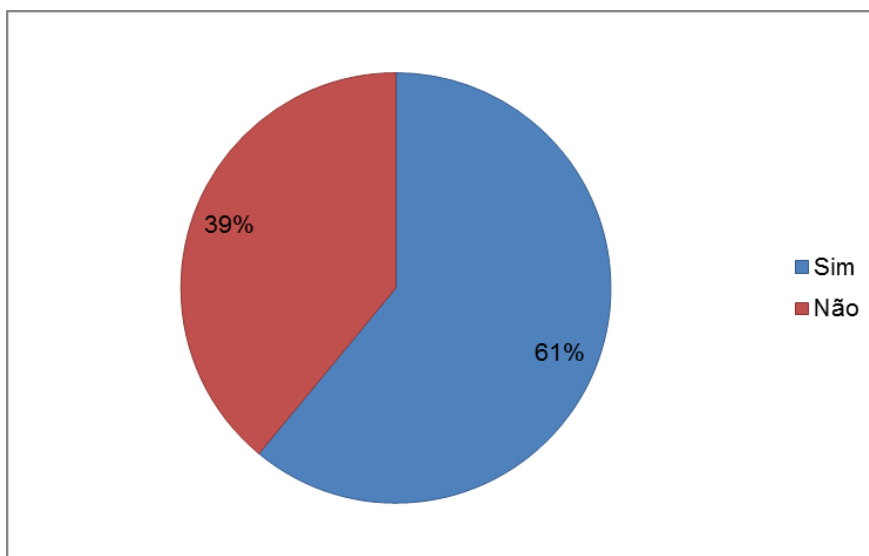


Gráfico 8: Categoria “lazer” – utiliza computador.

Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na quinta pergunta – “quanto tempo utiliza diariamente computador”.

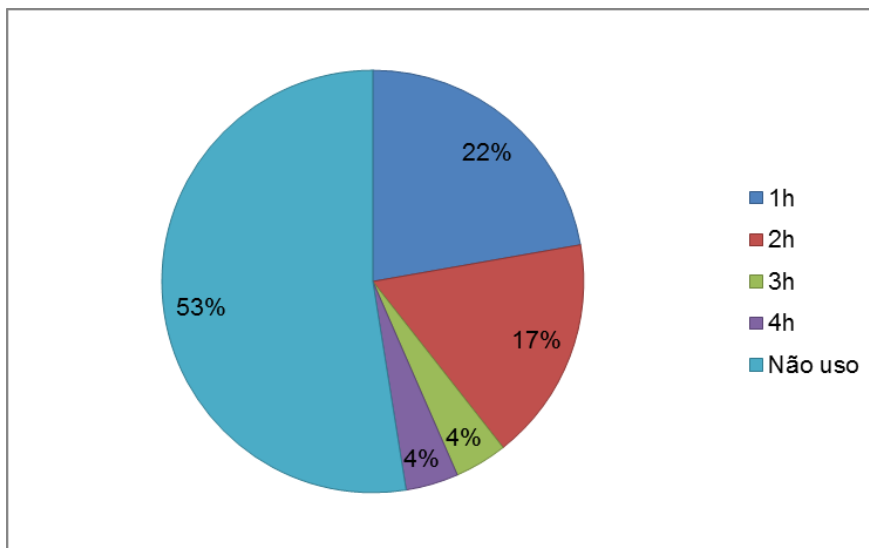


Gráfico 9: Categoria “lazer” – quanto tempo utiliza diariamente computador.

Nesta categoria confirma-se as pesquisas de Anastácio (2007) quando relata que, de 100 municípios do Brasil, as maiores fontes de lazer dos jovens são a televisão e esportes, entre outras coisas. Segundo Schwartz (2005) e Abramovay (2005), para os jovens terem atividades de lazer dentro de orientações de valor mais altruístas e biosféricas, com mais equilíbrio entre as três orientações de valor, faz-se necessário mais investimento do governo no desenvolvimento de projetos sustentáveis que auxiliem a ver as possibilidades no campo, que os auxiliem a se organizarem, terem mais união e lutarem por objetivos em comum em prol de um campo melhor.

Na categoria “expectativas para o futuro – êxodo rural” houve uma pergunta com uma opção para marcar. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem da opção mais escolhida na pergunta – “após concluir o ensino médio pretende voltar a morar no assentamento”.

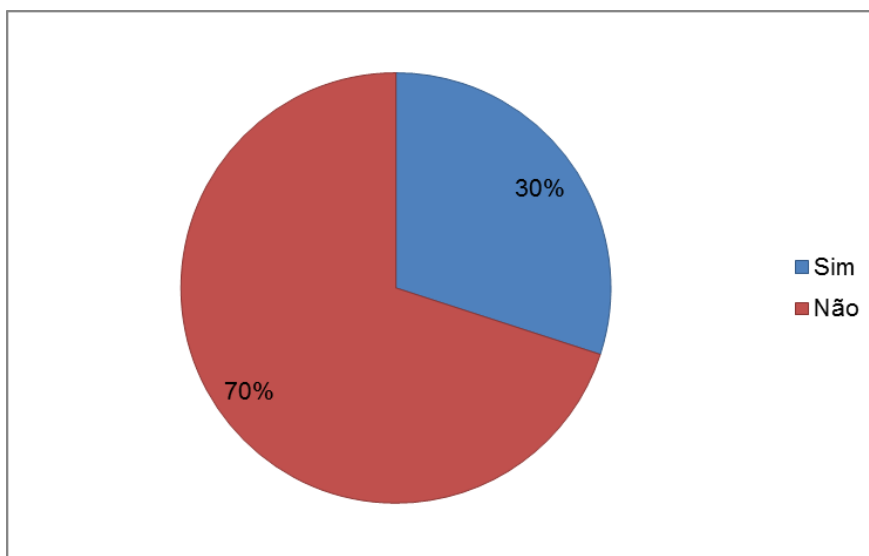


Gráfico 10: Categoria “expectativas para o futuro – êxodo rural” – após concluir o ensino médio pretende voltar a morar no assentamento.

Nesta categoria confirmam-se os dados obtidos pelo IBGE (2010), onde afirma-se que no ano de 2000 havia 9 milhões de jovens na área rural e em 2010, constatando que houve uma diminuição para 8.060.454 jovens na área rural. Segundo Castro (2005), os jovens demonstram interesse em ficar no campo, mas não do jeito que ele está. Eles ficam na área rural se for em um campo diferente, um campo transformado, com mais estrutura e oportunidades.

Na categoria “qualidade de vida”, houve uma questão fechada, com múltipla escolha de marcação. Abaixo gráfico mostrando a porcentagem das opções mais escolhidas na pergunta – “qualidade de vida é”.

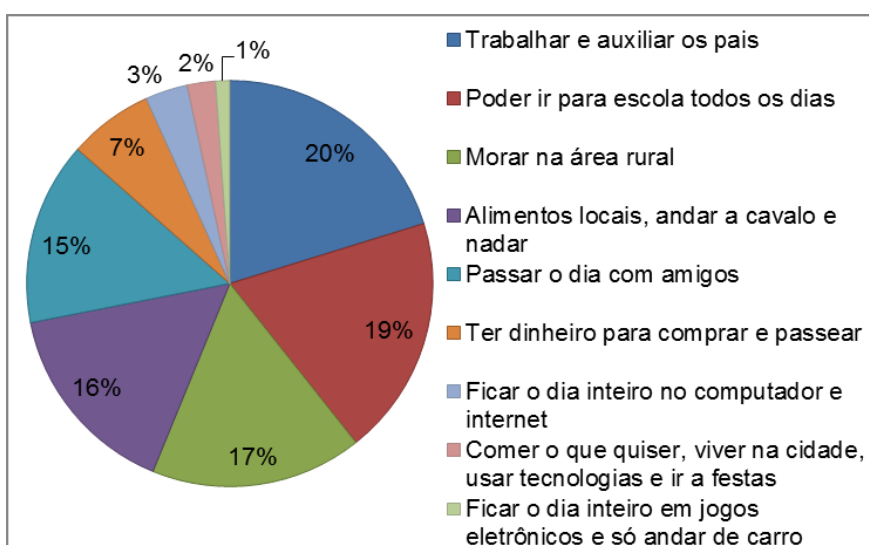


Gráfico 11: Categoria “qualidade de vida” – qualidade de vida é.

Nesta categoria pode-se averiguar que os jovens gostam de auxiliar os pais nos afazeres e gostam de viver no campo, mas que ainda têm uma necessidade da cidade devido à falta de oportunidades no campo. Nesta categoria pode-se alcançar um dos objetivos específicos desta pesquisa – diagnosticar quais as demandas dos jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista frente ao mundo rural.

A seguir, apresenta-se a continuação da primeira Entrevista Estruturada – com as perguntas abertas.

A primeira pergunta aberta está relacionada à categoria “conhecimentos sobre o meio ambiente e sua relevância”, averiguando o entendimento dos jovens em relação à conservação ambiental. Algumas das falas dos jovens: “Lugar que não podem desmatar; cuidar do meio ambiente; não poluir o meio ambiente; não desmatar; extrair do meio ambiente sem agredi-lo; reflorestamento”. Nestas falas parece que problemas ambientais na percepção deles estão relacionados com injustiças ambientais.

A segunda e terceira perguntas estão relacionadas à categoria “expectativas para o futuro – êxodo rural”. A seguir há uma tabela com os dados coletados destas perguntas. A entrevista foi aplicada com 23 alunos. Na tabela abaixo, A1, A2, etc., significam aluno 1, aluno 2, e assim por diante.

Categoria	Subcategoria	Indicador
Êxodo rural	Êxodo rural de jovens após Ensino Médio O que pretende fazer após a conclusão do Ensino Médio	Trabalhar para ter condição de pagar uma faculdade ou ir para o exército; Fazer faculdade para ter um futuro melhor; Faculdade e outras coisas; Fazer um curso para conseguir um trabalho pra fazer faculdade; Se formar para ser uma grande médica ou uma grande veterinária; Fazer uma faculdade, mas antes fazer uma prova da marinha para eu me alistar e entrar como oficial; Técnico administrativo; Faculdade sobre direitos humanos; Faculdade de engenharia mecânica; Ao concluir o Ensino Médio eu pretendo fazer faculdade de medicina por ser interessante e também por gostar de crianças, ou seja, quero ser pediatra; Arrumar um emprego e fazer uma faculdade de agronomia; Pretendo focar no meu sonho que é formar uma banda onde eu possa ser feliz fazendo o que eu gosto; Fazer faculdade de direito e depois montar meu próprio escritório; Eu pretendo fazer uma faculdade mas não sei de que ainda, pretendo trabalhar e ajudar minha família com o que eu puder; Pretendo me aprofundar mais em cursos de informática e mais ainda na área de eletrônica que é minha praia; Pretendo com certeza fazer um curso de Direito, e assim tentar fazer um concurso, para trabalhar como funcionária pública; Um curso para arranjar um bom emprego, ter minha própria casa e se possível um terreno na roça; Concluir os estudos na cidade; Fazer faculdade para compreender mais o que temos dúvida e conseguir um emprego decente; Estudar para fazer um concurso público e fazer faculdade de agronomia; Quero terminar o curso que já estou fazendo na cidade e depois fazer faculdade de educação física; Fazer faculdade de engenharia civil e quando eu já estiver concluído eu irei também fazer agronomia porque eu gosto muito e também para ajudar meus pais; Primeiro um curso para conseguir um trabalho e pagar minha faculdade.
	Retorno à área rural após estudos na cidade	A1 – Sim, para ficar junto com meus pais. A2 – Sim, mas só para passar o fim de semana para esquecer um pouco da cidade, porque aqui no assentamento podemos respirar um ar livre melhor do que na cidade. A3 – Só Deus sabe, ainda tem muito tempo pra isso.

		<p>A4 – Sim, mas só a passeio pra rever os amigos e familiares. A5 – Não, porque não tem oportunidade de nada aqui no assentamento. A6 – Não, porque não tem recursos para trabalhar e viver com algo porque não tem opções a não ser trabalhar na roça, porque se eu me formar e voltar pra cá pra ficar atoa é melhor nem tentar. A7 – Não porque eu já me formei e vou trabalhar na cidade. A8 – Sim, mas só pra passeio e não pra morar. A9 – Não, porque a cidade é mais chance de emprego, ou seja, é mais trabalho disponível. A10 – Sim, mas só para visitar meus pais e amigos que moram na região, pois sei que a zona rural é mais tranquila do que a zona urbana. A11 – Não, pretendo arrumar um emprego e vir aqui só mesmo para ver meus pais. A12 – Sim, porque no assentamento é um lugar onde eu posso ficar tranquilo sem me preocupar com o que os outros pensam ou deixam de pensar. A13 – Não, porque vou realizar meus sonhos e depois pretendo ficar na cidade e talvez um dia voltar só pra passeio. A14 – Sim, porque o assentamento faz parte da minha vida. Quando eu concluir meus estudos pretendo um dia vir no assentamento. A15 – Sim, pretendo também investir na produção de verduras e hortaliças para o comércio e o consumo familiar já que possuímos 10 hectares disponíveis. A16 – Não, porque aqui as oportunidades de empregos não existem e claro para dar um futuro melhor para minha família, terei que me mudar daqui. A17 – Sim, porque é o lugar onde eu me sinto bem e onde eu tenho liberdade para ser feliz. A18- Não, porque aqui não tem emprego. A19 – Sim, porque nasci aqui e foi o que meu pai me deixou antes de falecer. A20 – Sim, quero com os meus estudos proporcionar uma vida melhor para a população, criar projetos que beneficiem eles, explorando a natureza sem estragar a natureza. A21 – Sim, gostaria, mas não para morar e sim para aproveitar e descansar ao ar livre. A22 – Sim, porque eu gosto muito do campo e como eu vou fazer agronomia e vou precisar trabalhar nas áreas rurais. A23 – Não, porque aqui não terei chances de trabalhar na área que estudarei.</p>
--	--	---

Tabela 3: Expectativas para o futuro – êxodo rural.

Na primeira subcategoria é possível verificar que a grande maioria dos jovens quer ir estudar e trabalhar na cidade e não pretendem voltar ao campo. Percebe-se nas falas uma orientação de valor egoística, ligadas ao tipo motivacional de valor – poder, ou seja, ainda muito ligadas a *status social*, domínio e controle (SCHWARTZ, 2005). Na maioria das falas demonstra-se que eles não veem oportunidades e possibilidades no campo. Nesta subcategoria foi possível averiguar os dois objetivos específicos desta pesquisa.

Na segunda subcategoria alguns jovens até chegam a falar que querem voltar ao campo um dia, mas principalmente para lazer, não para morar. Alguns reclamam que não há oportunidades no campo. Um chega a dizer: “Não, porque não tem recursos para trabalhar e viver com algo porque não tem opções a não ser trabalhar na roça, porque se eu me formar e voltar pra cá pra ficar atoa é melhor nem tentar”. Nesta fala, além do aluno não acreditar que existem oportunidades no campo, ele ainda demonstra uma visão pejorativa do trabalho na zona rural.

Segundo Castro (2005), pessoas da área urbana, professores e mídia, passam a ideia de jovens rurais como “roceiros”, sem futuro e muitos acreditam nessas crenças repassadas a eles. Para Craig (2010), muitas dessas crenças repassadas aos jovens parecem segurar o progresso emocional, espiritual e material deles.

Para haver mudanças, o governo precisa investir mais em projetos que deem mais oportunidades aos jovens rurais, mostrem a eles possibilidades e os auxiliem a acreditarem e confiarem mais em si mesmos, nos seus potenciais.

A quarta pergunta está relacionada à categoria “expectativas para um assentamento melhor”. Para haver um assentamento melhor, onde as pessoas se sintam bem e não queiram ir morar em outro local. Houve as falas:

Campo de futebol; transporte público melhor e mais eficiente; melhor estrada; boa diversão; água para todos; mais policiamento; posto policial; rede elétrica melhor; posto da Celg; satélite de banda larga para todos; escola melhor; um local para fazer cursos e aprender mais; computadores para todos; feira comunitária; mercados; um parque para encontrar os amigos; locais para se divertir; mais atendimento médico; posto de saúde mais adequado; hospital; mais infraestrutura; mais oportunidades para ganhar um salário digno; mais projetos de turismo; mais união entre as pessoas.

As falas dos jovens confirmam as pesquisas de Castro (2012) quando a autora relata que a principal causa que expulsa os jovens do campo é a péssima infraestrutura, difícil acesso a recursos básicos, difícil acesso à renda, trabalho, estudo de qualidade e lazer. Segundo a autora, enquanto não houver investimento do governo, políticas públicas e projetos de acompanhamento e sensibilização desta classe para fortalecê-los como movimento político, as desistências no campo continuarão. Nestas falas pode-se verificar o objetivo específico desta pesquisa – diagnosticar quais as demandas dos jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista frente ao mundo rural.

A aplicação desta primeira Entrevista Estruturada no início da pesquisa foi de fundamental importância para orientar a Pesquisa-ação e oficinas educacionais desenvolvidas conforme demandas averiguadas nos relatos dos jovens. Com a aplicação desta entrevista foi possível obter informações relevantes sobre os objetivos específicos desta pesquisa: Diagnosticar crenças e valores de jovens da Escola Municipal Boa Vista em relação a eles mesmos, ao campo e à vida;

Diagnosticar quais as demandas dos jovens rurais da Escola Municipal Boa Vista frente ao mundo rural.

Após a aplicação da Entrevista Semiestruturada com o agricultor e com a coordenadora pedagógica da escola, após as Rodas de Conversa e após a aplicação da primeira Entrevista Estruturada com os jovens, averiguou-se que os jovens ainda estavam muito conectados a valores ligados a orientações egoísticas e pouco conectados com valores de orientações altruísticas e biosféricas, não havendo ainda um equilíbrio entre as três orientações de valor. Além de pouco fortalecimento em crenças em relação ao potencial de cada um, ao potencial do campo e ao potencial que a vida pode oferecer para cada pessoa onde quer que ela esteja.

6.4.2. Segunda Entrevista Estruturada (questionário aberto) aplicada com os jovens

Após as oficinas educacionais desenvolvidas com os jovens, na conclusão da pesquisa, foi aplicada uma segunda Entrevista Estruturada (apêndice “F”) para averiguar se houve o desenvolvimento de valores mais altruístas e biosféricos nos jovens, mais equilíbrio entre as três orientações de valor (egoísticas, altruísticas e biosféricas) e se houve modificações nos jovens no fortalecimento de crenças e valores em relação aos potenciais individuais, do campo e da vida.

A seguir são apresentados dados coletados na segunda Entrevista Estruturada (questionário aberto), aplicada com 20 jovens do 1º ano do Ensino Médio da Escola Municipal Boa Vista, aplicada na conclusão da pesquisa, contendo perguntas fechadas (uma alternativa) e perguntas abertas. Foram 8 perguntas relacionadas a: positividade das oficinas desenvolvidas; positividade em relação às possibilidades de aprendizado na Escola do Campo; positividade em relação a acreditar em si mesmo e realizar seus sonhos; e positividade em relação à vida no campo.

Na primeira pergunta, 100% dos jovens responderam que sim, que as oficinas desenvolvidas trouxeram positividade para suas vidas.

Para Samples (1990) e Lorthiois (2008), trabalhando com métodos educacionais que respeitam o aluno, que trabalha com o ser humano inteiro, que traz possibilidades e liberdade, faz com que os estudantes se sintam entusiasmados, esperançosos, trazendo para eles espontaneidade e autenticidade.

Na terceira pergunta, 100% dos jovens responderam que sim, que as oficinas desenvolvidas auxiliaram a enxergar que existem diversas possibilidades de aprendizado na Escola do Campo.

Segundo Souza (2010), a educação no campo pode ser intelectual, mas não pode faltar a prática, os trabalhos manuais, a arte, pois estes incentivam o jovem rural a ser criativo, autêntico, incentivam o impulso, o ritmo e auxiliam os jovens a se auto organizarem e irem em frente nas reivindicações e conquistas de seus direitos e sonhos. A escola tradicional ensina os jovens a serem apáticos, “marionetes” manipuláveis. A educação trabalhada com diversidade de formas estimula os jovens à liberdade e autenticidade de ideias e ideais.

Na quarta pergunta, 100% dos jovens responderam que sim, que as oficinas desenvolvidas auxiliaram a fortalecer a crença “você pode conseguir o que quiser, basta acreditar e se esforçar”.

Conforme Samples (1990) e Lorthiois (2008), o ensino tradicional, baseado em métodos behavioristas de ensino, limita, transforma os jovens em robôs para atender demandas da sociedade capitalista. Para esses autores, métodos de educação que trabalhem com artes, cinestesia, ritmos auditivos, sinergia, danças, euritmia, atividades lúdicas, trabalhos manuais e jogos cooperativos, auxiliam os jovens a terem mais aceitação e amor por si mesmos, espontaneidade, autonomia, confiança, respeito mútuo, diálogo e potencial de realização dos seus sonhos.

De acordo com Samples (1990), métodos de educação que trabalhem com possibilidades ao invés de certezas, que respeitem o cérebro total, que respeitem a criatividade de cada ser, que respeitem o ritmo de cada um, que trazem conhecimentos úteis, auxiliam o jovem a acreditar mais em si mesmo e na vida.

Na quinta pergunta, 95% dos jovens responderam que sim, que as oficinas desenvolvidas auxiliaram a fortalecer positividade em relação às boas esperanças da vida no campo.

Segundo Castro (2005) e Carneiro (2007), se os jovens veem que há possibilidades no campo, eles não vão mais querer sair do campo para a cidade, eles acreditarão nas possibilidades.

Abaixo gráfico mostrando a porcentagem da opção mais escolhida na sétima pergunta – “acredita que é possível viver no assentamento e realizar seus sonhos”.

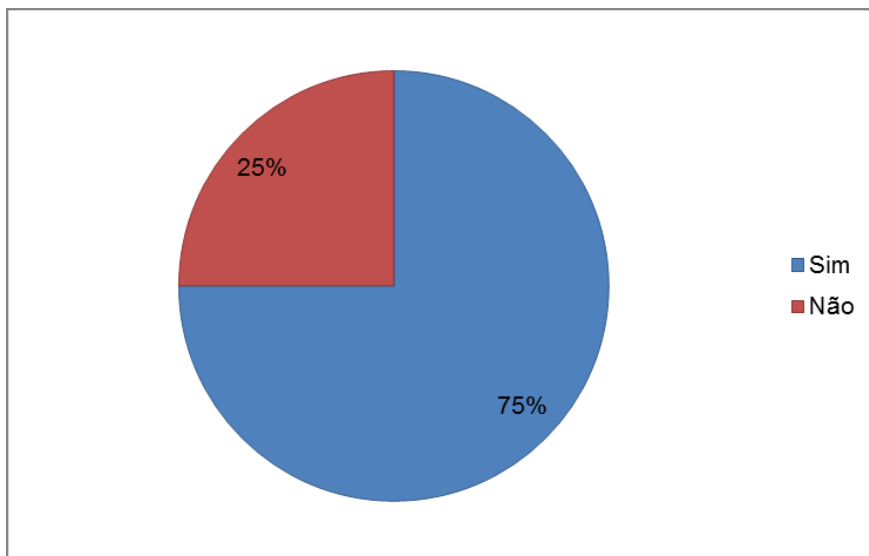


Gráfico 12: Pergunta - acredita que é possível viver no assentamento e realizar seus sonhos.

No primeiro questionário aplicado com os jovens, 70% haviam dito que não morariam no campo após completarem o ensino médio. Após as oficinas educacionais desenvolvidas com eles, 75% disseram que sim, que acham possível viver no campo e realizar seus sonhos.

Para Samples (1990), existe um número enorme de maneiras para fazer com que os seres humanos aprendam, criem e inovem. Os métodos tradicionais de ensino e as crenças limitantes vindas de pais, professores e mídia, minam os potenciais dos jovens. Segundo o autor, há chances de haver mudanças nas capacidades e crenças dos jovens, e uma das maneiras é ensinando os jovens a colherem suas experiências holisticamente e mostrando as várias possibilidades de sucesso que podem ter onde quer que estejam.

Na oitava pergunta, 100% dos jovens responderam que sim, que acharam que após as atividades com jogos cooperativos a turma ficou mais unida em busca de um mesmo ideal.

Jogos cooperativos trazem união, cooperação, solidariedade, consciência mais clara da importância de todos, tornando o grupo um organismo homogêneo, trazendo transformações pessoais e sociais (BROTTO, 2000). Os jogos cooperativos estimulam a organização, construção de objetivos em comum, contribuindo para uma relação mais produtiva, harmônica e sustentável entre os envolvidos, com o local onde habitam e para toda a região, além de fortalecer os jovens rurais como atores políticos em busca de seus ideais.

A segunda e sexta pergunta, foram perguntas abertas, relacionadas à positividade das oficinas desenvolvidas para a vida pessoal e para a permanência no campo. A seguir apresenta-se uma tabela com os dados coletados destas perguntas, onde A1, A2, etc., significa aluno 1, aluno 2, e assim por diante.

Categoria	Subcategoria	Indicador
Vida Pessoal	Positividade das oficinas desenvolvidas para a vida pessoal	<p>A1 – Positivo sim em ver que nós podemos ter uma vida melhor no campo.</p> <p>A2 – Confiança em mim mesmo, acreditar que todos os sonhos são possíveis, e que o céu é o limite das minhas conquistas, esteja onde for.</p> <p>A3 – Trouxe coisa que eu não sabia fazer. Vi a importância dos amigos e da família.</p> <p>A4 – Esperança para uma nova experiência.</p> <p>A5 – Ter esperanças nos meus sonhos e para conseguir o que quiser não basta acreditar, tem que se esforçar.</p> <p>A6 – Basta querer que consegue meios de aprendizado para estarmos mais informados, mais conhecimentos e trazer renda.</p> <p>A7 – Vontade de aprender algo diferente que possa ajudar todos no assentamento.</p> <p>A8 – Que precisamos acreditar que podemos ter ou ser o que queremos, apenas precisamos acreditar. E que não é porque moramos em assentamento no campo que não podemos crescer na vida, pois podemos sim!</p> <p>A9 – Trouxe não só para mim, mas também para os meus colegas, mais conhecimento, cultura, valorização da pessoa que sou, e muito mais ideias para aprimorar.</p> <p>A10 – Em primeiro, me ajudou a acabar com as minhas crenças limitantes, que, na verdade só me fazia mal. Aprendi também a olhar mais pro mundo ao meu redor. E o mais importante: é possível sim viver bem na zona rural.</p> <p>A11 – Conhecimento do mundo lá fora. Oficinas de aprendizado na própria escola. Tudo de bom.</p> <p>A12 – Mais influência, mais tranquilidade. Mostrou um outro lado da coisa pra nós.</p> <p>A13 – Eu acho que a Larissa está ajudando a nós alunos da Escola do Assentamento a ter um futuro talvez melhor.</p> <p>A14 – Foi muito bom. A Larissa trouxe as pessoas da mecânica para nos ensinar algo diferente e isso é muito bom porque a escola está desenvolvendo.</p> <p>A15 – O interesse de ajudar a abrir projetos para nos ajudar e a nossa comunidade e que nós podemos sim realizar nossos sonhos basta ter força de vontade.</p> <p>A16 – Gostei das aulas de mecânica, muitos não tem acesso a essas aulas diferentes.</p>

		<p>A17 – Me deu mais força de continuar e nunca desistir e apesar das coisas serem difíceis, não é impossível.</p> <p>A18 – Uma vontade maior de lutar pelos nossos objetivos e sonhos.</p> <p>A19 – A Larissa trouxe várias fontes positivas, me deu várias novas formas de pensar no futuro e também várias formas de aprendizagem na escola.</p> <p>A20 – Além de me ensinar coisas que eu ainda não sabia, me fez enxergar que posso levar uma vida melhor, basta ter força de vontade e acreditar que é possível.</p>
Vida no Campo	Positividade das oficinas desenvolvidas para a vida e permanência no campo	<p>A1 – As oficinas nos mostraram que nós somos quem quisermos, pois não quer dizer nada o que as pessoas te falam.</p> <p>A2 – Independentemente do lugar onde more, há sempre chances de vencer na vida, em relação a aprendizado, esperança, conseguir abater nossas metas.</p> <p>A3 – Que sempre que a gente quer alguma coisa a gente consegue, basta querer.</p> <p>A4 – Só quero que dê certo. E tenho esperança que um dia realizarei meus sonhos.</p> <p>A5 – Só quero que dê certo e também tenho esperança que um dia realizarei meus sonhos.</p> <p>A6 – Mais conhecimentos. Moramos na roça e temos possibilidades de renda melhor.</p> <p>A7 – Sim.</p> <p>A8 – Que morando no campo podemos realizar projetos que possam explorar a natureza sem estraga-la e possam nos dar lucro e não vamos precisar sair do campo.</p> <p>A9 – As atividades propostas foram muito importantes para que possamos conseguir o que queremos.</p> <p>A10 – A relação da Larissa com nós alunos foi ótima, não poderia faltar.</p> <p>A11 – É ótimo querer nos mostrar oportunidades.</p> <p>A12 – Foi muito interessante. Nos ajudou bastante.</p> <p>A13 – A força de vontade da Larissa nos ajudou muito.</p> <p>A14 – Fui muito bom. Aprendi muitas coisas.</p> <p>A15 – Me trouxe o interesse positivo em relação a novos aprendizados.</p> <p>A16 – Sim.</p> <p>A17 – Acho que com força de vontade iremos longe.</p> <p>A18 – Muito obrigado por nos proporcionar essas oficinas de mecatrônica e outras atividades e por nos incentivar.</p> <p>A19 – As oficinas ofereceram várias formas de trabalhar.</p> <p>A20 – Sim.</p>

Tabela 4: Positividade das oficinas desenvolvidas para a vida pessoal e para a permanência no campo.

Na primeira subcategoria pode-se averiguar o tipo motivacional hedonismo, ligado à orientação egoística, na qual, os indivíduos estão ligados a sentimentos de prazer, satisfação e gratificações, mas que, diferente da primeira entrevista aplicada com os jovens, nesta, o hedonismo não é somente para andar de cavalo e nadar no rio, entre outros. Aqui, o hedonismo está ligado a conhecimentos úteis, a prazer de aprender, a satisfação de estar em uma escola no campo, o prazer de estar no campo. Esse prazer e essa satisfação, não envolvem apenas o hedonismo, pois com prazer e satisfação de estar na Escola do Campo e no campo, eles não vão querer sair daquela escola e também não vão querer se mudar do assentamento. Irão auxiliar no processo de construção de um novo rural, de um rural mais amplo, mais diversificado, sustentável, mais unido e mais produtivo. Auxiliando não somente a si mesmos, mas a todos que moram naquela região, ligando-se também ao tipo motivacional de valor – benevolência, orientação de valor – social altruística, ou seja, ligando-se à preocupação não somente consigo, mas com todos os indivíduos que fazem parte do grupo, promovendo relações de cooperação e prosperidade (SCHWARTZ, 2005).

Em relação à fala A11: “Conhecimento do mundo lá fora. Oficinas de aprendizado na própria escola. Tudo de bom”. Steiner (1996) expõe que o ensino com entusiasmo repassado através das artes, imagens e analogias, auxilia a despertar o interesse do jovem para o mundo externo e para a vida, ajudando o jovem a aumentar a capacidade de aprendizado e de auto compreensão. Conforme o autor, o ensino da arte permeando os conteúdos auxilia no desenvolvimento harmônico das potencialidades físicas de cada ser.

Na segunda subcategoria pode-se averiguar que trabalhando com formas diversificadas de ensino, mostrando possibilidades, trabalhando com o ser humano inteiro, com o cérebro inteiro, respeitando o ritmo de cada pessoa, trazendo atividades que auxiliem a clarear a consciência em busca de metas e sonhos em comum, trazendo atividades que auxiliem na organização do grupo, trazendo atividades que ajudem o grupo a se fortalecer como atores políticos em busca de ideais em comum, trazendo ideais com a condução ao equilíbrio das orientações egoísticas, altruísticas e biosféricas, é possível uma mudança, é possível um fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida

(SAMPLES, 1990; LORTHIOIS, 2008; STEINER, 1996; BROTTTO, 2000; SCHWARTZ, 2005).

Com os relatos dos jovens na primeira e segunda subcategoria, pode-se constatar que o objetivo geral desta pesquisa foi atingido. Foi possível averiguar o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

VII – DISCUSSÃO

Constatam-se problemas com o uso e distribuição de terra no Brasil desde a colonização, onde, poucos tinham acesso a esse bem. Desde a década de 1990 vem havendo redistribuição de terras para os excluídos e menos favorecidos, mas ainda longe de ser uma Reforma Agrária eficiente, pois a maioria das terras foram e são distribuídas sem haver a mínima infraestrutura básica (MARTINS, 2003). Nessa pesquisa foi possível verificar que realmente a deficiência na infraestrutura básica de atendimento aos assentados é algo ainda muito presente.

De acordo com Wanderley (2000), Castro (2012), Souza (2010), Carneiro (2007) e Barcellos (2012), as dificuldades com acesso a terra, a renda, a infraestrutura e lazer, afetam diretamente a construção de crenças e valores em relação ao local de moradia e dinâmica da vida social na localidade, causando muito êxodo, principalmente de jovens. Neste estudo foi possível averiguar esse fato, pois no início da pesquisa, a grande maioria dos jovens disseram que iriam para a cidade após a conclusão do Ensino Médio e não pretendiam voltar a morar no campo devido à péssima infraestrutura e ausência de possibilidades de geração de renda e lazer.

Existem maneiras para auxiliar os jovens a fortalecerem crenças e valores em relação a si mesmo, ao local de moradia e à vida de modo geral. Para isso, conforme Samples (1990), Lorthiois (2008), Steiner (1996) e Souza (2010), são necessários métodos de ensino que trabalhem com o ser humano inteiro, respeitando a individualidade de cada um, auxiliando a ver possibilidades, trabalhando com artes para estimular as potencialidades, criatividade e autonomia de cada ser.

No último questionário aplicado com os jovens e após desenvolvimento de oficinas educacionais, foi possível verificar o fortalecimento de crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida, fato este, confirmado com a porcentagem de jovens (75%) que disseram que veem a possibilidade de viver no campo e realizar seus sonhos, além das falas positivas em relação a eles mesmos e à localidade onde habitam.

A linha de pesquisa na qual está inserida a presente pesquisa é intitulada “Educação e políticas públicas para o meio ambiente e o campo”. Com este estudo

pode-se constatar que realmente necessita-se de mais educação e políticas públicas para o meio ambiente e o campo.

Em relação à educação, precisa-se de mais educação, mas não qualquer educação, pois, como já visto no referencial teórico desta pesquisa, a educação tradicional, vinda de métodos behavioristas de ensino, limita as capacidades do ser humano, os “robotizando” para atender demandas da sociedade capitalista, trazendo crenças e valores limitantes para a criatividade e autonomia de cada indivíduo, além de desvalorizar a essência camponesa (SAMPLES, 1990). Se valorizar apenas uma orientação de valor, há um desequilíbrio no indivíduo. Assim também é na educação, se valorizar apenas um método de ensino pode-se haver desequilíbrio na formação do educando.

Necessita-se de mais educação, mas uma educação diversificada, transformadora de velhos padrões e conceitos limitados, uma educação que traz liberdade de pensamentos e ações. Uma educação que sensibilize e fortaleça cada indivíduo para atingir seus sonhos e sua missão. Uma educação que não estimule apenas valores de orientações egoísticas, mas também valores de orientações altruísticas e biosféricas, auxiliando os indivíduos a terem mais equilíbrio em suas crenças, valores e ações.

Quando se fala “educação para o meio ambiente e o campo”, talvez, tenham pessoas que já pensem em métodos de educação para conservação dos recursos naturais (água, floresta, etc.). Na primeira parte deste estudo, o que ficou claro vindo das falas dos estudantes foi que o primeiro meio ambiente que necessita de uma atenção é o ambiente que começa em cada indivíduo, pois se esse ambiente não está harmônico consigo mesmo e com sua realidade, não estará bem com mais nada.

Ao final desta pesquisa, pôde-se notar que os jovens não demonstravam mais tantos valores de orientação egoística. Foi possível verificar o surgimento de mais valores de orientações altruísticas e biosféricas, trazendo mais equilíbrio para os sujeitos. Para o fortalecimento de crenças e valores em relação a si mesmos, ao campo e à vida, as três orientações de valor precisam estar presentes e se equilibrarem no indivíduo. Sem orientação de valor egoística, dificilmente se terá valor próprio e maior crença em si mesmo. Sem orientação de valor altruística e biosférica, dificilmente se valorizará as outras pessoas e o local de moradia.

A partir do momento em que os jovens passaram a acreditar mais nos seus potenciais e nas possibilidades que podem ter onde quer que eles habitem, novas visões surgiram, novas maneiras de enxergar-se e enxergar a vida. Surgiu maior desejo de ficar mais próximo à família e no local onde moram.

Com isso, é possível verificar que através da educação que traz consigo possibilidades, pode-se construir uma cultura de paz, de solidariedade, de união e prosperidade. Os jovens, com mais união e solidariedade entre eles, fortalecem esses atores políticos para irem em busca e lutarem por seus sonhos, direitos e objetivos em comum, trazendo mais paz e prosperidade para si mesmos e para toda a região onde habitam (BROTTO, 2000).

A educação como prioridade tem sido colocada junto à opinião pública por discursos de diferentes origens. Necessita-se de rearranjo das políticas públicas no que se refere a métodos educacionais, atendimento do educando e financiamento da educação. Vê-se a importância da criação de leis que abram espaço à autonomia, gestão democrática, capacitação pedagógica e outras medidas de ordem técnica. Faz-se imprescindível também amplo debate entre órgãos responsáveis pela educação do país, professores, pais, alunos, funcionários e dirigentes da escola para redistribuir espaços e tempos, dialogar sobre objetivos e metas. A participação democrática de todos os envolvidos é de suma importância (CORREIA, 2006).

A atual educação ainda está alicerçada à manutenção da estrutura e do funcionamento de uma sociedade capitalista, na qual a exclusão do educando é explicada em termos de falta de habilidades, capacidades, mau desempenho, entre outras coisas, colocando-se o sistema educacional, e por consequência o Estado, como árbitro neutro. As políticas públicas para a educação ainda estão muito voltadas para a manutenção e perpetuação das relações de poder e dominação existentes desde a colonização do país. Faz-se necessário refletir se as políticas públicas em educação no Brasil têm agido como instrumento de libertação dos sujeitos assistidos por elas ou se têm servido muito mais como retórica nos discursos políticos partidários, bem como discutir como a sociedade tem-se relacionado com essas políticas educacionais (LORTHIOIS, 2008; SOUZA, 2010; GADOTTI, 2010).

É preciso questionar até que ponto as políticas públicas desenvolvidas pelo Estado tem a capacidade de educar para a emancipação política, econômica e

social dos seus assistidos, até que ponto estas propiciam melhorias no meio social em que o educando se insere. São necessárias políticas públicas que tenham a educação como um fator de desenvolvimento sustentável e de superação de estruturas de dominação. Isso, através de uma educação holística, inclusiva, democrática, que gere criatividade e autonomia nos jovens, que gere qualidade social. “Qualidade social é uma nova qualidade onde se acentua o aspecto social, cultural e ambiental da educação, em que se valorize não só o conhecimento simbólico, mas também o sensível e técnico” (GADOTTI, 2010, p.5).

O jovem rural tem necessidades básicas iguais a qualquer jovem, a qualquer humano que está no campo ou não. Se já existem ausências e injustiças nas políticas públicas para a educação e cultura para os jovens que estão na cidade, para os jovens que estão na área rural, estas ainda se fazem maiores. Os jovens rurais têm necessidades como os outros jovens e ainda tem mais carência de políticas públicas para atendê-los. A ausência do Estado para garantir os direitos ainda é maior. Fazem-se necessárias políticas públicas para esta classe que os valorize, os fortaleça e os auxiliem a executar os seus potenciais (SOUZA, 2010).

Em relação a políticas públicas para o meio ambiente e o campo, realmente são de fundamental importância. Para auxiliar em um desenvolvimento sustentável para o meio ambiente e o campo, vê-se a necessidade de uma macro política pública, na qual haja investimentos e assistência para a estruturação e manutenção dos assentamentos rurais; para a estruturação e geração de renda nas propriedades da agricultura familiar; e para a continuação da permanência do jovem rural no campo. Políticas que sejam estruturantes, integradoras, que atendam à realidade como um todo e proporcionem um desenvolvimento sustentável a nível individual, coletivo e regional.

No Sul do Brasil já existem assentamentos de sucesso, com alto índice de produtividade e riquezas. É possível levar esse sucesso para outros assentamentos no país, mas, para isso, os indivíduos necessitam se unir mais, se organizar e fazem-se essenciais mais políticas públicas que auxiliem esses assentamentos em suas infraestruturas e demais demandas (MELGAREJO, 2001). Uma das formas de divulgar esses casos de sucesso que existem é através de projetos de capacitação de técnicos que prestem assistência técnica aos assentamentos rurais. Se os técnicos que prestam assistência entenderem, acreditarem e se apropriarem desse

conhecimento, ficará fácil a transmissão para os agricultores. E para repassar esse conhecimento para os jovens, a capacitação dos professores é essencial. O jovem rural em contato com professores que se envolvam no processo, que compreendam e que estimulem a vida no campo e a realidade local, desejarão ter maior participação e um fortalecimento de crenças e valores em relação ao local onde habitam.

Para uma redistribuição de terras e riquezas com maior justiça, o incentivo do Estado para a agricultura familiar é de fundamental importância, pois a agricultura familiar traz oportunidades para menos favorecidos, gera emprego, renda, aumenta a produtividade interna de alimentos no país, traz dignidade a pessoas que a tinham perdido, auxilia na dinamização técnico-econômica, ambiental e social do meio rural (MEDEIROS & LEITE, 2004).

Com incentivos e valorização da agricultura familiar vindos do governo, com uma macro política pública para a estruturação dos assentamentos, para a agricultura familiar, para a juventude rural e havendo mais prosperidade nos assentamentos, aumenta-se a probabilidade dos jovens rurais não quererem ir morar na cidade, pois o campo será suficientemente atrativo para eles. Havendo mais geração de riquezas no meio rural, a visão de “roceiro sem futuro” tem maiores chances de mudar.

Havendo mais incentivos públicos que valorizem a juventude rural e proporcionem mais possibilidades da continuidade deles nas atividades da família, aumenta-se a probabilidade deles não quererem abandonar o campo. E é necessário destacar que a elaboração de políticas públicas é importante. Não somente a elaboração, mas também o fácil acesso a elas. Havendo incentivos suficientes, infraestrutura, terra, geração de renda, educação transformadora e lazer para os jovens rurais, aumentam-se as chances deles não deixarem o que é deles por direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desta pesquisa foram atingidos. Pode-se diagnosticar crenças e valores nos jovens rurais, tal como diagnosticar as demandas deles e fortalecer através de métodos educacionais crenças e valores em relação a eles mesmos, ao campo e à vida.

Os humanos são seres sociais que estão inseridos em um contexto mais amplo. Por este motivo, como educadores não devemos fortalecer e centrar valores nos sujeitos apenas relacionados aos seus próprios interesses, desconsiderando os interesses de uma coletividade mais ampla. Trabalha-se com valores egoísticos para auxiliar a fortalecer a autoestima desses jovens. Egoístico no sentido que eles podem se valorizar como pessoas e mais fortalecidos no seu eu. É importante que eles tenham uma autoestima mais elevada, uma imagem não menor de outros indivíduos que têm na sociedade. Eles merecem e tem o direito de existir como qualquer outro ser. Esses jovens podem ter as mesmas aspirações e mesmos desejos que qualquer outra pessoa. Esses sujeitos podem ter uma vida equilibrada e sustentável, onde há equilíbrio com seus interesses e os interesses do planeta. O equilíbrio não é valorizar só o eu ou mais o outro do que eu, tem que haver equilíbrio entre interesses pessoais, sociais e planetários.

O jovem em geral é aberto a mudanças, são eles que puxam as mudanças, as grandes mudanças de valores em uma sociedade e em uma cultura, exatamente porque eles estão em um processo de formação de valores, e, com isso, eles não têm o sistema cristalizado e consolidado. Não é possível visualizar mudança de crenças e valores em curto e médio prazo. Se a mudança foi revelada, como é o caso desta pesquisa, foi porque a mudança já estava em processo de formação, mesmo que “embrionária”. Este trabalho foi a culminância que fez emergir o fortalecimento de crenças e valores que já estavam dentro daqueles jovens. As crenças e os valores estão enraizados nas pessoas, no sistema de cada indivíduo, no sistema social e no sistema cultural. Atividades pontuais não são capazes de prover mudanças. Esta experiência não se restringe ao que foi pesquisado e deixa questões a serem aprofundadas.

A experiência não teve a intenção ingênua de bastar-se por si só para mudar os rumos da realidade daqueles jovens. No entanto, auxiliou a fortalecer crenças e

valores que os ajudem a ter mais liberdade e autonomia para realizarem seus sonhos na localidade onde moram e a fortalecerem a agricultura familiar naquela região.

Para um trabalho que foi pontual, que teve um curto tempo de inserção, foi uma grande conquista, mas não pode ser finalizado apenas com esta experiência, faz-se importante a continuidade deste processo. Só se mudam crenças e valores se tem um processo contínuo de formação e fortalecimento dessas. Apesar das adversidades na educação é possível fortalecer os jovens com métodos de ensino diferenciados, que trabalhe com o ser humano inteiro e os valorize. Se com sete encontros pontuais este trabalho já conseguiu sensibilizar e fortalecer crenças e valores nos jovens, a escola que está o tempo inteiro com os jovens pode fazer muito mais. A escola pode assumir o papel e dar continuidade ao processo através de mudanças em suas práticas pedagógicas. Para a escola dar continuidade, vê-se a necessidade de capacitação dos professores através de cursos de formação vinda de projetos governamentais e não governamentais, além de mais políticas públicas para a agricultura familiar, para a educação, cultura e juventude rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Juventude rural: ampliando as oportunidades**. In: Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Brasília, v.1, n.1, 2005.

ALENTEJANO, P. **Estrutura Fundiária**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 353-359.

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valorização**. São Paulo: Contexto, 2007.

ANASTÁCIO, M. E. **Juventude e novas mentalidades no cenário rural**. In: CARNEIRO, M. J; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBOSA, L.. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BARCELLOS, S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil: breve contextualização e reflexões**. In: I Seminário Nacional de Juventude Rural e Políticas Públicas. Brasília: 2012.

BARDI, A.; SCHWARTZ, S. H. **Values and behavior: strength and structure of relations**. Pers Soc Psychol Bull, n.29, p.1207, 2003.

BEM, D.J. **Beliefs, Attitudes, and Human Affairs**. Brooks/Cole: Belmont, California, 1970.

BEM, D.J. (2004). **Cornell University. Introduction to Beliefs, Attitudes, and Ideologies.** Disponível em: [http://comp9.psych.comell.edu/courses/Psych4891Introduction to](http://comp9.psych.comell.edu/courses/Psych4891Introduction) Acesso em: 01 nov. 2013.

BEURON, T. A.; SCHUCH, V. F.; MADRUGA, L.R.R.G.; CARPES, A. M. **Relações entre os valores pessoais e os comportamentos ecológicos no contexto da sustentabilidade.** Revista ibero-americana de ciências ambientais, v. 3,pp. 6-22, novembro de 2012.

BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1992.

BOFF, L. **Ethos mundial: Um consenso mínimo entre os humanos.** Brasília: Letraviva, 2000.

BRASIL, A.A; CHACON, S. S.; SOUZA, F. L. M.; BEZERRA, F. N.; LOPES, E. R. N. **Desenvolvimento Sustentável e Reforma Agrária: um estudo na Associação Assentamento Rural Irmãos Brasil – Assaré/CE.** In: VIII SOBER Nordeste, novembro de 2013.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** Santos: Renovada, 2000.

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos.** São Paulo: HUCITC, 2000.

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável.** Brasília: MDA/SAF/DATER-2007.

CARNEIRO, M. J. **Juventude e novas mentalidades no cenário rural**. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.

CASTRO, E. G. **Juventude do campo**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 437-445.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S. L. F.; RODRIGUES, M. E. B.; CARVALHO, J. G. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CASTRO, E. G. **Balanças e perspectivas**. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos: em busca de novos paradigmas na educação física**. Campinas/SP: Papyrus, 2006.

CRAIG, G. **The EFT manual**. Santa Rosa, CA: Energy Psychology Press, 2010.

DENZIN, N. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.

FISHBEIN, M. & AJZEN, I. **Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.

GADOTTI, M. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2010.

GARCIA, V. P. **Desenvolvimento das famílias empresárias**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

GUANZIROLI, C.; ROMEIRO, A.; BUAINAIN, A. M.; SABBATO, A.; BITTENCOURT, G. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

HITLIN, S.; PILIAVIN, J. A. **Values: reviving a dormant concept**. Annual Review of Sociology, v.30, pp.359- 393, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário 2006**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em: 01/05/2013.

_____ **Censo agropecuário 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em: 01/05/2013.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, T. C. S. **A documentação no cotidiano da pesquisa: algumas considerações acerca do diário de campo**. Revista Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2007.

LORTHIOIS, C. **Exercícios de pedagogia profunda: uma inclusão da alma na educação**. São Paulo: Paulus, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU-EDUSP, 1986.

MARTINS, J. S. ***A Questão Agrária brasileira e o papel do MST.*** In: STÉDILE, J. P. (org.). ***A Reforma Agrária e a luta do MST.*** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ (org.). ***Travessias: estudo de caso sobre a vivência da reforma agrária nos assentamentos.*** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MEDEIROS, L. & LEITE, S. ***Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional.*** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MELGAREJO, L. ***O desenvolvimento, a reforma agrária e os assentamentos: espaços para a contribuição de todos.*** In: Revista Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, Porto Alegre, v.2, n.4, out./dez.2001.

MINAYO, M. C. S. (org.) ***Pesquisa social: teoria, método e criatividade.*** 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

NEVES, D. P. ***Agricultura familiar.*** In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). ***Dicionário da Educação do Campo.*** São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 32-40.

OLIVEIRA, M. L. R. ***Formação dos assentamentos rurais na região integrada de desenvolvimento do Distrito Federal.*** In: Revista ACTA Geográfica, Boa Vista, v.6, n.12, mai./ago.2012.

OLIVEIRA, R. S. ***Expectativas quanto ao trabalho: um estudo com jovens que vivem em assentamento rural no município de São Francisco do Pará.*** In: Amazônia: Cia. & Desenvolvimento, Belém, v. 2, n.4, jan./jun.2007.

ORLICK, T. ***Vencendo a competição.*** São Paulo: Círculo do Livro, 1989, pp. 14-30.

PATO, C. M. L. ***Comportamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais.*** Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PATO, C. M. L. **Valores ecológicos**. In: CAVALCANTE, S. & ELALI, G. A. (orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. pp. 296-307.

PLOEG, J. D. **Sete teses sobre a agricultura camponesa**. In: PETERSEN, P. (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, pp. 18-30.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RANIERI, S. B. L. **Retrospecto da reforma agrária no mundo e no Brasil**. In: SPAROVEK, G. **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2003, pp. 37-47.

RIBEIRO, S.; FERREIRA, A. P.; NORONHA, S. **Educação do Campo e Agroecologia**. In: II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: Free Press, 1973.

_____. **Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change**. San Francisco: Jossey- Bass, 1968.

SAMPLES, B. **Mente aberta, mente integral: uma visão holonômica**. São Paulo: Gaia, 1990.

SAUER, S. **Reforma agrária e geração de emprego e renda no meio rural**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998.

SCHEIBE, K. E. **Beliefs and values**. New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1970.

SCHEIN, E. **Organizational psychology**. New Jersey: Prentice-Hall, 1965.

SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. **Toward a universal psychological structure of human values**. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 53, pp. 550-562, 1987.

SCHWARTZ, S. H. **Universals in the content and structure of values: theory and empirical tests in 20 countries**. In: ZANNA, M. **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, 1992.

SCHWARTZ, S. H. **Are there universal aspects in the structure and contents of human values?** *Journal of Social Issues*, n.50, p.19-45, 1994.

SCHWARTZ, S. H. **Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intercultural; validade e aplicabilidade da teoria de valores**. In: TAMAYO, A.; PORTO, J. B. **Valores e comportamento nas organizações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SILVA, C. E. M. **Desenvolvimento sustentável**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 204-210.

SILVA, M. A. B. R. **A Escola Boa Vista e o Assentamento Vereda I: Organização Social, Educação do Campo e Cultura**. Monografia de graduação - Universidade de Brasília, 2009.

SORBARA, A. J. **Gestão baseada em valores: o papel dos valores nas organizações, síntese e análise de três metodologias de implementação de gestão baseada em valores**. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004.

SOUZA, F. E. **Uma geografia escolar para o fortalecimento da identidade territorial dos alunos transportados do campo para a cidade no município de Goiás**. In: XII Encontro Nacional dos Geógrafos, Porto Alegre, julho de 2010.

STÉDILE, J. P. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Atual, 1997.

_____. **Reforma Agrária**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 657-667.

_____. **Questão Agrária**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 639-645.

STEINER, R. **Educação na puberdade: o ensino criativo**. 2 ed. São Paulo: Antroposófica, 1996. Tradução: Rudolf Lanz.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente: A reconstrução da ruralidade e a relação sociedade/natureza, Curitiba, Editora da UFPR, n. 2, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiros das Rodas de Conversa.

Primeira Roda de Conversa

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Lazer	Diversões	<p>Folia do Divino Espírito Santo; Assistir o jogo do São Paulo; Ver o jogo do mengo; Andar a cavalo; Girar folia; Escutar músicas; Estar com os amigos; Facebook; Ir à festas; Banhar no rio; Assistir à liga dos campeões; Criar aparelhos eletrônicos; Ir no rio no domingo; Consertar aparelhos eletrônicos; Ir para a escola; Curtir Racionais; Jogar vôlei e futebol; Facebook; Jogar bola; Diversão; Esporte; Estudar; Internet; Sair com os amigos; Brincadeiras; Assistir liga dos campeões da Europa; Zueira; Cuidado; Sair com a família; Amar a natureza e a vida; Curtir ao ar livre; Ir na cachoeira; Estudar e ver os amigos; Brincar com os bichos de estimação; Internet; Praticar esportes: jogar bola, natação; Forma de viver: comer alimentos naturais, plantar árvores; Diversões: cinema, festas, internet facebook; Passeios: viagens com os pais, girar folia, andar a cavalo; Diversão entre os amigos: festas, conhecer pessoas novas; Viagens: ter mais conhecimento, conhecer línguas diferentes; Caminhar; Curtir: a natureza, os animais, a família, a vida, amar, dar valor.</p>
Qualidade de vida	O que acha de melhor na vida	<p>Poder estudar para no futuro ter uma vida melhor; Estar com quem eu gosto; Curtir um bom rock; Ouvir o hino do flamengo; Churrasco em família; Jogar queimada; Estar com a família e com os amigos; Fazer o que eu gosto; Ser livre; Compartilhar tudo com as pessoas que você gosta; Ser uma pessoa de caráter; Boa relação com a natureza e com o meio ambiente; Boa relação com a família; Zueira; Educação; Trabalho; Fazer exercício físico; Educação melhor; Alimentação saudável; Trabalho; Lazer; Curtir racionais; Boa relação com os vizinhos; Ser feliz por ser vaqueiro; Paz; Sabedoria; Amor; Lazer; Boa convivência com todos; Estudo: faculdade, concurso, trabalho, casa própria; Saúde: comer bem, exercício físico; Família: união, confiança; Felicidade: fazer o que gosta, farriar, namorar, ir a festas, ter amizades, ter harmonia, viver; Fazer exercícios: natação, andar de bicicleta, andar a cavalo; Viver em família: união, ter saúde, amar ao próximo; Dormir; Nos alimentar bem:</p>

		comer frutas e verduras; Ser feliz; Ter respeito.
--	--	--

Segunda Roda de Conversa

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Problemas nos Assentamentos	Início da formação dos assentamentos	No início, falta de energia elétrica, dificuldade para adquirir as terras; estradas péssimas, falta de transporte público, falta de educação, de saúde e de saneamento básico.
Problemas nos Assentamentos	Dias atuais Infraestrutura	Hoje em dia, falta de transporte público, pois é só um por dia e sempre quebra e a passagem ainda por cima é caríssima; Falta d'água em muitas chácaras; Muita queda de energia elétrica durante o período de chuva e neste período as estradas ficam piores também.
	Dias atuais Segurança	Falta de segurança.
	Dias atuais Problemas ambientais	Muito desmatamento todo ano para plantar roça e criar animais; muita queimada todo ano, quando alguns vão queimar lixo, às vezes, nesta época, acaba pegando fogo em todo o mato;
	Dias atuais União entre as pessoas	Desunião entre as pessoas, briga por terra com água, não muita, mas tem.
	Dias atuais Educação	Falta muitos recursos no assentamento, por exemplo, para fazer um curso de informática, estou tendo que ir pra cidade, pois aqui não tem; Falta muita oportunidade de trabalho; Falta uma sala de informática na escola que funcione e professores mais capacitados para nos dar aula; Falta um laboratório de ciências na escola.
	Dias atuais Saúde	Falta recursos médicos nos assentamentos, por exemplo, soro antiofídico, se alguém for picado por cobra, tem que viajar até Padre Bernardo ou Braslândia, se não morrer antes.
	Dias atuais Políticas públicas de investimento nos assentamentos	Abandono dos órgãos federais, estaduais e municipais que fazem promessas e não cumprem; Falta recurso e capacitação para nossos pais investirem na terra.

Terceira Roda de Conversa

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Dinheiro</p>	Pouco dinheiro	Salário baixo; Eu queria ajudar minha família com dinheiro e não tem como eu trabalhar para ajudá-los.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Família</p>	Questões familiares	Dificuldade com meu pai, eu e ele não nos damos muito bem; Perder quem a gente ama, porque ontem fez cinco meses que meu tio faleceu; Meus pais brigam muito; Sentimento de perda do meu tio; Brigas entre meus pais; Desunião na família, brigas a respeito de religião; Dificuldade: a perda do meu pai, a pessoa mais importante que já tive; A minha dificuldade é bem simples, mas bem doída. Meu pai não deixa eu namorar a pessoa que eu amo; Morte do meu pai no começo do ano passado, ele faz muita falta e isso me deixa muito triste já que meus irmãos ainda são bem pequenos. Eu fico muito emocionada; Meus pais não estão muito bem de saúde, por isso eles não conseguem trabalhar em serviços que ganham bem; O meu avô está com começo de câncer e está muito difícil pra mim.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Saúde</p>	Problemas de saúde	Minha saúde frágil na infância; Dificuldade para conseguir meus tratamentos de vista que é muito sério.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Oportunidades</p>	Falta de oportunidades	Dificuldade para arrumar um bom emprego; Falta de oportunidade para diversos tipos de coisas como emprego e diversão, mas minha vida é boa, não me falta nada.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Medo</p>	Medos	Tenho medo de perder minha família; Medo da minha família querer ir embora daqui; Medo de ir embora para sempre daqui; Tenho dificuldades em prosseguir a formar o meu futuro com a injustiça que temos em nosso país, medo de isso atingir o meu caráter; Timidez; Medo; Raiva e medo de perder alguém da minha família; Medo de espíritos; De ver meu time do coração São Paulo na zona do rebaixamento. Isso é muito triste pra mim.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Segurança</p>	Injustiça	Não me conformo com o policiamento brasileiro por causa da morte do meu pai que por sinal não foi feita justiça ainda.
<p>Maiores dificuldades da sua vida</p> <p style="text-align: center;">Infraestrutura</p>	Transporte	Dificuldade no transporte.

Apêndice B – Roteiro da Observação Participante.

- 1) Observação de problemas ambientais no assentamento e na escola.
- 2) Observação do comportamento dos alunos uns com os outros, união da turma.
- 3) Observação da troca e receptividade das atividades que estavam sendo desenvolvidas.

Apêndice C – Roteiro da Entrevista Semiestruturada com agricultor.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Agricultor	Trajatória	Nasceu em Águas Linda/GO e foi criado em Padre Bernardo/GO. Foi um dos primeiros a receber terra no Assentamento Boa Vista.
Assentamento Boa Vista	Formação do Assentamento	A Fazenda Boa Vista tem hoje 134 famílias. Em 1998, reunião com pessoas do MST de todo o entorno do DF. Em 10 de setembro de 1998 teve a 1ª reunião com MST. Em 28 de setembro de 1998 houve mobilização saindo de Braslândia, foram quase mil pessoas acampadas na Fazenda Boa Vista. Algumas pessoas conseguiram muitas doações (alimentos, mantimento), havia muita união entre os acampados. Naquele momento vi que o MST não era bagunça. A fazenda Boa Vista foi a primeira a ser dividida. Pra mim foram poucos meses para conseguir terra, outras demoraram mais um pouco. Houve confronto para ter acesso à terra de outras fazendas além da Boa Vista. A fazenda Boa Vista foi a mais tranquila, pois foi o fazendeiro que procurou o MST pedindo pra ocuparem a fazenda dele, pois ele queria vender a fazenda e o preço que o Incra estava pagando era superior ao valor de mercado. Hoje em dia são cerca de 500 famílias nos 5 assentamentos: Boa Vista, Vereda I, Vereda II, Água Quente e Baixão.
Dificuldade	Maiores dificuldades no Assentamento Boa Vista	Segurança, transporte e saúde. Muito jovens trabalham na cidade e voltam final de semana.
	Segurança	Assaltos às casas. Vem de fora com a ajuda dos de dentro. Tráfico maconha. Assaltos aos mercadinhos dos assentamentos, já chegam espancando as pessoas, violência. Não tem hora, qualquer hora do dia.
	Transporte	Uma vez por dia, caindo aos pedaços. Vai até o Tático de Ceilândia e volta. Cadeiras quebradas. Transporte caro e ruim: R\$ 15 a passagem.
	Saúde	Tem posto de saúde ao lado do colégio. Tem médico de uma a duas vezes por semana.
	Problemas ambientais	Terra - Parece boi, carne de primeira e carne de pescoço. Tem terra boa e muito ruim. Tem gente que tem água na terra e tem gente que não tem nem poço d'água. Prefeito de Padre Bernardo chegou a fazer caixa d'água para a população, mas roubou o dinheiro, não concluiu a caixa d'água, ficou uma caixa d'água quase pronta, ficou faltando tampa. A caixa d'água já atende à comunidade, mas sem tampa, pássaros e outros animais morrem dentro e depois aquela água vai para

		<p>a população dos cinco assentamentos. Lixo – resto de alimentos vai para galinhas, porco, cachorro, todos tem pelo menos galinha. Plástico, metal e papel a gente queima, todos queimam.</p> <p>Fossa – Cava buraco para o que sai da privada, o que sai das pias e chuveiro vai para as plantações.</p> <p>Plantios – Tem uns que só tem para o próprio consumo. Outros plantam pra vender – maxixe, mandioca, feijão, entre outros. Os que vendem, vendem pra atravessador que vem aqui comprar e revender no Ceasa de Ceilândia. Eles compram a caixa por uns R\$ 20 e vendem no Ceasa por uns R\$ 50 a R\$ 80.</p>
Colégio	Formação	<p>A escola começou em 1999 em uma casinha de palha. A construção da escola ensino fundamental e médio, esta estrutura que tem hoje, foi feita no ano de 2004. Aqui nos cinco assentamentos nós somos muitos, nós temos poder voto, nós temos um poder político. Em 2003/2004 fizemos uma grande mobilização reivindicando educação nos assentamentos para o Prefeito de Padre Bernardo. Ele pressionado e vendo que somos um poder de voto, somos votos, ele logo tratou de pegar uma verba que tinha saído para a educação vinda do governo federal e construiu esta escola maravilhosa que hoje temos, uma escola referência nacional, escola dentro de assentamento. Temos muitos alunos matriculados. O colégio é muito bom. A maioria dos professores são daqui do assentamento. A escola possui transporte para pegar os alunos nos cinco assentamentos e fazendas aos arredores, transportes muito bons: 4 ônibus, 3 Kombi e 2 carros.</p>
Terras	Título das terras	<p>Após o recebimento da terra, cada agricultor recebeu um financiamento pelo Banco do Brasil de R\$ 12.000 com 5 anos de carência para pagar tudo ou negociar. Após receber a terra, o agricultor recebia o financiamento e um técnico do governo fazia um projeto para a propriedade, para o agricultor investir os R\$ 12.000. O ideal seria o técnico fazer o projeto e acompanhar o projeto, acompanhar o investimento. Isto não foi feito, o técnico só fez o projeto e foi embora e o resultado disso foi que muitos agricultores não souberam investir o dinheiro direito e faliram, não conseguiram produzir nem para seu próprio consumo. Os que não conseguiram produzir nem para seu próprio consumo, venderam os lotes e foram para as periferias das cidades satélites (Brasília e Ceilândia principalmente) procurar emprego e viver de aluguel e as pessoas que compraram as terras deles, a maioria funcionário público do DF, esses, tem dinheiro para investir na terra. Alguns que faliram, não desistiram, que nem eu. Venho</p>

		conseguindo plantar pelo menos para meu próprio consumo, mas não consegui pagar o financiamento do Banco do Brasil e como eu tem mais uns quantos. Essa dívida que temos no Banco do Brasil dificulta muito nossa vida, pois com dívida não conseguimos pegar outros financiamento, com dívida não conseguimos o título da terra (após 10 anos é possível), não conseguimos comprar a terra e nem investir nela. Alguns agricultores que conseguiram pagar o financiamento, hoje em dia pegam outros financiamentos e ao invés de investir na agricultura, tem muitos que investem em suas casas.
	Plano Diretor Ambiental (PDA)	Não tem ainda, falta técnico para nos orientar e ajudar.
População do Assentamento Boa Vista	De onde vieram	Das pessoas que fazem parte do assentamento, mais ou menos 70% vieram de área rural, nordeste para o DF ou do entorno do DF mesmo. Antes de vir para os assentamentos, a maioria morava em Água Lindas, Padre Bernardo, Braslândia, Ceilândia e Taguatinga. Tiveram uns 30% que vieram apenas pegar a terra e revender.
	União	No início as pessoas dos assentamentos eram muito unidas, agora, mais ou menos.
	Por que vieram para o assentamento	Muitos de nós viemos para assentamento por não suportar o excesso de violência nas cidades satélites e por muitas dificuldades financeiras na cidade.
	Jovens	Muitos jovens daqui quando terminam o ensino médio vão para a cidade estudar, trabalhar e se divertir. Aqui não tem opção pra eles de trabalho e lazer.

Apêndice D – Roteiro da Entrevista Semiestruturada com coordenadora pedagógica da escola.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADOR
Coordenadora pedagógica	Trajatória	Acampei junto com os outros na fazenda Boa Vista em 1998. Somente em 2001 fui conseguir a terra. No início, o governo doou R\$ 500 para comprar materiais de construção para construirmos nossa casa. Naquela época R\$ 500 até que deu pra construir, sem acabamento, é claro. Até hoje ainda não consegui fazer muita coisa de acabamento na nossa casinha. Depois veio o financiamento de R\$ 12.000, mas com esse dinheiro, nem conseguimos fazer muita coisa.
Escola	Alunos	Temos 370 alunos matriculados no Ensino Fundamental e 52 alunos matriculados no Ensino Médio. A melhor turma para você trabalhar são os alunos do 1º ano do Ensino Médio. São cerca de 28 alunos de 15 a 18 anos de idade, super receptivos e interessados por coisas novas. Eles vão gostar de gente nova na sala. Eles são tranquilos. A maioria dos alunos do 1º ano são filhos de assentados, pois a escola não atende só filhos de assentados, a escola atende toda esta região rural, estudam conosco também muitos filhos dos caseiros das fazendas. A maioria desses jovens foram alfabetizados por mim.
	Professores	Temos seis estagiários que dão aula, esses, são todos moradores daqui do assentamento Boa Vista. Temos cinco professores de contrato seletivo, um deles é daqui do assentamento, os outros quatro são de Padre Bernardo. Temos três professores concursados, os três são daqui do assentamento e eu sou uma dos três.
Dificuldades	Dificuldades do Assentamento Boa Vista	Estilo de Reforma Agrária deste país. Falta de investimento do governo. A maioria dos assentados não tem origem rural, vendem a terra. Governo precisa fazer triagem.
	Dificuldades da escola Alunos	Há muita rotatividade de crianças e jovens na escola. Têm muitos assentados que vendem seus lotes e vão embora e tem muitos filhos de caseiros das fazendas que os pais vão embora da região também. Alunos às vezes somem da escola para trabalhar, para ter dinheiro, para ter roupa, para ter lazer, para ajudar os pais. No assentamento não tem lazer para os jovens. Muitos alunos dizem que o maior lazer deles é ir pra escola. A maioria dos jovens que concluem o ensino médio aqui, depois vão para a cidade em busca de emprego ou fazer uma faculdade. Acho que se tivesse faculdade aqui os jovens não iriam embora pra cidade.
	Dificuldades da escola	Na escola, tem 8 computadores, mas

	Estrutura	5 são novos e não funcionam, jovens quase não tem acesso a computador e internet na escola. Na escola só tem dois computadores com internet e ainda é muito lenta, o computador da secretaria e o computador dos professores. Os professores ficam se revezando para fazer pesquisas para as aulas e muitas vezes nem conseguem pela internet ser muito lenta. Alguns alunos tem acesso a computador e internet em casa, eles gostam muito, só falam nisso.
Jovens	Lazer	Um dos lazeres que os jovens tinham era auxiliar na rádio comunitária que tinha aqui. Em 2005 com o apoio da rádio Rala Côco da UnB, foi criada uma rádio aqui na comunidade. Os jovens eram bem animados e envolvidos com a rádio, mas após 4 anos sem investimento, sem propaganda, sem entrada no caixa, os aparelhos da rádio foram ficando desgastados, velhos e não tínhamos dinheiro pra arrumar, e aí tivemos que acabar com a rádio. Foi uma pena, pois era um dos lazeres que os jovens tinham.

Apêndice E – Primeira Entrevista Estruturada (questionário aberto) - jovens.

UnB-FUP



Essa pesquisa é importante para o Brasil e seu auxílio em responder é muito valioso. Aqui têm questões que fazem parte do seu dia-a-dia.

Este questionário não é uma prova, não existe certo e errado, o que mais vale aqui é **sua sincera opinião**.

É importante que você preencha **TODO** o questionário.

Leia atentamente a cada questão. Em algumas questões você marcará apenas uma alternativa e, em outras, poderá marcar mais de uma alternativa. Suas respostas serão sigilosas.

Pesquisadora – Larissa Moura Hoffmann – biolara84@gmail.com

- 1) **Para você, meio ambiente é (uma alternativa):**
 - a) o mesmo que natureza.
 - b) seres vivos e recursos (ar, água, solo e alimentos).
 - c) animais e plantas.
 - d) o lugar onde todos os seres vivos (plantas, animais e seres humanos) habitam e se relacionam uns com os outros.
 - e) o lugar onde os seres humanos vivem.
- 2) **Indique abaixo qual opção que para você contém elementos que fazem parte do meio ambiente (uma alternativa).**
 - a) a mata, o rio e a sua casa.
 - b) o solo, os animais e as ruas.
 - c) o ar, a água e os insetos.
 - d) os morros, o campo e o terreno do seu vizinho.
 - e) todas as respostas anteriores.
- 3) **Para você o solo (uma alternativa):**
 - a) é o espaço de onde surgem as plantas.
 - b) serve como apoio para os seres vivos.
 - c) é a região do meio ambiente composta por minerais.
 - d) é a região do meio ambiente de intensa atividade de microrganismos composta também por elementos minerais, como água e rocha, por exemplo.
 - e) é o local de onde se obtêm areia e pedras.
- 4) **Na sua opinião, o ar serve para (uma alternativa):**
 - a) os seres vivos respirarem.
 - b) como fonte para reprodução de energia.
 - c) refrescar (vento).
 - d) ajudar na reprodução das plantas.
 - e) todas as respostas anteriores.
- 5) **Para você, a floresta é (uma alternativa):**
 - a) lugar onde há muitas plantas e serve de morada para os animais.
 - b) ambiente onde há muitas árvores e pode ou não ter animais.
 - c) lugar bonito onde os animais vivem.
 - d) ambiente fechado e escuro onde pode haver perigo.
 - e) ambiente que oferece abrigo e alimento para animais e plantas e de onde o ser humano pode extrair recursos.
- 6) **Para você, quais as maiores dificuldades ambientais do Assentamento onde vive (mais de uma alternativa).**
 - a) Falta d'água.
 - b) Solo fraco para o plantio.
 - c) Desmatamento.
 - d) Queima de lixo – poluição do ar.
 - e) Excesso de lixo.
 - f) Todas as opções acima.
 - g) Outro: _____

7) O que é conservação ambiental pra você?

8) Quais ações abaixo você faz em seu dia-a-dia (mais de uma alternativa)?

- a) Separação de lixo;
- b) Reutilização de plásticos;
- c) Reutilização de vidros;
- d) Economiza água ao tomar banho (banho rápido);
- e) Planta árvores;
- f) Trata bem animais domésticos;
- g) Trata bem animais silvestres;
- h) Se alimenta de verduras e frutas que sua família planta;

9) Qual o maior problema que você vê no Assentamento onde vive (mais de uma alternativa)?

- a) Uns tem terreno maior que os outros.
- b) Uns tem terreno com mais água e fertilidade que os outros.
- c) Violência, assaltos.
- d) Desunião entre as pessoas..
- e) Outro _____.

10) Destaque abaixo o que mais gosta de fazer quando tem tempo livre (mais de uma alternativa):

- a) Nadar no rio;
- b) Andar de bicicleta;
- c) Andar a cavalo;
- d) Auxiliar os pais nos afazeres da roça;
- e) Ver televisão;
- f) Ficar no computador/internet/jogos;
- g) Ficar com os amigos;
- h) Ir para festas na cidade;
- i) Outro _____.

11) Você assiste televisão?

- a) Sim
- b) Não

12) Se sim, mais ou menos quanto tempo por dia?

- a) Uma hora por dia.
- b) Duas horas por dia.
- c) Três horas por dia.
- d) Quatro horas por dia.
- e) Outra _____.

13) Você usa computador (para trabalhos de casa, jogos, pesquisa, etc.)?

- a) Sim
- b) Não

14) Se sim, mais ou menos quanto tempo por dia?

- a) Uma hora por dia.
- b) Duas horas por dia.
- c) Três horas por dia.
- d) Quatro horas por dia.
- e) Outra _____.

15) O que você pretende fazer quando concluir o Ensino Médio?

- () i) Poder ir para a escola todos os dias, fazer amizades e obter novos conhecimentos;
- () j) Trabalhar e auxiliar os pais em casa;
- () l) Poder viver na cidade e ter acesso a tecnologias e festas;
- () m) Morar na área rural, mas poder ir sempre à cidade comprar roupas e ir à festas;
- () n) Outro:_____.

Série/ano que está _____ Idade _____ Sexo:Feminino () Masculino ()
Assentamento em que mora _____
Tempo que mora no Assentamento _____

Apêndice F – Segunda Entrevista Estruturada (questionário aberto)

- jovens.



UnB – FUP

Essa pesquisa é importante para o Brasil e seu auxílio em responder é muito valioso.

Este questionário não é uma prova, não existe certo e errado, o que mais vale aqui é **sua sincera opinião**.

É importante que você preencha **TODO** o questionário.

Leia atentamente a cada questão. Em algumas questões você marcará apenas uma alternativa com um “X” e, em outras, escreverá sua opinião. Suas respostas serão sigilosas.

Pesquisadora – Larissa Moura Hoffmann – biolara84@gmail.com

1) **As oficinas desenvolvidas com a professora Larissa te trouxeram algo de positivo?**

- () a) SIM
() b) NÃO

2) **Se sim, o que de positivo te trouxe?**

3) **Essas oficinas desenvolvidas te trouxeram algo positivo em relação às possibilidades de aprendizado na Escola do Campo?**

- () a) SIM
() b) NÃO

4) **Essas oficinas te trouxeram algo positivo em relação à frase “você pode conseguir o que quiser, basta acreditar e se esforçar”?**

- () a) SIM
() b) NÃO

5) **Essas oficinas te trouxeram algo positivo em relação às boas esperanças de uma vida no campo?**

- () a) SIM
() b) NÃO

6) **Algo mais de positivo em relação às oficinas desenvolvidas por este trabalho que você queira dizer?**

7) **Acha que é possível viver no campo e realizar seus sonhos?**

- () a) SIM
() b) NÃO

8) **Acha que as oficinas com jogos cooperativos auxiliaram a deixar a turma mais unida em busca de um mesmo ideal?**

() a) SIM

() b) NÃO

Série/ano que está _____ Idade _____ Sexo: Feminino () Masculino ()

Assentamento em que mora _____

Tempo que mora no Assentamento _____

ANEXO A – Poesias dos jovens e música de um jovem

POESIAS

O amor

O verdadeiro sentimento transborda
Sabedoria e felicidade
Afeto e amor ao próximo
E principalmente a união da humanidade

A união no dá força e compreensão
Para superar os obstáculos e ter
Mais harmonia no coração

A família mais unida com certeza tem
Muito mais amor
E com uma pitada de felicidade com certeza tem
Mais sabor

Na vida devemos ter mais alegria
Para assim termos mais sabedoria
E com amor no coração, e,
Assim, ajudamos nossos irmãos.

Família Unida

A família mais unida,
É a que afeta todo dia,
Muito amor e alegria,
Paz, união e sabedoria.

Para superar obstáculos,
Tem que ter uma família unida,
Para criar forças
Com muito amor e alegria.

A família tem amor,
A família tem harmonia,
A família tem união,

A mulher pra ser feliz,
Não basta ter dinheiro todos os dias,
Mas basta ter sentimento verdadeiro,
Por Deus e sua família.

Mãe

Mãe, palavra doce e serena,
De um significado profundo
De uma grande importância
Uma mulher guerreira
E talvez a mais frágil do mundo

Me ensinou a andar
Me ensinou a comer
E a superar obstáculos
E também me ensinou a viver

Sempre me enche de críticas
E nunca deixa me deixa errar
Não pra que eu seja perfeita
Mas pra que eu possa acertar!

Família

Família significa união
União é a verdadeira harmonia
Com paz no coração
Você viverá sempre momentos de alegria

O amor supera as adversidades
O amor é ilimitável
O amor traz felicidades
Para quem ama tudo é possível

Seja forte
Não se desanime na adversidade
Pois fraco é aquele que fraco se imagina
Seja forte e tu verás a prosperidade

O entusiasmo é a maior força da alma
Tenha sobre tudo confiança

Faça aquilo que ama
A grande virtude da vida é a confiança

Desistir jamais
Lute para ultrapassar as barreiras
Ame aquilo que você faz
Nunca olhe para traz

Olhe somente para frente
Orgulhe do que você já superou
Viva alegremente
Com muita felicidade e amor

O Amor

O amor...
Abriu as portas da felicidade
Me mostrou que a vida é bela
E que vale a pena viver
Me mostra a cada dia que
Devo superar os obstáculos para
Continuar sendo feliz
Descobri que com amor e carinho
Tudo tem solução
Que com amor um mundo existe
Exclusivamente para cada pessoa
E as pessoas de mau com a vida
Precisam apenas de um amor
Para transformá-los e
Deixá-los radiantes como o
Sol que nasce e renasce
A cada dia
E precisamos vive-lo intensamente
Pois o amor muda, transforma
E faz reviver.

Traduzir-se

Uma parte de mim
É todo mundo
Outra parte é ninguém
Fundo sem fundo

Uma parte de mim é
Multidão
Outra parte estranheza
E solidão

Uma parte de mim
Almoça e janta
Outra parte se espanta

Uma parte de mim
É permanente
Outra parte
Se sabe de repente

Uma parte de mim
É só vertigem
Outra parte
Linguagem

Traduzir uma parte
Na outra parte
Que é uma questão
De vida ou morte
Será arte?

Família Unida

Minha família é muito unida e cheia de amor, felicidade e muita alegria.

Tenho uma mãe que me dá carinho, afeto, amor e alegria.

Devemos amar o próximo e ter sentimentos verdadeiros, devemos ser felizes, ter uma boa visão para ter forças e superar os obstáculos e ter bastante inteligência e sabedoria.

Ter uma mulher que me dá carinho, felicidade, alegria, compaixão e tesão.

Nós devemos lutar e conseguir o amor e a união, confiança uns pelos outros e seguir em frente com fé, sentir coisas novas e trabalhar bastante para ganhar dinheiro para o sustento da família.

MÚSICA

Nossa Hora Vai Chegar

É preciso crer que um dia você vai vencer
É preciso acreditar que um dia sua hora vai chegar
Felicidade no coração
É preciso enxergar a paz
Correr atrás dos sonhos e mais, e mais, e mais
Sentimento verdadeiro é amor
Esperança
Esquecer a dor
É preciso ter sabedoria pra viver, pra lutar e vencer
Termos mais compreensão, carinho e compaixão
Levarmos sempre a alegria no coração
Pensar em dinheiro não, nem sempre é bom, mas
Temos que ter pra viver melhor
Pense na paz
No que mais pode ser útil pra nós
Inteligência é a voz do futuro
Amor ao próximo
Não fique se magoando, saiba amar
E acreditar
Saiba vencer os obstáculos, ser feliz, amar
Amizade é chave da vida
Amor à família sempre tem que ter
É tudo que nós temos, é tudo que vamos ter
Nossa casa, nosso lar, precisamos de tudo isso pra vencer
Queremos vencer

Paz e união, muito amor no coração

É preciso ter esperança, entrar de vez nessa dança

E acreditar que um dia nossa hora vai chegar

Nossa hora vai chegar, nossa hora vai chegar, nossa hora vai chegar

ANEXO B – Minis projetos elaborados pelos jovens

Uma maneira divertida e sustentável de trabalhar com o meio ambiente

“Bom, pra começar a conversa, tenho uma ideia que por incrível que pareça defende os valores culturais e físicos da minha região.

A minha ideia vem cooperar com o ecoturismo e os festejos tradicionais como a “folia fora de época” que vai ser a ideia para chamar a atenção à iniciativa e dar o pontapé inicial.

Esse projeto consiste em trabalhar com todas as faixas etárias.

Para o público infantil podemos oferecer esportes envolvendo o ecoturismo como: trilha, a natação no rio (ambas com máxima supervisão), etc.

Além desses, será criado um espaço tipo um salão. Que será construído aproveitando os recursos naturais como a palha e o buriti, no intuito de realizar mais atividades pedagógicas envolvendo a ecologia de uma maneira divertida para os pequenos.

Para o público jovem e adulto, além do ecoturismo, nesse espaço pode-se organizar festas temáticas com base na cultura local envolvendo as tradições dessa região como a folia, onde a principal atração é a catira e também será comercializado nesse local bebidas artesanais, ou seja, drinks preparados com base nas bebidas da região, como a batida, o redi (bebida a base de alambique) que é uma bebida alcoólica produzida na região e suco de beterraba com limão, entre outros tantos. O comércio pode atender também os turistas que vão passear no rio, sendo o evento montado na beira do rio”.

Piscicultura

“Projeto – 400 peixes (R\$ 10.000); 60 sacos de ração (R\$ 2.400); Motor bomba (R\$ 1.500); Mangote (R\$ 100); Mangueira; 300 metros de tela (R\$ 300); 5 sacos de adubo; Esterco para cobrir o chão”.

Artesanato

“Investir na divulgação e venda dos crochês que as mulheres do assentamento fazem e capacitá-las para aprender a trabalhar com as fibras”.

Cesta básica

“Fazer um movimento para doação de cestas básicas para as pessoas do assentamento que não conseguem produzir alimentos e passam fome”.

Lapa

“Divulgar e fazer turismo na igreja da gruta maio. Trazer recursos para investir nisso”.

Moda de viola

“Divulgar e valorizar os violeiros do assentamento que fazem shows de moda de viola”.

Folia

“Divulgar a folia que acontecesse em junho e setembro. Trazer recursos e turistas”.

Dia de Nossa Senhora

“Divulgar e valorizar o trabalho que as rezadeiras fazem todo ano no dia de Nossa Senhora, dia 12/10”.

Turismo

“Fazer projetos de turismo para o Rio Quente e para o Rio Monteiro que ficam dentro do assentamento e são muito bonitos”.